UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

LUCAS DE ALMEIDA SEMEÃO

MILAGRES NO BRASIL (SÉCS. XVI-XVIII)

FRANCA
2020

LUCAS DE ALMEIDA SEMEÃO

MILAGRES NO BRASIL (SÉCULOS XVI-XVIII)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Cultura Social

Orientador: Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França

FRANCA

2020

S471m

Semeão, Lucas de Almeida
Milagres no Brasil (séculos XVI–XVIII) / Lucas de Almeida Semeão. -- Franca, 2020
109 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientador: Jean Marcel Carvalho França

1. História do Brasil Colonial. 2. Igreja Católica História. 3. Igreja Católica Missões. 4. Missões jesuíticas. I. Título.

ERRATA

Na página 4 de agradecimentos, onde se lê:

Agradeço ao Grupo *Escritos sobre os novos mundos* (FAPESP, processo n.º 13/14786-6), à Adriana Sivieri de Araújo Bessa, do Escritório de Apoio à Pesquisa (STAEPE), à Gabriela Giaqueto Gomes, pelo trabalho de correção, e, sobretudo, à FAPESP (processo nº 2018/16380-0), por ter financiado meus estudos.

Ler:

Agradeço ao Grupo *Escritos sobre os novos mundos* (FAPESP, processo n.º 13/14786-6), à Adriana Sivieri de Araújo Bessa, do Escritório de Apoio à Pesquisa (STAEPE), e à Gabriela Giaqueto Gomes, pelo trabalho de correção. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, nos sete primeiros meses do mestrado, e também com o auxílio da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2018/16380-0, nos dezessete meses posteriores, os quais sou muito grato.

LUCAS DE ALMEIDA SEMEÃO

MILAGRES NO BRASIL (SÉCULOS XVI-XVIII)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em História.
Área de Concentração: História e Cultura Social

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____

Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França UNESP/Franca

1º EXAMINADOR: _____

Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira (UNESP/Franca)

2º EXAMINADOR: _____

Prof.ª Dr.ª Adriana Pereira Campos (UFES/Vitória)

Franca, 03 de março de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador e inspiração intelectual, Prof. Dr. Jean Marcel Carvalho França, pela paciência, confiança e oportunidade de trabalharmos juntos, mas, principalmente, pelos saberes e valores transmitidos, que, certamente, me aprimoraram e me tornaram uma pessoa melhor. À Prof.ª Dr.ª Susani Silveira Lemos França, pela gentil disponibilidade que sempre ofereceu e por ser um exemplo de profissional para mim.

Ao Prof. Dr. Ricardo Alexandre Ferreira e à Prof.ª Dr.ª Sheila Hue, pelas considerações realizadas na qualificação. Foi um prazer tê-los na banca examinadora.

Aos membros do grupo temático "Escritos sobre os novos mundos", pelas riquíssimas discussões sobre meu projeto, realizadas nas reuniões regulares. Agradeço, em especial, ao Prof. Me. Gabriel Ferreira Gurian, à Prof.ª Me. Clara Braz dos Santos e à Prof.ª Dr.ª Ana Carolina Viotti, que nestes quatro anos de pesquisa me ajudaram muito, seja enviando livros e documentos, seja sanando dúvidas que surgiram, sempre de forma paciente, atenciosa e prestativa. Um muitíssimo obrigado aos três! Também agradeço à Prof.ª Yasmin de Andrade Leandro, pelo companheirismo desde o processo seletivo do mestrado.

À minha mãe, Eliana Aparecida de Almeida e ao meu pai, Valdimir Braz Semeão, pelo apoio inenarrável e por sempre terem confiado em mim! Ao meu Avô Manoel, por incentivar meu crescimento profissional e intelectual, e à Ana Gabriela Silva, por sempre estar ao meu lado.

Agradeço ao Grupo *Escritos sobre os novos mundos* (FAPESP, processo n.º 13/14786-6), à Adriana Sivieri de Araújo Bessa, do Escritório de Apoio à Pesquisa (STAEPE), à Gabriela Giaqueto Gomes, pelo trabalho de correção, e, sobretudo, à FAPESP (processo nº 2018/16380-0), por ter financiado meus estudos.

SEMEÃO, Lucas de Almeida. **Milagres no Brasil (Sécs. XVI à XVIII)**. 2020, 110 f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2020.

RESUMO

A crença em eventos miraculosos foi muito comum entre as gentes do Brasil dos tempos da colônia. Um dos atores centrais dessa prática foram os intercessores, homens que atuavam como uma espécie de "ponte" entre Deus e os fiéis, interpelando o primeiro em nome dos segundos. A prova da expressividade desta crença é a quantidade de vezes em que acontecimentos milagrosos foram citados nos diversos escritos em língua portuguesa, produzidos durante o período colonial, indicando que o evento milagroso era parte corriqueira do cotidiano de diversos colonos. Muitos dos intermediadores de milagres eram santos e santas já conhecidos no mundo cristão, entretanto, a partir do século XVI, mas de maneira mais significativa, no início do XVII, os mártires e varões insignes do processo de colonização passaram a aparecer, nas narrativas, como realizadores de portentos miraculosos. Tal presença cresceu notadamente ao longo do século, todavia, na virada do Seiscentos para o Setecentos, houve uma nova alteração: a diminuição gradual das narrativas milagrosas com menções a mártires e varões insignes e a diversificação dos agentes do milagre. O objetivo desta pesquisa é compreender essas variações, por meio de algumas questões colocadas à documentação da época (séculos XVI, XVII e XVIII): o que a crença nos milagres representou no cotidiano das pessoas, em uma época marcadamente religiosa, como o período colonial do Brasil? O que era entendido como um milagre? Através de quem e por quais meios os saberes acerca do milagre foram difundidos na sociedade colonial? Quem realizava os milagres? Quem os recebia? Havia lugares e momentos privilegiados de ocorrências milagrosas? Quais foram os principais tipos de milagres? E, finalmente, quem intercedia - quando havia intercessores – esses feitos milagrosos?

Palavras-chave: Catolicismo no Brasil. Religiosidade no Brasil colônia. Igreja no Brasil.

SEMEÃO, Lucas de Almeida. **Miracles in Brazil (16th to 18th centuries)**. 2020, 110 p. Dissertation (Master in History and Social Culture) – Faculty of Human and Social Sciences, Paulista State University "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2020.

ABSTRACT

The belief in miraculous events was very common among the people of colonial Brazil. One of the central actors of this practice was the intercessors, who acted as a kind of "bridge" between God and the faithful, questioning the first in the name of the second. The proof of the expressiveness of this belief is the number of times miraculous events were cited in the various Portuguese-language writings produced during the colonial period, indicating that the miraculous event was a common part of the daily life of various settlers. Many of the miracle middlemen were saints already known in the Christian world; however, from the the sixteenth century onwards, but more significantly in the early seventeenth century, the martyrs and distinguished men of the colonization process began to appear in the narratives as the performers of miraculous portents. Such a presence grew notably throughout the century, but at the turn of the Six Hundred to the Seven Hundred, there was a new change: the gradual diminution of miraculous narratives with mention of martyrs and men of distinction of miracle workers. The purpose of this research is to understand these variations, through some questions posed to the documentation of the time (16th, 17th and 18th centuries): what belief in miracles represented in the daily lives of people in a markedly religious era, such as the colonial period of the Brazil? What was the meaning of miracle? Through whom and by what means about the miracles disseminated in colonial society? Who performed the miracles? Who received them? Were there privileged places and moments of miraculous occurrences? What were the main types of miracles? And, finally, who interceded - when there were intercessors - these miraculous deeds?

Keywords: Catholicism in Brazil. Religiosity in the colony Brazil. Church in Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8
1 O MILAGRE E A CRENÇA EM FEITOS MILAGROSOS 13
1.1 Religiosidade católica e a crença em feitos milagrosos na colônia 13
1.2 O que era entendido como "milagre" e quais práticas se associaram ou derivaram desta crença 15
1.3 Os que narravam os milagres e seus meios difusores 29
2 OS ELEMENTOS QUE COMPUNHAM AS REALIZAÇÕES MILAGROSAS 33
2.1 O autor dos milagres 33
2.2 Os sujeitos dos milagres 35
2.3 Os locais e as situações privilegiados para as ocorrências milagrosas 40
2.4 Tipologia dos feitos milagrosos 51
2.5 Os intercessores 60
3 OS MÁRTIRES E OS VARÕES INSIGNES 65
3.1 Os milagres dos mártires 65
3.2 Os milagres dos varões insignes 74
CONCLUSÃO 98
REFERÊNCIAS 101
A. Documentos 101
B. Estudos 106

INTRODUÇÃO

> Estiveram as vastas e incultas regiões desta grande parte do mundo, destituídas de obreiros da fé que as cultivassem, e da luz do sagrado evangelho, que as tirassem das trevas da idolatria em que jaziam sepultadas por séculos, muito dilatados, não menos que de 6500 anos, segundo o computo mais certo. Porém, não pode a extensão de tão inumeráveis anos, diminuir em Deus a natureza de fazer bem aos homens. Amanheceu um ditoso dia, que foi o terceiro de maio de 6500 anos da criação do mundo, e 1500 do nascimento de Cristo, no qual, com maravilhoso portento, foi descoberta pelos portugueses essa até então incógnita terra. Depois de descoberta, é coisa para notar como a Providência Divina, que tudo vê, e a tudo acode, concorreu logo com os obreiros necessários para tão grande messe (porque eram inumeráveis as espécies de gentes que havia envoltas até então, nas sombras escuras de sua gentilidade), conduzindo tantos operários em número a cultivar esta sua nova vinha, que ouso a afirmar, que excederam aos Varões Apostólicos, com que Deus concorreu em diversos tempos a qualquer outra parte do mundo, por mais necessitada que fosse, computados tempos em tempos e anos por anos, que parece, se achava como arrependida a Providência Divina, dos séculos que com eles faltara a esta nossa América.[1]

Concebido como um milagre da Divina Providência recebido pelos portugueses, o descobrimento de parte do Novo Mundo pelos viajantes das grandes navegações portuguesas, no dia 22 de abril do *anno domini* de 1500 da era comum, foi o primeiro de muitos portentos associados ao Brasil. "Milagre" e "portento", mas também "benesse", "mercê", "maravilha" e "graça", foram outras nomenclaturas destes feitos, recorrentemente rogados tanto nas situações de grande perigo, como nas ocasiões mais simples do cotidiano. Somente a partir de meados do século XVIII, o milagre começou a perder, de maneira lenta e gradual, a aceitabilidade explicativa dos eventos concebidos até então como inexplicáveis, concomitantemente ao aumento da adesão às teses de cunho científico, fazendo com que esses dois discursos, recorrentemente, coabitassem em finais do século XVIII.

O período explorado será longo, abarcando quase três séculos. Recortes reduzidos são mais apropriados para investigações de acontecimentos históricos (políticos, militares, sociais, culturais, etc.) razoavelmente circunscritos, com temporalidades mais ou menos precisas, nas quais é possível demarcar minimamente início e término. Os processos de consolidação de valores morais, no entanto, exigem investigações de continuidades, de durações e permanências culturais, em que o objeto analisado ganha delimitações imprecisas. A moralidade cristã ocidental, que orientou as ações dos colonos católicos ao longo dos três séculos analisados, e a concomitante crença em milagres, é um processo desse tipo.

Para realizar tal estudo, seguimos o caminho seguinte. Inicialmente, no primeiro capítulo, traçaremos uma brevíssima apresentação do tema, destacando como a religiosidade

[1] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, na provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. n.p.

católica fez parte do dia a dia dos fiéis e o quanto o cotidiano daquelas gentes era preenchido por rituais de fé e representações materiais do sagrado. Trata-se de uma vida toda regrada pelas normas cristãs, com quase um terço do calendário anual dedicado às atividades religiosas. Entretanto, a pergunta principal que compõe o capítulo inicial não poderia ser outra: o que era milagre e quais práticas se associaram a essa crença ou derivaram dela?

Partindo, sobretudo, da análise de três dicionários[2], "milagre" nomeou eventos extraordinários e inexplicáveis pelas leis naturais, sendo um vocábulo usual em todo o período colonial. Em uma definição estritamente teológica, exposta pelo padre Antônio Vieira (1608–1697) em um dos seus sermões[3], "milagre" era um distúrbio temporal realizado por Deus, não uma transformação material dos elementos terrenos, como muitos filósofos pensavam na época. Partindo do pressuposto de que os portentos formam uma categoria de intervenções divinas, tentaremos demonstrar que nem todas as intervenções foram milagres, algumas, ao contrário, eram castigos, uma diferença relacionada à aproximação ou distanciamento das condutas concebidas como aceitáveis, ou reprováveis. A moralidade também traçou um limite entre os momentos considerados apropriados e inapropriados para se requisitar um milagre, bem como os modos de realizar o pagamento das graças alcançadas. Essas regras, observáveis em documentos inquisitoriais[4] e regulamentos teológicos do período[5], ajudaram a formar o arcabouço moral da cristandade no Novo Mundo.

Compõe, também, o primeiro capítulo, um sintético estudo sobre os modos de transmissão desses saberes, guiado pela seguinte pergunta: através de quem e por quais meios os saberes acerca do milagre foram difundidos na sociedade colonial? Foi muito comum, então, ouvir e contar histórias de feitos milagrosos, no entanto, é inegável que os principais detentores da legitimidade social para relatar tais acontecimentos foram os homens da igreja, homens normalmente letrados e com voz entre os fiéis. Os leigos, contudo, também relataram portentos, sobretudo por via oral e através da encomenda de tábuas votivas, pequenos retratos em madeira

---

[2] MACHADO, José Barbosa. **Dicionário dos primeiros livros impressos em Língua Portuguesa**. Braga: Createspace, 2015, v.1.; BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...]. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, v. 5 (K-N), 1716; SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza [...]**. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, v. 2 (L-Z), 1789.

[3] VIEIRA, Antônio. Sermão do Santíssimo Sacramento pregado na igreja de Santa Engrácia, em 1645. In: **Sermões I**. São Paulo: edições Loyola, 2008.

[4] MENDONÇA, Heitor Furtado de. **Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil pelo licenciado Heitor Furtado de mendonça –** denunciações da Bahia 1591 – 1593. Introdução de Capistrano de Abreu, São Paulo: Paulo Prado, 1925.

[5] VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide [...]**. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1719.

das graças recebidas pelos crentes, confeccionados por artesãos locais e expostos nas paredes das igrejas pelos agraciados, com o intuito de divulgarem o evento extraordinário ocorrido.

O segundo capítulo, que aborda os componentes dos relatos de milagres, buscará responder algumas perguntas. A primeira consiste em saber: quem eram os autores dos milagres? Teologicamente, a resposta foi sempre "Deus". Não restavam dúvidas aos padres e fiéis mais alinhados à doutrina oficial do catolicismo que apenas o Criador possuía a capacidade de extrapolar as leis naturais, alterando o curso sucessível dos eventos terrenos. A criatura, por outro lado, apenas os recebia, isto é, não possuía a capacidade de realizar portentos em hipótese alguma. No entanto, entre os fiéis idólatras, os santos e santas não foram apenas intercessores dos milagres, mas os autores, o que era condenado veementemente pela doutrina católica. Grande parte das tábuas votivas, é verdade, exibem o Cristo realizando benesses, revelando, de certo modo, o sucesso do discurso teológico entre os leigos.

Quem recebia os milagres? O segundo capítulo também procurará demostrar que qualquer criatura, animal ou humana, poderia ser agraciada com um feito milagroso. No caso dos humanos, o recebimento da graça dependia da consonância com os valores morais cristãos. No entanto, os agraciados, normalmente, não eram caracterizados nas narrativas e, quando descritos, os autores apenas citavam na maioria das vezes o gênero ou grupo social a que pertenciam. Os padres, por exemplo, compunham o grupo que mais recorrentemente recebia milagres, seguido dos índios e dos negros africanos, os menos agraciados – cenário que relativamente se transformou no século XVIII, após a consolidação da cristandade no Brasil. Os animais, apesar de infrequentemente agraciados, são citados como beneficiários em algumas passagens do período.

Em seguida, ainda no segundo capítulo, abordaremos os locais e momentos privilegiados de ocorrências milagrosas. A realização desse exame permitirá compreender as variações nas ocorrências milagrosas, de acordo com o ambiente e a situação em que se encontravam os agraciados. As igrejas, conventos e túmulos, durante as práticas sacramentais e em meio a situações adversas, foram os locais e circunstâncias mais propícios à ocorrência de milagres, como procuraremos demostrar.

A quarta sessão do segundo capítulo consiste em um levantamento das principais categorias de milagre. O resultado dessa classificação evidenciou que os tipos mais comuns de milagres foram os de "cura", seguido dos de "salvação", "castigo" e "enunciação", que serão melhor definidos no decorrer do capítulo. Por fim, buscaremos avaliar quais as razões que levaram os relatos de milagres de salvação do século XVI e XVII, que possuíam, recorrentemente, como pano de fundo, cenários de investidas missionárias durante o processo

de cristianização e colonização do novo mundo, a entrarem em decadência no século XVIII, concomitantemente ao aumento dos milagres ligados à vida cotidiana.

A última sessão do segundo capítulo abordará os intercessores de milagres no Brasil colonial. Como se pode prever, os santos clássicos, legitimamente aceitos pela igreja, como as diversas Nossas Senhoras, Santo Antônio, São Sebastião e São Thomé, foram os mais cultuados no período. As relíquias sagradas dos santos e alguns elementos naturais, como certas fontes milagrosas, também auxiliaram o fiel a receber milagres. Outra categoria de intercessores foram as almas do purgatório, alvos de grande devoção dos fiéis, principalmente nos setecentos, quando vieram à luz as publicações sobre o tema de autores como Sebastião monteiro da Vide (1643–1722)[6] e Manuel Ribeiro Rocha (?–?)[7].

Exposto o significado de milagre, quem eram os seus autores e receptores, quais os locais e momentos mais propícios para a sua ocorrência e quais as categorias mais comuns de milagres, o terceiro capítulo descreverá dois tipos sociais que intercediam pela sua ocorrência, a saber: os mártires e os varões[8] missionários, que conquistaram fama de santidade no período. Os portentos intercedidos pelas figuras martirizadas no Brasil, pertencentes, principalmente, ao grupo dos chamados milagres de enunciação, serão expostos neste último capítulo, juntamente aos milagres intermediados pelos varões, descritos nas vidas de santos[9], por exemplo. A fama dos mártires e varões insignes foi grande entre os séculos XVI e XVII, diminuindo gradualmente no XVIII. Após dois séculos de missões, organizadas, sobretudo, pela Companhia

---

[6] VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide [...]**. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1719; VIDE, Sebastião Monteiro da. **História da vida, e morte da madre sóror Victoria da Encarnação, Religiosa Professa no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia**. Roma: Estamparia de Joam Francisco Chagas, 1720.

[7] ROCHA, Manuel Ribeiro (1758). **Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado**. Organizado por Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira. São Paulo: Unesp, 2017.

[8] No "Vocabulario portuguez & latino", de 1716, organizado pelo lexicólogo Rafael Bluteal (1638–1734), a entrada "Varão" significa: "Homem. [...] Varão esforçado, ilustre, célebre, assinalado, as vezes vale o mesmo que Herói [...]. Varão. Macho [...]". BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...]. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, v. 8 (T-Z), 1721. p. 363. No "Diccionario da lingua portuguesa", de 1789, organizado por Antônio de Moraes Silva (1755–1824), varão significa: "Homem, marido [...], macho, homem esforçado"; SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza [...]**. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, v. 2 (L-Z), 1789, p. 509.

[9] CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura, 1957; RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897; ROIZ, Pero. **Vida do Padre Joze de Anchieta da Companhia de Jesu. Quinto Provincial que foy da mesma Companhia no Estado do Brazil**. [1609?]. (BNP, microfilme F. 4133); VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658; VASCONCELOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672; FONSECA, Manuel da. **Vida do venerável padre Belchior de Pontes**. Lisboa: Na officina de Francisco da Silva, 1752.

de Jesus, o processo de cristianização do novo mundo estabilizou e ganhou ares menos épicos, abrindo espaço para novos candidatos a fazedores de milagres.

O *corpus* documental formado para pesquisar o milagre no recorte temporal estabelecido é variado, sendo composto por cartas, vidas de santos, sermões, dicionários, livros de cunho histórico, tratados, crônicas, livros de prescrições morais, poemas, um testamento, um registro das visitações do santo ofício, entre outros gêneros escritos, totalizando 79 fontes abordadas no trabalho. Grande parte delas foram coletadas no acervo digital criado pelo grupo temático *Escritos sobre os novos mundos*[10], que reúne documentos originais de época, produzidos entre os séculos XIII e XIX no velho mundo ibérico e no Brasil. O *corpus* documental foi serializado e sistematizado, para que os problemas levantados nas sessões dos três capítulos da dissertação fossem averiguados, o que auxiliou na detecção das continuidades e descontinuidades históricas do objeto pesquisado, que serão apresentadas ao longo do trabalho. Pareceu-nos que o problema que se queria abordar cobrava a utilização de uma variedade documental, essencial para que pudéssemos compreender um dos aspectos mais importantes da sociedade colonial brasileira: a relação dos homens com Deus, através das manifestações do divino na terra, através dos milagres.

[10] Link do acervo digital do grupo temático: <https://www2.unesp.br/portal#!/escritos/acervo-digital/>.

1 O MILAGRE E A CRENÇA EM FEITOS MILAGROSOS

1.1 Religiosidade católica e a crença em feitos milagrosos na colônia

O cristianismo chegou ao Brasil através dos primeiros conquistadores, mas, sobretudo, por meio dos primeiros religiosos, em especial, dos franciscanos, presentes em "[...] qualquer caravela ou carraça que partisse de Portugal"[11] com destino aos territórios de além-mar.[12] Em 1548, no entanto, o então rei de Portugal e das recém descobertas terras de Santa Cruz, D. João III (1502–1557), ao anunciar, por intermédio do regimento entregue à Thomé de Souza (1503–1579), as metas de povoamento das terras do oeste, salientou: "Primeiro: o serviço de Deus e exaltação da nossa santa fé"[13], concedendo, para isso, à Companhia de Jesus o monopólio da evangelização do Novo Mundo lusitano, até 1580. Um dos resultados observáveis deste processo de cristianização, apoiado, sobretudo, nos jesuítas, foi o batismo de diversas vilas, cidades e capitanias com nomes clássicos da tradição católica, como São Vicente, São Paulo, São Sebastião do Rio de Janeiro, São Cristóvão, Natal, Belém, Salvador, entre outros. Objetivando expandir a fé cristã em todo o Brasil, em uma grande investida contra as ações do demônio, expressas, por exemplo, nas práticas pagãs dos índios, os jesuítas, ao se depararem com o tamanho do trabalho que teriam, pediam orações aos santos varões da companhia, pois, assim, "as forças do demônio hão de enfraquecer"[14].

Esta batalha, contudo, não foi travada apenas com orações; ela suscitou, igualmente, um forte trabalho no setor educacional: os jesuítas, além de serem responsáveis pela educação dos filhos dos portugueses na colônia, abraçaram também a educação das crianças indígenas, tática que visava resolver o problema da resistência dos índios bravos em aceitar o Deus cristão. É preciso destacar, também, que grande parte da produção impressa que circulou no período colonial foi redigida por eclesiásticos, tinha como tema central aspectos da religiosidade católica e possuía caráter pedagógico, isto é, visava mudar as práticas por meio da palavra. As crônicas, biografias e tratados, destinados à elite letrada, eclesiástica e senhoril, bem como os sermões proclamados nas missas,[15] que expandiram o campo de difusão dos valores católicos

[11] As citações em português serão apresentadas de acordo com a reforma ortográfica atual.
[12] SANTOS, Beatriz Catão Cruz. **Santos e devotos no império ultramarino português**. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade, 2009, v. 29. p. 147-148.
[13] LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 5.
[14] "*Las fuerzas del demônio ña de enflaquecer*". CARTA do Ir. Pero Correia ao P. Brás Lourenço. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 72.
[15] MASSIMI, Marina. **Palavras, almas e corpos no Brasil colonial**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 13.

em uma sociedade predominantemente marcada pela oralidade,[16] foram essenciais ao processo de cristianização do Novo Mundo português.

No século XVIII, os resultados já eram visíveis: o calendário presente nas "Constituições primeiras do arcebispado da Bahia", publicado pelo arcebispo Monteiro da Vide (1643–1722) em 1707, previa cerca de 98 datas comemorativas entre domingos e dias de santos,[17] o que correspondia a quase um terço do ano dedicado a rememorar os cânones e as histórias do catolicismo, mostrando a importância do sagrado naquele cotidiano.

Nesses feriados, as igrejas tornavam-se o grande ponto de encontro da vizinhança cristã, o local em que se buscava modelar as práticas dos devotos por meio da mensagem dos pregadores. As missas, no entanto, eram rezadas em latim, com o padre virado de costas para os fiéis, tornando o momento do sermão, pronunciado em língua portuguesa, o ponto alto da disseminação dos valores católicos entre o público. Não apenas nas cerimônias, mas também nos festejos, procissões e romarias, as histórias épicas da cristandade eram sistematicamente rememoradas.

Não somente durante a vida as preocupações com o sagrado eram evidentes: o planejamento para uma boa morte, eliminando possíveis dívidas com santos, o recebimento da extrema unção nas horas finais da vida e a realização de encomendas de missas e velas por anos ou décadas, dependendo do estado de consciência dos pecados que cada fiel possuía, eram tão essenciais quanto a ida à igreja aos domingos e dias santos. Diferentemente do outro lado do Atlântico, em que, após a morte, as fortunas eram integralmente entregues ao filho mais velho das famílias, no Brasil "[...] as *plantations* viraram fumaça", prática comum no período setecentista em algumas capitanias, como a do Rio de Janeiro.[18] Os senhores e senhoras descendentes dos primeiros desbravadores do Brasil, preocupados com o bem encaminhamento de suas almas, doavam para a igreja grandes espaços de terras, construções, dinheiro e outros objetos de valor, com o intuito de diminuírem suas estadias no purgatório e auxiliarem na entrada no reino dos Céus.

A crença na vida após a morte e na possibilidade de interferir nos eventos que ocorreriam no purgatório, mediante doações materiais, exibe a preponderância do sagrado no cotidiano daquelas gentes. Como resultado, surgiu uma espécie de economia do pagamento de

---

[16] SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura letrada e cultura oral no Rio de Janeiro dos vice-reis**. São Paulo: Unesp, 2013. p. 11-16.

[17] VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide [...]**. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1719, p. 157-159.

[18] FRAGOSO, João. **E as plantations viraram fumaça:** nobreza principal da terra, Antigo Regime e escravidão mercantil. História [online]. 2015, v. 34, n. 2. p. 58-107.

promessas, que se desenvolveu em diferentes escalas nas mais diversas regiões do Brasil; outro aspecto que demonstra o "anti-mundanismo" e o alcance da religião católica naqueles tempos.

Até mesmo a escravidão foi relativamente modelada pela religiosidade católica. No "Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado", escrito pelo padre Manuel Ribeiro Rocha (?–?) e publicado no ano de 1758, por exemplo, as relações entre senhor e escravo são abordadas e reguladas de um ponto de vista estritamente cristão, visando tornar a escravidão uma prática mais amena e tolerável ao cristianismo, de modo que não comprometesse as salvações das almas dos escravos e dos senhores.[19]

O cotidiano do colono era, pois, todo impregnado pelo divino, inclusive, por um acontecimento que materializava a relação do homem com Deus, que dava solidez à fé e justificava as investidas da igreja católica: o milagre. É possível encontrar diversos casos de milagres nas produções narrativas do período colonial e uma série de relatos que demonstram como tal crença suscitou outras práticas no cotidiano do novo mundo português. A principal característica, no entanto, da crença em feitos milagrosos foi seu caráter ratificador do catolicismo, pois os portentos eram vistos como uma evidência, uma comprovação, mediante os sentidos, da capacidade de interferência divina no mundo terreno. Deste modo, quando um milagre era descrito nas narrativas do período, o leitor tomava-o como verdadeiro e indicativo de que a doutrina pregada pelos padres era legítima.

Os milagres foram tão comuns na vida daquelas pessoas que, não é imprudente afirmar, eram esperados, pois esperá-los fazia parte da lógica existencial dos fiéis,[20] não deixando, por isso, de impressionar os olhos dos crentes espectadores quando irrompiam ou eram narrados no dia a dia. Ao irromperem, eram vistos como a manifestação de Deus diante dos olhos e, quando contados, eram ouvidos como histórias factíveis, das quais havia poucos motivos para se duvidar, dentro e fora dos círculos clericais.

Para melhor compreender, no entanto, o que foi crer em feitos milagrosos na sociedade colonial é preciso, antes, elucidar o que os colonos e os homens da igreja conceberam como milagre.

1.2 O que era entendido como "milagre" e quais práticas se associaram ou derivaram desta crença

[19] ROCHA, Manuel Ribeiro (1758). **Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado**. Organizado por Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira. São Paulo: Unesp, 2017.
[20] PÉCORA, A. **Teatro do sacramento**: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994. p. 150.

José Barbosa Machado reuniu, em três volumes, um compilado de vocábulos usados em oito livros incunábulos portugueses, publicados entre os anos de 1488 e 1499[21], e a palavra "milagre" não ficou de fora. Usá-los para investigar parte da reflexão dos contemporâneos sobre o significado de milagre no início da colonização é um procedimento metodológico perigoso, já que a época em que foram escritos e publicados é anterior à chegada dos portugueses ao Brasil. Todavia, as opções são escassas para este período.

Machado primeiro exibe o significado e a forma gráfica da palavra "milagre" escrita nos livros incunábulos, para depois, contextualizá-la nas obras. "Milagre" aparece em quatro desses livros, "Vita Christi"[22], de Ludolfo da Saxônia (1295–1378), "Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance"[23], de Rodrigo Álvares (?–?), "Sacramental"[24], primeiro livro impresso em língua portuguesa, de Clemente Sánchez de Vercial (1370–1426), e "História do Mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma"[25], de autoria desconhecida:

> **Milagre**, subs. (do lat. *Miraculu-m.* prodígio). Ato extraordinário e inexplicável pelas leis da Natureza. **Formas:** milagre (VC, 15; HV, 5; EE, 3); milagres (S, 5; VC, 22; HV, 1; EE, 1); millagre (VC, 114; HV, 4; EE, 39); millagres (VC, 249; HV, 1; EE, 74); myllagre (VC, 1). **Contextos:** "assim Elisabeth conheceu o *milagre* e encarnação do verbo" (VC); "então logo se moveu per *milagre*' (VC); "pelo qual *milagre* se converteu o presidente" (EE); "e blasfemou dos santos e disse mal dos seus *milagres*" (S); "e falar cousas altas e fazer grandes *milagres*" (VC); "Pelos *milagres* que ele fazia que sarava os enfermos de qualquer enfermidade que fosse" (HV); "E sendo coplida do espirito santo já vija o *millagre* que avia seu filho fazer" (VC); "Que cousa é esta ou que *millagre* daquele menino por onde entrou" (HV); "mas porque aquele *millagre* ante os *milagres* de Cristo era o primeiro" (VC); "pelo seguimento daquelas e reparou se demovia a fazer *millagres*" (EE); "Vê como o *myllagre* foi manifesto" (VC).[26]

Portanto, a ideia de milagre que atravessou o atlântico por meio dos portugueses é a de que se tratava de um fenômeno não natural, não no sentido da sua recorrência, mas no sentido da sua ocorrência física. O que não era obra natural, só poderia ser obra do Divino agindo no

---

[21] Os nomes e respectivos anos de publicação destes livros são: "Sumário das graças" (SG) e "Sacramental" (S) de 1488, "Tratado de confissom" (TC), de 1489, "Vita Christi" (VC), "História do mui nobre Vespasiano imperador de Roma" (HV), de 1496, "Constituições de D. Diogo de Souza" (C) e "Evangelho e epístolas com suas exposições em romance" (EE), de 1497 e "Regimento proveitoso contra a presença" (RP), escrito por volta de 1496. MACHADO, José Barbosa. **Dicionário dos primeiros livros impressos em Língua Portuguesa**. Braga: Createspace, 2015, v. 1. p. 5.

[22] SAXÓNIA, Ludolfo de (1495). **Vita Christi**. Organizado por José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2013, 3 vols.

[23] PARISIENSIS, Guilhermus (1497). **Evangelhos e epístolas com suas exposições em romance**. Organizado por José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2010.

[24] VERCIAL, Clemente Sánchez de (1488). **Sacramental**. Organizado por José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2010.

[25] **HISTÓRIA do mui nobre Vespasiano, Imperado de Roma** (1496). Organizado por José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2010.

[26] MACHADO, *op., cit,* v. 3. p. 227-228.

meio material. A passagem permite concluir igualmente que: as referências a milagres, nesses textos, remetem às narrativas bíblicas; a cura era uma das principais graças alcançadas; o miraculoso era concebido como um instrumento de conversão à religião católica; havia um interdito quanto a falar mal dos milagres dos santos no meio católico; e, por fim, que os feitos milagrosos eram escalonados por "grandiosidade", de acordo com as informações contidas nos "contextos".

O mesmo Barbosa Machado, mais adiante, na sua compilação, apresenta o vocábulo "milagrosamente", que oferece mais informações dos "contextos". É possível perceber a diferença entre obras da natureza e divinas, a recorrência dos milagres de cura, citados mais uma vez, bem como outros detalhes:

> **Milagroso**. Adj. (de milagre-oso). Relativo a um milagre: maravilhoso: extraordinário. **Formas**: millagrosa (VC, 1); millagrosas (EE. 1); millagroso (EE, 1). **Contextos**: "Aquela voz pois não foi natural, mas *milagrosa*" (VC); "em que se contém as *millagrosas* obras e os esclarecidos millagres e doutrina perfeita de Cristo" (EE): "Aqui se mostra seu poderio e per este *millagroso* alumear do cego" (EE).[27]

Então todas as transformações terrenas advindas das mãos de Deus eram milagres? Para responder a esta pergunta, é preciso diferenciar, rapidamente, os tipos de intervenção divina e em que momentos ocorriam. Quase dois anos após sua chegada ao Brasil, em 1549, ao lado de Tomé de Souza, primeiro governador-geral, e do padre Manuel da Nóbrega (1517–1570), chefe da pioneira leva de jesuítas nos trópicos, o Dr. Pero Borges (?–?), primeiro a desempenhar a função de ouvidor-geral do Brasil, escreveu, da cidade de Porto Seguro, ao rei de Portugal D. João III uma carta, datada de sete de fevereiro de 1550, em que aborda o problema dos "saltos". Esta prática consistia em, sem a situação de guerra justa, raptar o gentio e o vender — o que acontecia com frequência nas terras do Brasil. Pero Borges, após falar do recorrente problema, o ilustra, relatando o caso de um homem que recebeu castigo divino por tal transgressão:

> A causa que principalmente fazia a estes gentios fazer guerra aos cristãos era o salto que os navios por esta costa andavam fazendo neles. E neste negócio se faziam coisas tão desordenadas, que o menos era salteá-los. Porque houve homem, que um índio principal livrou das mãos de outros mal tratado e o tivera em sua casa, e o curou, e o tornou a pôr são das feridas em salvo: este homem tornou ali com um navio e mandou dizer ao índio principal, que o tivera em sua casa, que o fosse ver o navio, cuidando o gentio que vinha ele agradecer-lhe o bem que lhe tinha feito; como o teve no navio, o cativou com outros que com ele foram e o foi vender por essas capitanias. E, porém, este homem não ficou sem castigo, porque naquele mesmo porto onde ele tomou este gentio, que tão boas obras lhe fez, vindo ali outra vez saltear, se perdeu o navio, e ele comeram-no os peixes, e os gentios comeram os peixes que a este homem comeram.

[27] MACHADO, José Barbosa. **Dicionário dos primeiros livros impressos em Língua Portuguesa**. Braga: Createspace, 2015, v. 3. p. 228.

> Foi juízo divino, que não engana nem recebe engano. Agora, que a requerimento destes padres apóstolos que cá andam, homens a quem não falece nenhuma virtude, eu mando pôr em sua liberdade os gentios que foram salteados e não tomados em guerra, estão os gentios contentes e parece-lhe que vai a coisa de verdade, e mais porque vem que se faz justiça e a fazem a eles, quando alguns cristãos os agravam; e parece-me que será coisa de não haver aí guerra.[28]

As penalidades divinas não castigavam frequentemente apenas indivíduos, mas também grupos inteiros: "Pernambuco também por seus pecados foi muito castigado e muitas fazendas perdidas, como é notório"[29], escreveu, da Bahia, o padre Manuel da Nóbrega à Tomé de Sousa, em cinco de julho de 1559. Desta vez, diferentemente do caso anterior, os castigados pelos desvios morais era o conjunto da comunidade católica. Todos os membros da comunidade poderiam, pois, receber castigos pelos erros de alguns poucos.

De Pernambuco, o padre Manuel da Nóbrega relatou ao padre Simão Rodrigues (1510–1579), em Lisboa, outro caso que traz mais elementos para pensar se o castigo divino suscitado por uma transgressão dos valores católicos poderia ou não ser considerado milagre. Na carta, datada de onze de agosto de 1551, Nóbrega descreve um caso recente, que soubera por meio de uma epístola vinda da Bahia, em que alguns índios cristãos, durante uma pescaria, escaparam da morte, enquanto uns tantos gentios padeceram. Ouçamo-lo:

> Escreveram-me agora da Bahia, que se haviam perdido dois barcos de índios que iam a pescar, nos quais iam gentios, e aconteceu que todos os gentios morreram, e escaparam todos os cristãos, até as crianças que levavam consigo. Parece que nosso Senhor faz tudo isso, para aumentar ainda mais sua santa fé.[30]

Em relação aos hereges, os principais inimigos da igreja, o castigo divino poderia ser concebido como milagre, principalmente em situações de combate, como ocorreu nas guerras contra as nações protestantes — franceses e holandeses, nomeadamente — na colônia. Frei Vicente de Salvador (1564–1636), por exemplo, narra que, no tempo da ocupação holandesa da costa nordestina, uma cruz teria envergado em determinado sentido para mostrar o caminho errado aos inimigos, que seriam mortos em seguida, oito deles à flechadas:

---

[28] CARTA do Dr. Pero Borges a D. João III, Rei de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 175.

[29] CARTA do P. Manuel da Nóbrega a Tomé de Sousa, antigo governador do Brasil. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 82.

[30] "*Escreveronme agora de la Baya que la partida se avian perdido dos barcos de indios que yvan a pescar, em los quales yvan gentiles, y l'aconteceó que todos los gentiles murieron, y escaparon los christianos todos, hasta los niños que llevan consigo. Parece que nuestro Señor haze todo esto, para más aumentar su santa fe*". CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, de Lisboa. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 269.

> Outros foram em uma nau à ponta da ilha de Itaparica, chamada "A ponta da Cruz", e depois de a carregarem de azeite, ou graxa de baleia, que aí havia, porque aquele é o lugar onde se faz, foram ao engenho de Gaspar de Azevedo, que está na praia uma légua atrás da ponta, onde lhe não tomaram açúcar nem fizeram algum dano, antes lhe escreveram que viesse para o seu engenho e moesse cana, e lhe dariam para isso negros, e toda a fábrica necessária, e somente a uma cruz de pau alta, que estava no terreiro do engenho, deram algumas cutiladas, a qual milagrosamente se torceu, e virou logo para outra parte, para a qual caminhando depois os holandeses, acharam alguns moradores da ilha com Afonso Rodrigues da Cachoeira, que então ali chegou com o seu gentio, e mortos oito à flechadas, e arcabuzadas, lhes tomaram uma lancha com três roqueiras, e fizeram embarcar os mais com a água pela barba, e muitos muito malferidos; pelo que se ficou tendo aquela cruz em tanta veneração e estima dos católicos, que fazem dela relíquias, com que saram muitos enfermos de maleitas, e outras enfermidades.[31]

Aparentemente, a única categoria de castigo que foi encarada como um tipo de milagre foi a punição contra os hereges e inimigos dos católicos. Isso associou o milagre a um acontecimento que necessariamente favorecia um fiel ou a comunidade católica bem educada?

Apesar das realizações extraordinárias de outras religiões serem consideradas falsos milagres, que ludibriavam os pobres ignorantes, como bem faziam, segundo os padres, os feiticeiros indígenas,[32] e serem muito recorrente os milagres em que os agraciados são indivíduos ou uma comunidade de cristãos católicos, uma afirmação abrangente seria precipitada. Como veremos mais adiante, alguns milagres, que serão denominados aqui de "milagres de enunciação", não foram resultados de um bom cumprimento das práticas católicas, mas, sim, uma mensagem ou prova da onipotência de Deus e de seu poder de interferir no mundo terreno, não possuindo o objetivo de favorecer alguém.

Invocar um santo para atingir objetivos estritamente pessoais, como vencer em jogos de azar, também não parece ter sido uma prática bem aceita naquele tempo. Foi registrada em um dos relatórios das primeiras visitações da Bahia, ocorrida entre 1591 e 1593, uma acusação a um homem que teria invocado auxílio divino, para que pudesse vencer um jogo de cartas.[33] Casos como esses mostram que não somente havia um controle institucional para regular as demandas por um milagre, mas que também a própria comunidade possuía certo poder de pressão, recusando a legitimidade de uma parcela da demanda por intervenções divinas.

Ao longo do século XVII, em razão do aumento da circulação das produções escritas, a descrição de milagres e a discussão acerca das condições de ocorrência desses milagres tornou-

---

[31] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 527.

[32] "Tem grande canalha de feiticeiros, agoureiros e bruxos; aqueles, com falsos milagres, os enganam". VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 16.

[33] MENDONÇA, Heitor Furtado de. **Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil:** denunciações da Bahia, 1591 – 1593. Introdução de Capistrano de Abreu, São Paulo: Paulo Prado, 1925. p. 170.

se mais frequente. Padre Antônio Vieira, por exemplo, legou-nos no "Sermão do santíssimo sacramento", celebrado no ano de 1645 na igreja de Santa Engrácia, durante o período de doze anos que passou em Lisboa, após a restauração da independência de Portugal frente à Espanha em 1640, um sofisticado raciocínio teológico sobre o significado de milagre. No sermão, o inaciano objetivou rebater o argumento dos filósofos da época que afirmavam ser impossível explicar, por meio das leis da natureza, o mistério da conversão do pão e vinho, em corpo e sangue de Cristo, já que "[...] as naturezas e substâncias das coisas são imutáveis"[34]. A conversão ocorrida durante a consagração da hóstia, concebida como milagre, seria temporal e não material, já que o pão, quando ingerido, transformar-se-ia em carne humana e o vinho, em sangue. Diz o jesuíta:

> Pois se a natureza é poderosa para converter pão e vinho, em carne e sangue, em espaço de oito horas, por que não será poderoso Deus converter pão e vinho em menos tempo? Para confessar este milagre, não é necessário crer que Deus é mais poderoso que a natureza; basta conceber que é mais apressado. Que a natureza faz devagar, por que o não fará Deus um pouco mais depressa? Os dois milagres célebres que Cristo fez em pão e vinho foram as bodas de Canaã, e o do deserto: nas bodas converteu a água em vinho; no deserto, com cinco pães, deu de comer a cinco mil homens. [...] De maneira que o que distingue as obras de Deus, enquanto autor sobrenatural das obras da natureza, é a pressa ou o vagar com que se fazem. Milagres feitos devagar são obras da natureza: obras da natureza feitas depressa são milagres.[35]

Portanto, não haveria contradição para Vieira, entre a réplica dos filósofos e a crença em milagres. O autor ainda cita dois famosos portentos bíblicos de Cristo para complementar o seu raciocínio, os milagres de Canaã e do deserto, mostrando que, mesmo na conversão da água em vinho e na multiplicação dos pães, conservava-se, anteriormente ao acontecimento milagroso, os elementos em estado primário:

> Um reparo a ambos os casos. Para Cristo dar pão no deserto, não tinha a necessidade de se aproveitar dos cinco pães; para Cristo dar vinho nas bodas, não tinha necessidade de que as jarras se enchessem de água. Pois por que não quis dar vinho, senão convertido de água? Por que não quis dar pão, senão multiplicado de pães? A razão foi, diz Santo Agostinho, porque quis que nos exemplos da natureza se facilitasse a fé das suas maravilhas. Na multiplicação dos pães, fez o que faz a terra; na conversão dos pães, fez o que fazem as vides. Na multiplicação dos pães, fez o que faz a terra, porque a terra, semeiam-lhe pouco pão, e dá muito; na conversão do vinho, fez o que fazem as vides, porque as vides, a água que chove do céu, convertem em vinho. Isso fez Cristo no deserto; e isso fez Cristo nas bodas. No deserto, de pouco pão fez muito; nas bodas, de água fez vinho. Mas se Cristo fez o que faz a terra, se Cristo fez o que fazem as vides, em que esteve o milagre? Esteve o milagre em que Cristo fez em um

[34] VIEIRA, Antônio: Sermão do Santíssimo Sacramento pregado na igreja de Santa Engrácia, em 1645. In: **Sermões I**. São Paulo: edições Loyola, 2008. p. 58.
[35] Ibidem, p. 59.

> instante, o que a terra e as vides fazem em seis meses. Oh! Que boa doutrina esta, se fora hoje o seu dia![36]

Deste modo, para Antônio Vieira, o milagre era um fenômeno em que Deus realizava, mais rapidamente que a natureza, a transformação dos elementos. Mesmo que voltada para a explicação do milagre do sacramento, a definição do padre parece se ajustar a outros exemplos, já que a maioria das descrições possuem palavras que indicam mudanças temporais.

Houve casos em que a ideia de milagre apareceu associada a uma crítica social irônica em forma de hipérbole, isto é, um exagero do uso conceitual, para desaprovar algum aspecto do cotidiano. Este foi o caso de um poema atribuído a Gregório de Matos (1636–1696), intitulado "Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo que foi vigário da freguesia do Passé" (?)[37], no qual Lourenço Ribeiro (1648–1724), muito conhecido também por suas modinhas em violão tocadas nos salões[38], foi um dos alvos do "Boca do inferno". O poeta, conhecido pela sua postura crítico-satírica, debochou de Ribeiro, da sociedade de seu tempo e da igreja, especialmente da postura maleável da instituição, que permitia a relativa ascensão dos mulatos:

> Um branco muito encolhido / Um mulato muito ousado / Um branco todo coitado / Um canaz todo atrevido; / O saber muito abatido / A ignorância e ignorante / Muito ufana e muito farfante / Sem pena ou contradição: / Milagres do Brasil são.
> Quem um cão revestido em padre / Por culpa da Santa Sé / Seja tão ousado que / Contra um branco honrado ladre; / E que esta ousadia quadre / Ao bispo, ao governador / Ao cortesão, ao senhor / Tendo naus no maranhão: / Milagres do Brasil são.
> Se este tal podengo asneiro / O pai o esvanece já / A mãe lhe lembro que está / Roendo em um tamoeiro: Que importa um branco cueiro / Se o... É tão denegrido! / Mas se no misto sentido / Se lhe esconde a negridão / Milagres do Brasil são.
> Prega o perro frandulário / E como a licença o cega / Cuida que em púlpito prega / E ladra num campanário: / Vão ouvi-lo de ordinário / Tios e tias do Congo / E se, suando o mondongo / Eles só gabo lhe dão / Milagres do Brasil são.
> Que há de pregar o cachorro / Sendo uma vil criatura / Que não sabe de escritura / Mais que aquela o pôs forro? / Quem lhe dá ajuda e socorro / São quatro sermões antigos; / E se amigos tem um cão / Milagres do Brasil são.
> Um cão é o timbre maior / Da Ordem predicatória / Mas não acho em toda a história / Que um cão fosse pregador / Se nunca falta um senhor: / Que lhe alcance esta licença / De Lourenço por Lourença / Que as pardas tudo farão / Milagres do Brasil são.

---

[36] VIEIRA, Antônio: Sermão do Santíssimo Sacramento pregado na igreja de Santa Engrácia, em 1645. In: **Sermões I**. São Paulo: edições Loyola, 2008. p. 59.

[37] O poema também ficou muito conhecido como "Milagres do Brasil são".

[38] ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira**. 2001. Disponível em: http://dicionariompb.com.br/padre-lourenco-ribeiro/dados-artisticos. Acesso em: nov. 2019. "Lourenço Ribeiro, clérigo e pregador, natural da Bahia, e segundo se rosnava, mulato, dava-se muito a compor trovas, que cantava nas sociedades ao som da cítara: este homem teve a indiscrição de mofar e desdenhar publicamente dos versos de Gregório de Matos. Chegou isto aos ouvidos do poeta, que, ofendido da fatuidade do cabrito, resolveu logo tirar a desforra, o que fez na seguinte sátira, a qual deu o título acima". MATOS, Gregório de. Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo que foi vigário da freguesia do Passé. In: **Poemas escolhidos de Gregório de Matos**. Seleção e prefácio de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 49, nota n.º 1.

> Té em versos quer dar penada / E por que o gênio desbroche / Como é cão, a troche-moche / Mete a unha e dá dentada: / O Perro não sabe nada / E se com pouca vergonha / Tudo abate, é porque sonha / Que sabe alguma questão / Milagres do Brasil são.
> Do Perro afirmam doutores / Que fez uma apologia / Ao Mestre da teologia / Se da lua aos resplendores / Outra ao sol dos pregadores: / Late um cão a noite inteira / E ela, seguindo a carreira / Luz com mais ostentação / Milagres do Brasil são.
> Que vos direi do Mulato / Que vos não tenha já dito / Se será amanhã delito / Falar dele sem recato? / Não faltará um mentecapto / Que como vilão de encerro / Sinta que deem no seu perro / E se porta como um cão: / Milagres do Brasil são.
> Imaginais que o insensato / De canzarrão fala tanto / Porque sabe tanto ou quanto? / Não, se não porque é mulato; / Ter sangue de carrapato / Seu estoraque de congo / Cheirar-lhe a roupa a mondongo / É cifra da perfeição: / Milagres do Brasil são.[39]

Esse poema não auxilia a compreender a ideia de "milagre", mas mostra que, apesar do teor marcadamente religioso do termo, havia outros modos de usá-lo, como, por exemplo, para proferir uma crítica,[40] prática que, possivelmente, não era bem vista por todos e Gregório de Matos não foi a única exceção.[41]

Retornando ao tom austero dos religiosos daquela época, é possível afirmar que, comumente, os milagres não foram recebidos sem contrapartida, mas, sim, depois do fiel realizar orações, nas quais o pedido era suplicado e seu pagamento, acordado, fazendo com que o pedinte e o santo firmassem uma espécie de contrato. O pagamento variava de acordo com as condições econômicas e os limites de ação ou deslocamento de cada pedinte. Entre os membros da elite carioca setecentista, a crença em milagres, associada à busca pela vida eterna, gerou até mesmo uma pequena economia baseada no pagamento de promessas aos santos. Úrsula da Silveira (1617–?), uma mulher da elite carioca, em seu testamento datado de dez de julho de 1701, "[...] declarou mais que em uma doença que teve, prometeu a Nossa Senhora do

---

[39] MATOS, Gregório de. Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo que foi vigário da freguesia do Passé. In: **Poemas escolhidos de Gregório de Matos**. Seleção e prefácio de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 49-52.

[40] Nem sempre a palavra "milagre" foi usada na hipérbole crítico irônica por Gregório de Matos. Se tratando das suas pulsões sexuais, o incômodo com os negros africanos foi deixado de lado: [...] "Seres formosa, Teresa / sendo trigueira, me espanta / pois tendo beleza tanta / é sobre isso milagrosa: como não será espantosa / se o adágio me assegura / que, quem quiser formosura / a há de ir na alvura ver / e vós sois linda mulher / contra o adágio da alvura. [...]. MATOS, Gregório de. Teresa. **Obra poética**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 613-628.

[41] "Na Inquisição, as dúvidas incidiam sobre a verdadeira filiação do postulante. Vale a pena nos determos aqui no depoimento de uma das testemunhas do interrogatório, Anselmo Dias – natural da Bahia, alcaide-mor da Ilha de São Jorge de Ilhéus e familiar do Santo Ofício, de 63 anos – que, num dos quesitos da diligência realizada na Bahia, respondeu conhecer muito bem Manuel Gomes Lisboa, suposto pai do habilitando, "desde o tempo em que ele testemunha era menino de escola" e teve boa amizade com o padre Mestre Frei Elias da Piedade, carmelita, irmão do habilitando apenas pela via materna. Continuando, afirmou que o arcebispo ordenara Manuel de Jesus Bahia "com tanta murmuração geralmente desta cidade e o fez seu secretário, ouviu ele testemunha ao sobredito padre mestre Frei Elias da Piedade trata-lo então por seu irmão". A isso, ele testemunha respondia: "meu amigo, milagres do Brasil são, como diz o famoso Gregório de Matos nas suas decantadas obras". RODRIGUES, Adair Carlos. **Poder eclesiástico e inquisição no século XVIII luso-brasileiro**: agentes, carreiras e mecanismos de promoção social. Tese de doutorado (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. p. 163.

Bonsucesso da Misericórdia desta cidade, uma cabrinha por nome Afonso, mandou que se lhe entregue em cumprimento da dita promessa", pagamento que o filho, Pedro Gago da Câmara (?–?), se encarregaria de efetuar após sua morte: Afonso deveria ser deixado em frente a uma imagem, exposta na Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro.[42]

A necessidade de planejamento da salvação, até mesmo depois da morte, a preocupação em não deixar débitos pendentes que pudessem prejudicar o réu na hora da decisão do julgamento final de Deus, mostram que até mesmo as benesses oferecidas durante a vida, na verdade, não eram dádivas gratuitas, mas trocas. E não era nada vantajoso dever naquela sociedade, pois poderia custar a própria salvação. Alexandre de Paiva Machado (?–?), negociante no período aurífero das minas, foi um dos colonos que participou desta economia do pagamento de promessas *post mortem*, anunciando em seu testamento, datado de 1716, "ter diversos débitos com Irmandades terceiras e com Santos".[43] Entre a gente comum e pouco afortunada, a prática de pagamento de promessas poderia ocorrer no ato da encomenda de tábuas votivas para serem expostas nas igrejas, muito comuns entre os coevos desvalidos de Alexandre de Paiva Machado nas minas.[44]

As "Constituições primeiras do arcebispado da Bahia", escritas pelo inaciano Sebastião Monteiro da Vide, prescreveram atitudes a serem tomadas nos casos em que uma pessoa devia oferendas aos santos:

> [...] As oblações e ofertas são tudo aquilo que os fiéis cristãos oferecem a Deus nosso Senhor, e a seus santos nas Igrejas para ornato e fabrica delas, ou para sustentação de seus ministros. Estas ofertas se frequentaram muito no princípio da Igreja Militante, e foram muito encomendadas pelos Santos Padres. E posto que sejam voluntárias e procedam da devoção dos fiéis, encomendamos muito a nossos súditos usem desta louvável devoção: porque com ela se mostram reconhecidos a Deus nosso senhor e a seus Santos, dos benefícios e mercês que sua Divina Mão e por intercessão recebem. Porém, se estas oblações ou ofertas forem prometidas, ou feitas por voto, ou contrato, ou deixadas em testamento, ou última vontade, nestes casos e em outros em que de direito houver obrigação de se pagarem, poderão a isso ser constrangidos os fregueses pelos meios legítimos de direito.[45]

Quando se tratava de outros tipos de ex-votos oferecidos para a obtenção uma graça, como pequenos artigos em ouro, prata ou cera no formato de partes do corpo, que

[42] TESTAMENTO de Úrsula da Silveira. Livro de Óbitos Freguesia do Sacramento – Bispado do Rio de Janeiro. Imagem 10, 10 jul. 1701. Disponível em: https://familysearch.org. Acesso em: nov. 2019.

[43] FRAGOSO, João. **E as plantations viraram fumaça:** nobreza principal da terra, Antigo Regime e escravidão mercantil. História [online]. 2015, v. 34, n. 2, p. 75.

[44] Para mais informações, ver: CASTRO, Marcia de Moura. **Ex-votos mineiros**: as tábuas votivas no ciclo do ouro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

[45] VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide [...]**. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1719, p. 181.

representavam os membros adoecidos, muito comuns durante o período setecentista, as peças depositadas nas igrejas poderiam ser usadas pelos padres ou nas práticas pias, após serem oficialmente declaras à igreja. Todavia, recomendava-se que não se apropriassem de todas as oferendas, para que as memórias das mercês permanecessem vivas:

> Porém, oferecendo-se pés, braços, olhos de ouro, de prata ou de cera, mortalhas, círios, e outras coisas deste gênero, em memória dos milagres que Deus fez por intercessão de seus santos, as tais ofertas permanecem aos párocos, e as podem aplicar a si ou distribuir em usos pios, que os que as oferecem, declararem. Mas mandamos aos párocos não tirem todas as ditas oblações das igrejas, mas deixem nelas algumas para memória dos milagres, e afervorar a devoção dos fiéis; o que nossos visitadores farão guardar, ordenando o que os párocos devem levar e deixar das tais ofertas e donativos.[46]

Os falsos pregadores, que vendiam indulgências prometendo, entre outros favores, milagres, são citados nas "Constituições [...]" como transgressores da fé, que deveriam ser presos pelos ministros da justiça da época por enganarem as pessoas da comunidade com falsas promessas, sendo que todo o dinheiro arrecadado deveria ser "[...] levado para a fábrica da nossa Sé" e ser "castigado a nosso arbítrio, segundo a qualidade e circunstância da culpa". Era passível de punição, de acordo com o arcebispo Monteiro da Vide, "[...] qualquer pessoa eclesiástica ou secular, posto que não tenha nome de questor, que pregar, ou por qualquer via pública, ou propuser ao povo em comum, ou pessoas particulares, qualquer indulgência ou milagre, sem a dita aprovação e licença nossa".[47]

No "Vocabulario portuguez & latino" (1716), publicado cerca de uma década após as "Constituições [...]", Rafael Bluteau (1638–1734) exibe o significado de "milagre" presente no seu léxico:

> **MILAGRE**. Obra da onipotência divina, como quando se diz, a conservação do mundo é um perpétuo milagre da Divina Providência; ou obra sobrenatural e superior

[46] VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide [...]**. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1719, p. 182. Quando se tratava de ornamentos doados para enfeitar as imagens de santos, os párocos não poderiam se apoderar, sendo passível de serem excomungados: "[...] E quando as coisas que se oferecerem forem ornamentos, vestidos ou coroas para as imagens dos Santos, cálices, lampadários, cruzes ou peças semelhantes, não poderão gastar os párocos, nem converter em seus usos, sob pena de excomunhão maior *ipso facto*, e ficarão às mesmas igrejas para seu serviço, por ser assim conforme a direito, segundo o qual se não podem converter em usos profanos as coisas dedicadas a Deus". As ofertas depositadas em capelas ou oratórios particulares dos Senhores, não poderiam ser apossadas por eles, mas deveriam ser entregues aos párocos das freguesias: "[...] E se as ofertas se oferecem em alguma capela ou oratório que seja particular, não poderá o Senhor dele tomar para si, antes as deve entregar todas ao pároco da freguesia a quem pertence, sem embargo de qualquer costume que haja em contrário, o qual neste particular havemos por reprovado": Ibidem.

[47] Ibidem. p. 330.

> às forças dos agentes naturais, como as que Jesus Cristo fez pelo seu poder Divino, ou que pelo mesmo Divino poder obram os santos, para credito da fé, glória de Deus.[48]

No verbete seguinte, "milagre" (sem o circunflexo) é definido na visão teológica como um evento obrado por forças superiores às criaturas. Posteriormente, são apresentados exemplos de casos que a definição se aplicava, como durante os "efeitos dos sacramentos". Por fim, o verbete afirma que o milagre "não é contra o curso ordinário das causas segundas instruídas por Deus: "Milagre, (*largo modo sumptum*, como dizem os teólogos) é obra superior às forças e faculdades de todo ente criado, como a justificação das almas racionais, os efeitos dos Sacramentos, mas não é contra o curso ordinário das causas segundas instruídas por Deus".[49] Prossegue Bluteau:

> Milagre (*Stricto modo sumptum*) é obra Divina, superior a toda a faculdade criada e contra o curso ordinário das coisas. Obra Divina, porque só Deus de seu próprio poder faz milagres; a criatura não os faz, senão instrumentalmente, ministralmente ou impetratoriamente. Superior a toda a faculdade criada, segundo a substância da obra, como seria a criação de um novo sol ou em sujeito certo, e segundo o modo de obrar, como a ressurreição de um defunto, e o dar vista a um cego e contra o curso ordinário das coisas, como seria a cura instantânea de uma doença ou ferida mortal, por onde os milagres mais remotos do poder criado, e do curso ordinário das coisas, são os maiores.[50]

O autor termina o excerto com um enunciado que oferece uma informação complementar: havia um escalonamento hierárquico entre os milagres, pois, os maiores são os "[...] mais remotos do poder criado, e do curso ordinário das coisas [...]".

O lexicólogo salienta ainda que os milagres eram uma boa ferramenta de conversão, e culpa o demônio pelo crescente descrédito nos feitos milagrosos: "Os milagres (como advertiu Santo Agostinho) foram necessários no princípio da Cristandade, para a conversão dos infiéis, e como dos milagres resultaram tantas conversões, por vários modos procura o demônio tirar a todo o gênero de milagres o crédito".[51] O inimigo agiria de duas formas. A primeira, mediante a argumentação dos filósofos da época, daqueles que se apoiavam no polímata persa Avicena (980–1037):

> Com razões naturais, porque há filósofos que pretendem que o homem, como compendio do universo, de mais do que lhe é próprio, e devido à sua natureza, possui as vezes umas qualidades ou virtudes divinas, com que obra coisas extraordinárias e

[48] BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...]. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, v. 5 (K-N), 1716, p. 481.
[49] Ibidem.
[50] Ibidem.
[51] Ibidem.

> prodigiosas. Frisa com esta doutrina a de Avicena, o qual ensina, que à alma humana, bem disposta e exaltada sobre a matéria, todas as coisas materiais obedecem. Mas em quanto está a alma informando o corpo, como pode ela conseguir esta superioridade e lograr esta prerrogativa? Esta sua exaltação seria excelência natural e como tal, os efeitos que dela emanecessem, não seriam milagrosos, mas naturais, e com esta suposição, lograria o demônio o seu intento, persuadindo aos homens que as maravilhas a que chamamos milagres, não são efeitos da virtude divina, mas propriedades da natureza.[52]

A segunda forma, através dos hereges e sua argumentação de que, depois de Cristo, não houveram outros milagres: "Com a cegueira da incredulidade, procura o demônio apagar o esplendor dos milagres. Nesta cegueira vivem os calvinistas e outros hereges, que obstinadamente defendem que depois da ressurreição de Cristo, não houve mais milagres no mundo".[53]

Bluteau, no entanto, condena os crentes sobejos, que em tudo enxergavam maravilhas da divindade: "Não aprovo a pia credulidade de alguns, que de quaisquer sucessos extraordinários fazem milagres". E continua: "não haveremos de ter por milagre, senão o que excede todo poder natural da criatura.". Duvidar da ocorrência de um milagre já não era um motivo de condenação, nem mesmo entre os padres, diferentemente do que dizia a entrada "milagre" no dicionário de obras incunábulas do final do século XV. Bluteau, obviamente, não era incrédulo das ocorrências milagrosas, mas apenas confiava nos casos e testemunhos que fossem reconhecidos pela igreja, posteriormente a uma investigação apurada feita pelos seus ministros: "O que é maravilha, não é sempre milagre. Até na canonização dos santos, apuram os ministros da igreja com esta distinção a verdade". Bluteau conclui:

> Quem não rira do maometano, que nos quisesse inculcar estas notáveis mudanças por milagre? É próprio da credulidade popular o chamar milagre tudo o que é novo ou maravilhoso. Das sete maravilhas do mundo, nenhuma foi milagre, todas foram obras que os homens podiam fazer, como realmente fizeram.[54]

"O artífice dos milagres é Deus, o instrumento deles a fé", arremata o padre.

A entrada "milagre" é novamente apresentada mais adiante, retomando o que já havia sido afirmado: "Obra extraordinária. Coisa maravilhosa". "Milagrosamente" também aparece adiante no dicionário, reiterando o caráter extraordinário da ocorrência milagrosa e exibindo sua relação com a ideia de "prodígio":

---

[52] BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...]. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, v. 5 (K-N), 1716, p. 481-482.
[53] Ibidem. p. 482.
[54] Ibidem.

> MILAGROSO. Coisa obrada por milagre ou que excede as forças da natureza. *Nature vires exsuperans, ti. Omn. Gen. Miraculi plenus, a, um.* Também neste sentido podemos dizer *Prodigiosus, a, um.* Este adjetivo não só se diz de coisas extraordinárias, e que anunciam alguma calamidade ou desgraça partícula, mas também de obras milagrosas e efeitos, ou sucessos sobrenaturais, que são presságios de felicidade, e atualmente fazem aos homens felizes, e neste sentido significa o mesmo que o substantivo *Prodigium,* donde se deriva.[55]

A palavra "milagroso" também poderia ser usada para indicar uma hipérbole, como foi visto no supracitado poema de Gregório de Matos. O léxico de Bluteau também apresenta este sentido da palavra: "Milagroso. Coisa tão extraordinária, que parece milagre. *Miraculo,* ou *prodígio similis, is Masc. E Fem. Le, ei. Next*".[56]

Por último, Rafael Bluteau exibe a palavra usada para se referir aos demasiado crentes, que em tudo viam portentos: "milagreiros":

> MILAGREIRO. O que de tudo faz milagre. O que atribui tudo a milagre, *Qui umnia miraculo adscribit*, ou *attribuit*. *Qui omnia censet esse miracula* (Fazer-se milagreiro, interpretando qualquer movimento das espécies da fantasia, por revelação ou aviso misterioso. Bernardes, Luz e calor, pag. 285).[57]

Inspirado no léxico de Bluteau, o primeiro dicionário em língua portuguesa produzido por um brasileiro, não traz uma ideia de milagre muito distinta daquela apresentada pelo teatino francês. Antônio de Moraes Silva (1755–1824), nascido na cidade do Rio de Janeiro, publicou, no ano de 1789, em Lisboa, o seu léxico e a entrada "milagre" é apresentada de maneira curta e objetiva: "Milagre: efeito superior às forças da natureza, e que só Deus pode obrar como autor dela; ou a quem ele confere a virtude de os obrar. Obra maravilhosa extraordinária: este médico faz milagres no seu curativo, milagre da formosura, etc.".[58] Moraes, porém, ainda que inspirado no "Vocabulario portuguez & latino [...]" para organizar seu léxico, não manteve o tom religioso do padre.

No "Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram", organizado por Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1774–1822) e publicado em 1798, o termo "milagre" não foi incluído, indicando que até o final do período colonial, este vocábulo ainda era usual.[59]

---

[55] BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...]. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, v. 5 (K-N), 1716, p. 483.
[56] Ibidem. p. 483.
[57] Ibidem. p. 483.
[58] SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza [...]**. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, v. 2 (L-Z), 1789, p. 81.
[59] VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa (1798). **Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**: obra indispensável para entender sem erro os

Já na década de cinquenta do século XVIII, mudanças importantes ocorreram na história da igreja no Brasil. Em 1759, a Companhia de Jesus foi expulsa dos territórios dominados pela coroa portuguesa, ordens advindas de Sebastião de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal (1699–1782), ministro do reinado de D. José I (1714–1777), coroado em 1750[60]. Mesmo que as medidas pombalinas no Brasil tenham se circunscrito largamente à esfera econômica, o legado das suas reformas na Universidade de Coimbra representou o início de uma era cientificista, criando um tímido câmbio de ideias entre colônia e metrópole.[61] A "viradeira" de D. Maria I (1734–1816), anos depois, não seria suficiente para conter a tendência racionalista, que criaria raízes sólidas na colônia com a transferência da coroa para o Brasil em 1808.

Deste modo, é possível afirmar que a ideia geral de milagre, durante o período colonial não sofreu alterações substantivas e não assumiu um significado diferente do que possuía na Europa, expressando a evidência de um evento extra ordinário, ou seja, que não poderia ser explicado pelas das leis naturais, sendo considerado, portanto, obra divina. Não ocorreu mudança da definição de "milagre", mas em outros dois aspectos: nas situações em que a ideia de milagre foi aplicada, como nos períodos de guerras, nos momentos de dificuldade por causa de uma doença, entre outros; e na sua aceitabilidade como uma explicação plausível para certas ocorrências. "Milagre" poderia estar associado à mudança temporal, bem como ser usado no discurso como hipérbole irônica, diferentemente do modo austero convencional. Além disso, os milagres eram recorrentemente vistos como resultados de trocas entre os fiéis e o divino. Isto criou, em pequena escala, uma economia do pagamento de promessas, minimamente ordenada pela igreja. Em caso de tais promessas não serem cumpridas, o agraciado poderia ser constrangido pelos meios legítimos a fazê-lo. Havia, porém, momentos certos de requerer um milagre e momentos impróprios, como durante uma partida de cartas, mas era grave violação proclamá-los, caso não fossem oficializados, sendo passível de severa punição. Foi muito lentamente, no decorrer do século XVIII, que as explicações científicas para estes fenômenos

documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. 2ª ed. Revista, correcta e copiosamente adicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo. – Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865, v. 2, p. 89.

[60] Sobre a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, ver: SANTOS, Fabrício Lyrio. ***Te deum laudamus***: a expulsão dos jesuítas da Bahia (1758–1763). Salvador, BA: Sagga, 2019.

[61] "Em relação ao Brasil, a administração pombalina tratou de soerguer as atividades econômicas, combalidas pela perseguição que o Tribunal do Santo Ofício movia às pessoas bem-sucedidas. Acreditava sobremaneira nas possibilidades da Amazônia, atribuindo diretamente ao irmão, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, a tarefa de comandar o inventário de suas riquezas e promover a sua exploração. Eliminou o Estado do Maranhão, que se vinculava diretamente à Metrópole, e extinguiu as capitanias hereditárias remanescentes, medidas que contribuíram para cimentar a unidade nacional, que se evidenciaria como elemento capital no processo da Independência. Promoveu a mudança da Capital para o Rio de Janeiro (1763). Na Universidade reformada por Pombal, distinguiram-se muitos brasileiros que passaram a liderar várias das novas esferas do conhecimento científico". PAIM, Antonio. **História do liberalismo brasileiro**. São Paulo: Mandarim, 1998. p. 17.

passaram a ser concebidas como mais realistas, confiáveis, pertinentes e úteis, e a coexistirem com respostas teológicas e crenças populares.

1.3 Os que narravam os milagres e seus meios difusores

Pela quantidade de relatos de milagres descritos nos documentos da época, é seguro afirmar que o feito milagroso deveria ser divulgado. Todavia, a sua divulgação tinha limites e não era bem vista em certos casos: se o intercessor ainda estivesse vivo, por exemplo. Isso poderia prejudicar a imagem do aspirante a santo, dando-lhe um ar de farsante, transformando seus seguidores em idólatras, ignorantes, irresponsáveis (na visão de uma parte dos clérigos, principalmente) e maus intencionados (na visão dos protestantes), bem como ferir o valor da humildade. Quirício Caxa (?–?), em 1599, relatou um curioso caso em que um grupo de pessoas escolheu não registrar o dia e a hora da realização de um milagre intermediado pelo Padre José de Anchieta (1534–1597), em nome da preservação da humildade do religioso. Caxa conta: "[...] que 8 ou 10 homens o viram dizendo missa na igreja de N. Senhora, da Vila de Porto Seguro, alevantado um pedaço do chão, e querendo notar o dia e a hora, não o ousaram, temendo não se agravasse o P.e. disto, que tão grande conceito tinham de sua grande humildade".[62] Pero Rodrigues (1542–1628) relatou o mesmo caso em sua biografia sobre Anchieta, escrita em 1607, no entanto, não indicou a inibição das pessoas em relatar o caso: "Também na igreja de Nossa Senhora, em Porto Seguro, foi visto por oito ou dez homens dizendo missa, e estar levantado no ar por um bom espaço".[63]

Antes mesmo do século XVII, a igreja católica já se empenhava em controlar o culto dos santos, que, desde o final da idade média, estava disperso em cultos locais. Aos olhos dos padres – e esse era um dos motivos das diversas tentativas de centralização canônica[64] –, as pessoas comuns davam mais importância aos milagres, muitas vezes não comprovados oficialmente pela igreja, do que às virtudes neles envolvidas:

> Nem profecias, nem obras milagrosas, por si, foram nunca prova infalível da santidade de algum servo de Deus; porém, sempre ajudaram muito quando eram denunciadas ou escritas por pessoa de vida exemplar, acompanhada de virtudes evangélicas,

[62] CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura /Cultural Vida, 1957. p. 77.
[63] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897. p. 39, p. 12.
[64] WOODWARD, Kenneth L. **A fábrica de santos**. São Paulo: Siciliano, 1992. p. 68-72.

> caridade com Deus e com o próximo, humildade, mortificação, e outras semelhantes [...].[65]

Os inacianos que chegaram ao Brasil, a partir de 1549, já vieram imbuídos dos debates teológicos sobre a legitimidade ou não do culto dos santos e de seus milagres, discutidos institucionalmente no Concílio de Trento (1545–1563). As críticas dos protestantes parecem ter sido parcialmente acatadas, já que os católicos não abandonaram o culto aos santos, nem deixaram de acreditar em seus milagres, mas diversos processos de canonização foram arquivados ou cancelados pela Santa Sé. Estabeleceram-se diretrizes mais rigorosas que antes para tentar comprovar os milagres realizados pelos santos, através da criação da Congregação dos Ritos, em 1588, pelo papa Sisto V (1521–1590), e, principalmente, por meio dos decretos do pontífice Urbano VIII (1568–1644), em 1625, que estabeleceram como secundário o peso do feito milagroso nos critérios de santificação.[66]

Todos os cristãos contavam histórias de milagres, mas é inegável que os que detinham os meios de difusão, penetração e legitimidade social para relatar tais feitos eram os homens do clero. Quanto aos meios que utilizaram para essa difusão, sem dúvida, em razão do caráter iletrado da sociedade colonial, a transmissão oral predominou. Os eventos religiosos, como festas, procissões e, principalmente, missas, eram o *locus* privilegiado para rememorar as histórias dos portentos.

Entre os leigos, muitos sequer compreendiam as palavras proferidas pelos padres nas missas. Havia poucos conhecedores de sua própria língua, quiçá do latim, língua oficial em que as missas deveriam ser rezadas naquele tempo, com o sacerdote de costas para os fiéis, voltado para o altar.[67] Era, pois, durante os sermões, nos momentos de pregação, que um possível diálogo entre o pregador e o fiel ocorria. Para uma sociedade tão pouco afeiçoada à leitura e tão dependente da oralidade, os sermões nas missas possuíam função pedagógica: através da pregação da palavra, esperava-se mudar o pensar e o agir do fiel[68] – inclusive, transmitindo-lhe as histórias dos milagres.

De acordo com as "Constituições", houveram cerca de 98 datas comemorativas no calendário católico, quase um terço do ano reservado para rememorar as principais histórias do Novo Testamento bíblico e das mercês operadas pelos grandes heróis da igreja católica. Entre

---

[65] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897. p. 39, p. 37.

[66] WOODWARD, op. cit., p. 72-75; VAUCHEZ, André. Santidade. In: GIL, Fernando (coord.). **Enciclopédia Einaudi**. Versão portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, v. 12. p. 287-300.

[67] Apenas no Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1965, estas duas medidas foram revogadas.

[68] MASSIMI, Marina. **Palavras, almas e corpos no Brasil colonial**. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 13.

os padres letrados e interessados em registrar seus sermões, a publicação dos escritos em Portugal – já que a colônia não contava com impressores – era o próximo passo; essa prática se tornou mais e mais recorrente no século XVII e XVIII, permitindo uma maior circulação na colônia do ideário católico.

Além da pregação, os ex-votos e em maior monta as tábuas votivas, também foram importantes veículos transmissores das memórias dos feitos milagrosos do passado. Essas pinturas em pequenos quadros de madeira, que exibiam o momento dos milagres realizados, fosse um bom parto, uma cura bem-sucedida ou uma outra graça qualquer, eram expostas nas igrejas como pagamentos de promessas pelas mercês alcançadas, dando visibilidade e cotidianidade aos portentos.

No que tange aos escritos, além dos sermões publicados, as cartas, assinadas principalmente pelos inacianos, foram, ao menos no início da colonização, tempos dos primeiros milagres em terras americanas, veículos privilegiados para a transmissões e difusão das informações destes feitos entre os letrados. No final do século XVII, no entanto, com a consolidação e expansão da colonização e das instituições religiosas, o fluxo das cartas diminuiu drasticamente, concomitantemente a um aumento da publicação de outros gêneros literários, como os sermões.

O conjunto epistolar, produzido no século XVI, que apresentou diversos indícios ou casos de milagres, serviu de fonte documental para as crônicas e vidas de santos escritas por padres jesuítas seiscentistas, que narraram as histórias dos membros da Companhia com tons épicos e heroicos. Uma das principais crônicas jesuíticas do período colonial foi a escrita por Simão de Vasconcelos, intitulada "Crônica da companhia de Jesus no Brasil", de 1663; o inaciano foi responsável também pela publicação do maior número de vidas de jesuítas naquele período e, consequentemente, um dos maiores divulgadores, através da escrita, dos muitos milagres intermediados por esses padres.[69] Sua *Magnum opus* descreveu a trajetória épica das investidas missionárias dos inacianos nas terras brasílicas, uma saga recheada de milagres intercedidos por missionários jesuítas.

[69] Sobre as "Crônicas [...]" e a divulgação das vidas de santos no Brasil, ver: SANTOS, Zulmira C. A literatura "hagiográfica" no Brasil do tempo do Padre Antônio Vieira: da Crônica da companhia de Jesus do estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do novo mundo (1663) às biografias devotas de Vasconcelos. In: **Românica**. N.º 17, 2008, p. 151-166; SANTOS, Zulmira C. Em busca do paraíso perdido: a Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil de Simão de Vasconcellos, S.J. In: José Adriano de Freitas Carvalho (dir.), **Quando os frades faziam história, de Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcellos**. Porto, 2001, p. 145-178; MENDES, Paula Almeida. "Vidas", "histórias", "crónicas", "tratados": sobre a escrita e a edição de hagiografias e de biografias devotas em Portugal (séculos XVI-XVII). In: **Lusitania Sacra**, n.º 28, 2013. p. 173-215.

As vidas de santos, nomeadas biografias devotas a partir do século XIX, foram livros de história lidos com peso de verdade e adquiriram o caráter de *magristras vitae* entre os católicos. Entre 1599, ano da publicação da "Vida e morte do Padre José de Anchieta", escrita por Quirício Caxa, e 1752, ano em que a "Vida do venerável padre Belchior de Pontes", redigida por Manoel da Fonseca (1703–?), veio a público, foram escritas diversas vidas de religiosos, com o propósito de alavancar a beatificação ou a canonização dos biografados. Tais livros serviam também, e sobretudo, para manter viva a memória do homenageado e transformar o seu modo de vida em exemplo a ser seguido por todos os fiéis que almejassem adotar condutas verdadeiramente cristãs.

Esses livros, todavia, eram lidos, na maioria das vezes, somente pelos próprios padres, já que compunham a maior parte do grupo dos letrados naquela sociedade, e nunca eram mencionados nas missas, pois seria afrontar, em demasia, a Santa Sé, exaltar em público uma figura não oficialmente beatificada ou canonizada pela igreja. Os personagens centrais destas vidas produzidas na colônia eram os missionários jesuítas, exemplos para os membros da companhia. As vidas passavam por uma censura da inquisição e o resultado era notificado no início dos livros, juntamente com um aviso de que os milagres narrados ao longo do escrito, reproduziam o que tinha sido dito por aqueles que relataram as histórias aos autores. Ao longo do século XVIII, a publicação dessas vidas de santos da Companhia de Jesus diminuiu drasticamente e veio a desaparecer por completo em 1759, quando os jesuítas foram expulsos do Brasil.

Falar acerca dos milagres, portanto, era uma prática comum, no entanto, implicava uma condição: que o intercessor estivesse morto, pois, caso contrário, ele poderia ser associado a um embusteiro, o que comprometeria a veracidade dos seus feitos, afirmação que ainda será melhor exemplificada. A difusão de tais realizações deu-se principalmente por via oral, através dos sermões e do "boca a boca", mas ocorreu, também, através de meios imagéticos, como as citadas tábuas votivas, e meios escritos, como sermões, cartas, vidas e crônicas. Em linhas gerais, quem detinha os melhores meios para essa difusão eram os padres, sobretudo os inacianos. Já se tem, pois, o significado de milagre para os coetâneos, o perfil de quem os relatava e a descrição dos meios utilizados para fazê-lo, passa-se, agora, ao milagre propriamente dito.

2 OS ELEMENTOS QUE COMPUNHAM AS REALIZAÇÕES MILAGROSAS

2.1 O autor dos milagres

No "Sermão do santíssimo sacramento", proferido no ano de 1645, em Lisboa, na igreja de Santa Engrácia, Antônio Vieira, citando uma fala do Rei Davi, presente nos salmos, assevera que "[...] o autor dos milagres é só Deus e o sujeito dos milagres são as criaturas"[70]. Na visão teológica, não restavam dúvidas de que apenas um único ser era responsável pelas realizações milagrosas, o Criador, ao contrário da criatura, que de nenhuma maneira poderia nascer com esta capacidade ou desenvolve-la sozinha ao longo da vida.

Quase um século depois, Nuno Marques Pereira (1652–1728) sustentaria que Deus é o único capaz de realizar mercês, citando o mesmo excerto da fala de Davi, presente nos salmos, que Antônio Vieira referenciou no "Sermão do santíssimo sacramento", em 1645. Em seu famoso "Compêndio narrativo do peregrino da América", publicado em 1728, o moralista sustenta que "[...] o autor dos milagres é Deus (como diz David. Pf. 71. 18. 135. 4) e o sujeito dos milagres são as criaturas"[71].

Esta unanimidade foi também reafirmada enfaticamente por Simão de Vasconcelos (1597–1671), um dos inacianos mais importantes do período colonial. Na "Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Jesus [...]", publicada em 1658, Vasconcelos repete o consenso entre os padres de que o artífice dos milagres é Deus e a criatura, sujeito da mudança:

> Maravilhas que cheguem a chamar-se milagres, sabido é que só o autor da natureza, Senhor, e Criador das criaturas todas, pode obra-las, segundo a doutrina comum de Santo Thomas; porque somente a onipotência do Criador pode alterar as criaturas, dispensar as leis do universo e obrar mudanças desacostumadas nos elementos, nos corpos e nas almas humanas.[72]

No início do século XVIII, o teatino Raphael Bluteau, na entrada "milagre" do seu "Vocabulario portuguez & latino [...]", procurou explicar, além do significado literal do vocábulo, quem o realizava: "[...] só Deus de seu próprio poder faz milagres. [...] O artífice do

---

[70] VIEIRA, Antônio. **Sermões I**. São Paulo: edições Loyola, 2008. p. 50.

[71] PEREIRA, Nuno Marques. **Compendio Narrativo do Peregrino da America, Em que se Tratam Varios Discursos espirituais, e moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brasil**. Offerecido a Nossa Senhora Da Victoria, Imperatriz do Ceo, Rainha do Mundo, e Senhora da Piedade, Mãy de Deos. Lisboa: Officina de Antonio Vicente da Silva, 1760, v. 1. p. 279.

[72] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 171-172.

milagre é Deus, o instrumento, a fé"[73]. Mesmo no século das luzes, a afirmação de que Deus era o único artífice das mercês foi sustentada no Brasil. No "Diccionario da lingua portuguesa [...]", léxico de Antônio de Moraes Silva (1755–1824), novamente foi afirmado que "só Deus pode obrar como autor dela"[74]. Do ponto de vista dos padres, portanto, era um consenso que quem possuía a capacidade de intervir milagrosamente no espaço mundano era o Criador. As criaturas eram somente os sujeitos recebedores das mercês.

Na visão dos fiéis mais idólatras, os santos também eram capazes de realizar milagres. Daí a necessidade entre os padres de afirmar, reiteradamente, que apenas Deus era o autor dos milagres. Uma das figuras mais emblemáticas do catolicismo colonial, muito cultuada entre as pessoas de vida humilde e pouco afortunadas, solicitada nos momentos mais banais do cotidiano, foi Santo Antônio (1195–1231). De santo guerreiro e casamenteiro a santo das coisas perdidas[75], Santo Antônio foi tido como um verdadeiro "faz-tudo" entre os católicos do Brasil colonial. O jesuíta Antônio Vieira, em um sermão proferido em São Luiz do Maranhão, no ano de 1653, bem ilustra a popularidade que tinha o santo entre os fiéis:

> Se vos adoece filho, Santo Antônio; / se vos foge um escravo: Santo Antônio; / se mandais a encomenda, Santo Antônio; / se esperais o retorno, Santo Antônio; / se requereis o despacho, Santo Antônio; / se aguardais a sentença, Santo Antônio; / se perdeis a menor miudeza da casa, Santo Antônio; / e talvez, se quereis os bens alheios: Santo Antônio![76]

As tábuas votivas não indicam exatamente o mesmo: as duas figuras mais utilizadas nas representações de milagres dessas tábuas são o próprio Deus, demonstrando, em parte, o sucesso do argumento do clero, mas também Nossa Senhora, uma intercessora, sempre tida como especial no catolicismo, pela sua ligação maternal com Jesus Cristo.

Portanto, na visão teológica dos religiosos e de muitos fiéis bem orientados, imbuídos do pensamento oficial da Igreja, o único capaz de realizar milagres era Deus. Todavia, na visão de muito leigos, recorrentemente, os milagres eram atribuídos aos santos, grandes depositários da confiança daquelas gentes.

2.2 Os sujeitos dos milagres

---

[73] BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...]. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, v. 5 (K-N), 1716, p. 481-482.

[74] SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza [...]**. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, v. 2 (L-Z), 1789, p. 81.

[75] AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 264.

[76] Ibidem.

Todas as criaturas poderiam ser agraciadas com milagres. Entretanto, por norma, o que determinava quem receberia ou não a graça era o respeito do solicitante pelos valores cristãos e o tamanho da sua fé, se fossem criaturas humanas. Quanto mais seguidor do que era tido como moralmente elevado, maior era a possibilidade de receber um milagre, e quanto mais imoral a conduta, maior também a chance de receber um castigado. Outro ponto importante é que o agraciado do milagre não constituía um elemento de destaque nas narrativas que descreveram fenômenos milagrosos. Normalmente, não foram detalhadamente referenciados nos escritos, sendo designados, na maior parte dos casos, somente através do gênero ou da categoria social a que pertenciam.

Os recorrentemente agraciados por Deus mediante um milagre, nas narrativas dos séculos XVI e XVII, foram, com efeito, os padres jesuítas, especialmente aqueles que já nasciam predestinados à santidade, como os Padres José de Anchieta (1534–1597) e João de Almeida (1571–1653). Isso pode ser percebido, sobretudo, através da leitura de vidas de santos, que relatam as histórias desses personagens agraciados milagrosamente por Deus. Na "Vida e morte do Padre José de Anchieta", escrita pelo padre Quirício Caxa, em 1599, foi relatado que a maré não molhava o local em que o inaciano costumava rezar, nem seu caminho de passagem pelas areis daquela praia. Entretanto, não é sabido se foi Caxa redator deste excerto, já que o trecho está num "suplemento" da obra, dando indícios de que foi escrito posteriormente à publicação da "Vida"[77]:

> Nesta pescaria desapareceu o padre um dia por espaço de quatro horas, e buscando-o por diversas partes, foi este padre dar com ele, assentado na borda d'água e costa brava, com os olhos no céu e as mãos postas debaixo dos braços. Fez estrondo e chamou por ele, mas não acudiu, até que chegou e puxou por ele. Era quase preamar, e sendo a praia toda igual, toda estava coberta de maré, tirando um espaço por onde ele passou primeiro, e o lugar onde estava sentado, que seria de comprido como dez ou doze braças e quatro de largo. Indo o padre, como iam saindo daquele espaço, assim a maré o vinha logo cobrindo até chegar a seu lugar acostumado, dando bem a entender que o Senhor daquele furioso elemento pôs freio por aquele espaço de tempo, para que não espraiasse por aquele lugar, como outras vezes soía fazer, por respeito e consolação de seu servo.[78]

Em relação aos milagres recebidos pelo padre João de Almeida, conta Simão de Vasconcelos (1597–1671) na "Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Jesus", que, ainda

[77] "Junto ao apógrafo de Quirício Caxa figura este suplemento, que Serafim Leite repudia que seja da pena do autor da Breve Relação. Não está, porém, identificado o autor que escreveu esse acréscimo à biografia de Q. Caxa". CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura /Cultural Vida, 1957. p. 79.

[78] Ibidem, p. 81.

criança, após subir em uma figueira no quintal de sua casa para apanhar as frutas, desequilibrou-se e caiu, perdendo a fala e ficando a ponto de expirar. No entanto, subitamente, Deus mudou seu destino[79]:

> Este caso me contou Ele a mim, que o escreveu: e achei depois, fazia dele particular menção naquela sua meditação, que compôs do benefício da vocação, e de outros semelhantes benefícios que recebeu do Céu. Não declarava mais particularidades; porém, pelo modo de seu contar, e pelo grande caso que fazia desta mercê de Deus, tenho para mim que concorreram nela circunstâncias sobrenaturais, que sua modéstia não declarava; mas só dizia que foi Deus servido dar-lhe saúde de improviso: e bem sabemos nós, não ter poder a natureza para obrar de repente.[80]

Já no século XVIII, houve uma queda do prestígio da figura do missionário e um aumento da exaltação de religiosos de outras ordens, de mulheres enclausuradas em conventos e de outros postulantes à santidade. Todavia, os religiosos ainda continuaram sendo beneficiadores privilegiados dos feitos milagrosos.[81]

O português católico, branco e leigo também foi mais comumente referido como recebedor de milagres. Entre os componentes desse grupo, destacam-se as pessoas de qualidade, cujos relatos eram uma importante contribuição para o reconhecimento dos milagres nos processos canônicos. Para que os relatos ganhassem maior peso de veracidade, era, pois, interessante narrar milagres que agraciaram pessoas da elite. No caso a seguir, o franciscano Vicente de Salvador, em seu livro "História do Brasil (1500-1627)", atribuiu a Deus, por intercessão de S. Cosme e Damião (?–303), o mérito dos milagres operados em um cerco feito pelos gentios em Pernambuco dos tempos de Duarte Coelho (1485–1554), livrando os cristãos portugueses das adversidades, da fome e das armadilhas dos índios:

> O aperto maior que houve neste cerco foi o da fome; porque se não podiam valer de suas roças, onde tinham o mantimento, nem do mar para pescar e mariscar, e se da ilha de Itamaracá os não socorreram pelo rio em um barco, sem dúvida morreram todos à fome; e ainda este socorro lhe quiseram estorvar por muitos modos, mandando ameaçar aos da ilha, que só por isto lhes iriam fazer guerra e esperando o barco;

---

[79] Outros padres tiveram as histórias dos feitos milagrosos que receberam em vida, narradas em narrativas durante o século XVII, como os padres Pêro Correa e o padre João Lobato. GUERREIRO, Bartolomeu. **Gloriosa Coroa d'esforços religiosos da Companhia de Jesu mortos polla fé catholica nas Conquistas dos reynos da Coroa de Portugal. Composta pelo P. Bartholomeu Guerreiro da mesma Companhia**. Lisboa, Antonio Alvarez, impressor del Rey nosso Sñor, 1642. p. 306; VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 154.

[80] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658, p. 12.

[81] Antônio Vieira e Paulo Teixeira, por exemplo, tiveram os milagres que receberam ao longo da vida narrados em livros setecentistas. MENEZES, D. Francisco Xavier de. **Oração fúnebre nas exéquias do reverendíssimo padre Antônio Vieira**. Lisboa ocidental: Na oficina de Joseph Antônio da Sylva, 1730. p. 7; COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 317-318.

> quando passava, lhe tiravam de terra muitas flechadas, pelo que era necessário ir muito bem empavesado e, contudo, sempre feriam alguns remeiros, e uma vez determinaram fazer uma armadilha com que metessem o barco no fundo com quantos iam nele, e para este efeito, cortaram uma grande árvore que estava em uma ponta de terra, por onde haviam de ir costeando, e não a cortaram de todo, senão quanto se tinha por uma corda, para que quando passasse o barco por junto dela, então a largassem e deixassem cair; mas quis Deus que eles caíssem na armadilha que fizeram, porque a árvore não caiu para fora, senão para a terra, e os colheu debaixo, matando e ferindo a muitos. Outros muitos milagres obrou Nosso Senhor neste cerco, pela intervenção dos bem-aventurados S. Cosme e Damião, padroeiros desta vila, que se isto não fora, não se puderam sustentar com tantas necessidades, quantas padeciam.[82]

Depois dos missionários e dos portugueses leigos em geral, os índios foram os mais agraciados por milagres. Há duas situações em que mais comumente isso ocorria. A primeira, em momentos de risco de vida, quando o índio era batizado. Foi esse o caso do milagre citado no capítulo anterior, descrito pelo padre Manuel da Nóbrega, em uma carta de onze de agosto de 1551, sobre os dois barcos de índios que saíram para pescar, e um deles, composto por não convertidos, naufragou, matando todos que estavam a bordo.[83] A segunda situação diz respeito aos recém nascidos, filhos de índios, que morriam antes de receberem o batismo. Nesses casos, há uma série de relatos que narram a ressurreição temporária de tais crianças pelas mãos de padres jesuítas, como Anchieta e João de Almeida, retornando ao sono eterno depois de receberem o batismo *in extremis*. Há também casos que narram crianças indígenas adoecidas que, após receberem o sacramento batismal, retomaram a saúde repentinamente[84]. Esses casos foram narrados, sobretudo, nos séculos XVI e XVII, período de intensa prática missionária no Brasil, caindo depois no esquecimento.

O grupo de pessoas que menos foi descrito na posição de receptores de milagres foi o dos negros africanos e seus descendentes. Comparado a outros grupos, há poucos relatos em que negros recebem milagres, e os existentes normalmente datam do século XVIII, período em

---

[82] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 110-111.

[83] CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, de Lisboa. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 269. Outro caso de cura pelo batismo pode ser encontrado em: RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897. p. 39.

[84] CARTA do padre José de Anchieta ao padre geral Diogo Lainez. In: **Cartas**: correspondência ativa e passiva. Pe. Hélio Abranches Viotti (Org.). São Paulo: edições Loyola, 1984. p. 232; VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu, Taumaturgo do Novo Mundo, na Provincia do Brasil.** Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672, Livro II, p. 91; VASCONCELLOS, Simão de. Livro primeiro da recopilação da vida do P. Joseph Anchieta da Companhia de Jesu. In: **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu, Taumaturgo do Novo Mundo, na Provincia do Brasil.** Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672. p. 26; VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D'Almeida da Companhia de jesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 66. Neste caso, não foi uma criança, mas um adulto, denominado Diogo: VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu, Taumaturgo do Novo Mundo, na Provincia do Brasil.** Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672, Livro III, p. 156-159.

que o cristianismo estava mais difundido no Brasil. Os negros africanos, diferentemente dos índios, vistos desde o início como almas doutrináveis, não foram encarados a princípio como potenciais cristãos, pois mostravam alguma relutância em adotar o cristianismo e eram resistentes à doutrinação católica. Por este motivo, há menos relatos de negros africanos sendo agraciados por milagres, ao contrário dos índios, o centro das atenções dos padres durante o século XVI e parte do XVII.

No convento do desterro da Bahia, por exemplo, um menino escravo, encontrando-se adoentado, receitou-o Madre Victória da Encarnação (1661–1715) o batismo: foi então que o milagre aconteceu. Quem narrou esta história foi o inaciano Sebastião Monteiro da Vide, na sua "História da vida, e morte da madre sóror Victoria da Encarnação [...]", publicada em 1720:

> Celebre foi a receita que a madre Victoria deu a uma religiosa, que lhe queixava do pouco efeito que faziam tantos remédios aplicados por muitos cirurgiões a um pretinho, por espaço de dois anos, achando-se cada vez pior, ao que respondeu a Madre Victoria: "Que lhe daria um remédio muito fácil e que logo sararia". Contente, lhe pediu a religiosa que lhe ensinasse tão fácil e eficaz remédio, para logo lhe aplicar. Disse-lhe então a Madre Victoria*:* "Mandou batizar, depois de bem influído (porque era ainda pagão), e logo sarará". Assim se fez e sem outra alguma medicina, sarou logo (grifos do autor).[85]

Na "Vida do venerável Belchior de Pontes da Companhia de Jesus da Província do Brasil", escrita por Manoel da Fonseca (1644–1719) e publicada no ano do Senhor de 1752, um escravo recobrou saúde, depois que aplicaram nele uma oração escrita do padre jesuíta, tida como relíquia:

> De São Paulo foi para as Minas dos Guaiás o dito Antonio Pinto, e levou consigo a mesma oração, a qual mudando ainda de ares, não perdeu a virtude; porque picando nas Minas da Cambaíba uma cobra a um escravo do coronel Francisco do Amaral Coutinho, se valeu ele da mesma oração, o qual aceitou com tantas mostras de reverência, que a recebeu e restituiu de joelhos, depois de ter aplicado ao ferido com efeito, que a sua fé lhe prometia.[86]

Em um outro caso narrado, foi aplicada uma carta do padre Belchior de Pontes em um escravo que sofria com uma mordida de cobra.[87]

---

[85] VIDE, Sebastião Monteiro da. **História da vida, e morte da madre sóror Victoria da Encarnação, Religiosa Professa no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia**. Roma: Estamparia de Joam Francisco Chagas, 1720. p. 74. E continua: "Muito doutrinal foi este remédio, e muito parecido ao que cristo aplicou ao paralítico do evangelho, a quem pela remissão dos pecados se lhe restituiu a saúde, ensinando-nos também que devemos tirar os pecados da alma se queremos falar das enfermidades do corpo, pois é certo, que estas são, e foram nascidas do primeiro pecado de nossos primeiros pais". Ibidem. p. 74-75.

[86] FONSECA, Manuel da. **Vida do venerável padre Belchior de Pontes**. Lisboa: Na officina de Francisco da Silva, 1752. p. 263.

[87] Idem.

Os animais constituíram o grupo que menos foi relatado recebendo milagres. "O reverendo padre Lourenço Leite, vendo um cavalo, a quem uma cobra tinha inficionado com o veneno, que tinha já o corpo cheio de tumores, o sarou só com lhe pendurar ao pescoço uma carta do Padre Pontes, que como preciosa relíquia conservava", relatou o padre Manoel da Fonseca, novamente na "Vida do venerável Belchior de Pontes da Companhia de Jesus da Província do Brasil".[88] Mais adiante, relata Manoel da Fonseca que "o mesmo efeito tinha experimentado já seu pai, o Capitão Francisco Rodrigues Penteado, em outro cavalo mordido de cobra e já quase deplorado; porque a inchação, que lhe notava, já não dava lugar a outros remédios, e só a sua carta aplicada àquele bruto o sarou perfeitamente"[89]. Por último, "nas Minas dos Corichás, no lugar dos Guarinos, picou outra cobra a dois cachorros do mesmo Antonio Pinto (?–?), o qual como tinha já remédio sabido na sua oração, deixou os naturais, e acudindo a ela, a aplicou às feridas, e experimentou em todos o mesmo milagroso efeito"[90].

Destarte, o principal modo de receber um milagre no tempo da colônia era adotar plenamente a moral cristã, o que favoreceria os padres, sobretudo os missionários. O português, branco, leigo, vivente da colônia, comparado aos dois grupos humanos seguintes, também recebia, em maior monta, os portentos das mãos santas de Deus. Durante os séculos XVI e XVII, os indígenas batizados e as crianças gentílicas também foram recorrentemente descritos como sujeitos das maravilhas divinas, indicando a crença na sua conversão e salvação. Ao contrário dos negros africanos, que, infrequentemente, foram relatados recebendo milagres neste mesmo período, situação que somente seria relativamente alterada no século XVIII, em que este número passa a ser maior. Por último, os animais raramente foram citados recebendo milagres, como pode ser visto. O período setecentista foi marcado, no que remete à figura dos sujeitos dos milagres, por uma maior diversidade do que nos dois séculos anteriores. Houve, ainda, aqueles que, pelo tamanho do ato pecaminoso cometido ou por serem hereges, ou seja, inimigos da fé católica, receberam de Deus apenas castigos, muitas vezes severos. Os castigos, porém, são objeto para uma outra investigação. A seguir, serão abordados dois condicionantes das ocorrências milagrosas: o seu local de ocorrência e a situação em que ocorriam.

[88] FONSECA, Manuel da. **Vida do venerável padre Belchior de Pontes**. Lisboa: Na officina de Francisco da Silva, 1752. p. 262.
[89] Ibidem.
[90] Ibidem.

2.3 Os locais e as situações privilegiados para as ocorrências milagrosas

> Francisco Pérez está em Porto Seguro e está com ele até agora Vicente Rodriguez, e vindo a se comunicar com o padre Nóbrega nesta costa algumas coisas nas quais ficou doente, não pôde voltar. Ele fez um eremitério lá, para o qual as pessoas são muito devotas e é muito visitadas de romarias. Percorre por toda a costa que uma fonte que se abriu após a fundação do eremitério, dá saúde aos enfermos.[91]

Esta é, possivelmente, a menção mais antiga a um "local de milagres", isto é, lugares que os contemporâneos de uma época reconhecem como mais propenso à intervenção divina milagrosa. Destino de muitos enfermos pela santa água de sua fonte, o relato escrito pelo padre António Pires (?–1572), em agosto de 1551, e direcionada aos padres e irmãos de Coimbra, descreve a igreja de Nossa Senhora da Ajuda de Porto Seguro. A data precisa de sua fundação é desconhecida, mas estima-se que tenha sido no mesmo ano da chegada dos jesuítas ao Brasil, em 1549[92], pois, a igreja d'Ajuda, além de local de milagres, foi a primeira igreja de Porto Seguro e casa dos inacianos no Brasil. O seu fundador foi Manuel da Nóbrega, padre jesuíta que possibilitou a construção da igreja, indicando onde ela deveria ser levantada e delegando dois irmãos para cuidar de seus encargos: Francisco Pires (?–1586), superior do local e Vicente Rodrigues (?–?). A Ajuda e os milagres de sua fonte foram repetidamente referenciados nos mais diversos gêneros narrativos do período colonial, como cartas[93], vidas de santos[94],

---

[91] "*Francisco Pérez está en Puerto Seguro y ha estado con él hasta ahora Vicente Rodriguez, y vino ahora a comunicar con el Padre Nóbrega en esta costa algunas cosas, en la cual enfermo, y por tanto no podido más tornar. Ha hecho hacer uma ermita allí, a la cual la gente es muy devota y es muy visitada de romerías. Diese por toda la costa que uma fuente que se abrió después de la fundación de la ermita da salud a los enfermos*". CARTA do Padre António Pires aos padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, vol. I, p. 260.

[92] Serafim Leite, em nota (nº 3), referindo-se a José Álvares do Amaral, diz que o autor "[...] dá como data inicial para a edificação da igreja, 26 de dezembro de 1551. Não aduz documento. Nesta data só poderia ser reedificação", comenta o inaciano português. LEITE, Serafim: **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1938, v. 1. p. 205.

[93] ANCHIETA, José de. Informações do Brasil e de suas Capitanias. In: MACHADO, A. de Alcântara. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. p. 317 e 489; Carta do Irmão António Brazquez aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 259-260; Carta de um Irmão do Brasil aos irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 427; Carta do Irmão Vicente Rodrigues por comissão do governador do Brasil Tomé de Souza ao padre Simão Rodrigues. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 321; Carta do Padre Ambrósio Pires aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 53-54; Carta do Padre António Pires aos padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 260; NAVARRO, Azpilcueta *et al*. **Cartas avulsas: 1550-1568**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. p. 166-167.

[94] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 42-43; VASCONCELOS, Simão de. **Vida do Veneravel**

Crônicas[95], livros de cunho histórico[96], tratados[97], dentre outros gêneros[98]. Em meados do século XVIII, após a expulsão dos inacianos das terras do reino de Portugal, a ermida de Nossa Senhora da Ajuda de Porto Seguro já não era mais um local de milagres, destino daqueles que viam a água santa de sua fonte como a única esperança de cura. No "Novo orbe seráfico brasílico", publicado no ano de 1761 e redigido pelo frei da ordem de São Francisco, Antônio de Santa Maria Jaboatão (1695–1779), há uma breve passagem que indica uma ressignificação memorial da ermida, antes visitada pelos muitos milagres de sua fonte:

> Também edificou o mesmo Donatário – Pedro de Campos Tourinho - a Villa de Santo Amaro, uma légua distante da de Porto Seguro, à parte do Sul. Junto a esta, em um pico muito alto, está colocada a devota Capela de N. Senhora da Ajuda, que naqueles tempos foi muito buscada pelos milagres e benefícios, que da proteção piedosa desta Senhora, participavam os seus devotos. Foi o primeiro prodígio da sua piedade a milagrosa fonte, que começando a brotar repentinamente debaixo do seu altar, com sonoro e brando sussurro, ao tempo que celebrava nele o tremendo sacrifício da missa o padre Francisco Pires, superior da residência de Porto Seguro, que fundou a dita capela, foi brotar aquela corrente em um formoso olho de água, fora do frontispício da igrejinha, ao pé de uma frondosa árvore, com a qual ficou remediada a necessidade, que havia dela para a obra da igreja e serviço dos padres, e foi isto pelos anos de 1559.[99]

Já em Olinda, outro santuário em homenagem a dois santos, foi construído: a igreja de São Cosme e Damião, santos que foram muito cultuados nos tempos primitivos do catolicismo no Brasil. Relata o franciscano Vicente de Salvador, na "História do Brasil (1500-1627)", sua fama de local de milagres naquele templo:

Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672, Livro IV, p. 247-248.

[95] TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesu na província de Portugal [...]**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1645, parte I. p. 467-469; VASCONCELLOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil [...]**. 2. ed. Lisboa: em casa do Editor A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea, 132-134, Livro II, 1865. p. 247-248.

[96] PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 113; SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 98.

[97] CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. 2. ed. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939. p. 262-263.

[98] MARIA, Agostinho de Santa. **Santuario Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]**. Tomo Nono e Décimo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1722. p. 256-257; SOARES, Francisco. **Coisas notáveis do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966, p. 33.

[99] JABOATÃO, António de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico [...]**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858, v. 1. p. 81. A partir da leitura da carta supracitada de António Pires, datada do ano de 1551, é o suficiente para perceber que 1559 não é a data de fundação correta da ermida d'Ajuda de Porto Seguro. Para mais informações sobre a igreja e fonte de Nossa Senhora d'Ajuda, ver: SEMEÃO, Lucas de Almeida. A igreja e a fonte de Nossa Senhora d'Ajuda de Porto Seguro (1551-1761). In: Antônio Gasparetto e Ana Paula Dutra (Orgs.). **História**: espaço fecundo para diálogos 2. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020, p. 221-232.

> Dali deu Duarte Coelho ordem a se fazer a vila de Igaraçu, uma légua pelo rio adentro, do qual tomou o nome, e também se chama a vila de São Cosme e Damião, pela igreja matriz, que tem deste título e orago, a qual é muito frequentada dos moradores da vila de Olinda, que dista dela quatro léguas, e de outras partes mais distantes, pelos muitos milagres que o Senhor faz pelos merecimentos e intercessão dos santos.[100]

A ocorrência de milagres durante o período de construção de uma igreja, a casa de Deus, era algo corriqueiro. O citado Frei Vicente de Salvador, conta, na "História do Brasil (1500–1627)", um milagre em que Deus teria multiplicado pipas de cal que seriam usadas na construção de uma igreja no Maranhão, milagre que, aliás, lembra muito dois outros de Jesus Cristo – quando o Filho de Deus alimentou em duas ocasiões milhares de bocas com apenas sete pães e alguns peixes. A multiplicação, no caso, foi do material de construção da igreja:[101]

> Os mais chegaram ao Maranhão em seis de agosto, onde começaram a edificar uma casa e igreja de taipa, em que se disse a primeira missa no ano seguinte, dia de Nossa Senhora das Candeias, ajudando Deus a obra com algumas maravilhas e milagres notáveis.
> Um foi que, dizendo os pedreiros que para se rebocarem as paredes, eram necessárias sessenta pipas de cal, não havendo mais que 25, com elas se rebocaram e sobejaram ainda dezessete pipas, não sem grande admiração dos oficiais, que com juramento, afirmaram [que] era milagre.[102]

Mais adiante, o franciscano narra outro milagre ocorrido na construção de uma igreja:

> Outro foi que trazendo-se para a obra em um carro uma muito grande e pesada trave, caiu o carreiro que ia diante, e passando a roda do carro por cima dele com todo aquele peso, não lhe fez dano algum, mas logo se levantou são e prosseguiu sua carreira, ficando-lhe só o sinal da roda impresso no peito por onde passou para prova do milagre.[103]

Já na Bahia, a igreja considerada local de milagres foi a ermida de Nossa Senhora da Soledade, mencionada, por exemplo, por Rocha Pita (1660–1738), na sua "História da América Portuguesa", publicado em 1730: "Na parte do sítio, que hoje se denomina Soledade (invocação de uma nova igreja de Nossa Senhora, celebre santuário de milagres, que frequentam com

---

[100] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 107-108.
[101] BÍBLIA sagrada. Primeiro momento: **Mateus** 14:13-21, **Marcos** 6:31-44, **Lucas** 9:10-17 e **João** 6:5-15; Segundo momento: **Marcos** 8:1-9 e **Mateus** 15:32-39. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/acf. Acesso em: mar. 2019.
[102] SALVADOR, op. cit., 1627. p. 536.
[103] Ibidem.

repetitivos votos todos os moradores da Bahia) está o forte do Barbalho [...]"[104]. Mais adiante, há outra referência ao anseio por milagres que levavam os fiéis àquela igreja:

> Alguns anos depois, tendo o arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, notícia deste prodígio da natureza e da vida que nela fazia Francisco Mendonça, o mandou chamar, e informado, enviou a ele um visitador, o qual achou decentemente ordenados os altares com as esmolas dos peregrinos, que já concorriam àquele novo santuário pelos muito milagres que a Senhora obrava em todos quantos enfermos a iam ali buscar.[105]

Na cidade de São Paulo, o local de milagres era uma capela que homenageava Santo Antônio – um dos principais santos do Brasil colonial, perdendo somente em popularidade para a Virgem Santíssima, muito procurada pelos fiéis católicos:

> [...] E que também de cabeça da província perdesse a vila de São Vicente a dignidade, que passou à de Santos, e agora está na Cidade de São Paulo, chamada antes vila de Piratininga, não existindo na primeira mais que a igreja com a invocação do santo, e uma Capela de Santo Antônio, pequena pela fábrica e grande pelos milagres, que continuamente está obrando em todos os que visitam, e naqueles moradores que a frequentam; os quais foram em outro tempo muitos, e não passam hoje de oitocentos vizinhos.[106]

Relativamente próximo a esta região, na vila de Itanhaém, situada a nove ou dez léguas de São Vicente, de acordo com o Padre José de Anchieta (1534–1597), havia uma igreja erguida com pedra e cal, que também era destino de peregrinação para os que rezavam novenas e para aqueles que buscavam curas e resoluções de problemas cotidianos. Diz José de Anchieta:

> Ao longo da praia, na terra firme, nove ou dez léguas da vila de São Vicente para o sul, tem uma vila chamada Itanhaém, de Portugueses, e junto dela, da outra banda do rio, como uma légua, tem duas aldeias pequenas de índios cristãos. Nesta vila, tem uma igreja de pedra e cal, na qual, quando se reedificou, o administrador deitou a primeira pedra com toda a solenidade: é da conceição de Nossa Senhora, onde de toda a capitania vão em romaria e a ter novenas, e fazem-se nela milagres.[107]

Outra igreja afamada como local de milagres, destino de romarias e fiéis que almejavam a interferência divina em forma de mercê, foi a capela localizada próxima ao convento de Nossa

---

[104] PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 75.

[105] PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 453-454.

[106] Ibidem, p. 128.

[107] ANCHIETA, José de. Informações do Brasil e de suas Capitanias. In: MACHADO, A. de Alcântara. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933. p. 320.

Senhora do Carmo, em Recife. No entanto, desta vez, não era a capela a grande atração entre a comunidade católica, mas, sim, uma imagem de Nossa Senhora da Boa Morte que havia sido encomendada em Lisboa e trazida por uma embarcação que, ao atracar no porto de Recife, foi destruída por uma forte tempestade, lançando-a ao mar:

> Dos Religiosos de N. Senhora do Carmo do convento de Olinda nenhum morreu, e dois que levemente adoecerão, se virão logo restituídos a sua perfeita saúde, pagando-lhes a Senhora da Boa-morte, com liberalidade de Rainha os serviços que lhe faziam estes seus devotos filhos. É venerada neste convento uma milagrosa imagem de Nossa Senhora da Boa morte, [que] em Lisboa se mandou fazer, e se obrou com toda perfeição. Embarcando-a para Pernambuco, o fizeram em uma charrua, a quem davam o nome Boa fortuna. Com prospera viagem arribou ao Porto do Recife, e com alegria dos navegantes, e interessados, deu fundo no poço, surgidouro das naus. Porém ainda que se achava nela a Imagem daquela Senhora, que é a estrela dos mares e a quem eles obedecem, e que para todos os seus devotos alcança as boas viagens, e seguro porto da salvação, permitiu que a charrua combatida de uma grande tempestade, desse a costa sem dela se salvar coisa alguma. O caixão, em que vinha a imagem santíssima de Nossa Senhora, três dias vagou pelos mares e depois tomou terra em uma praia vizinha do convento onde havia ser adorada. Tanto que os religiosos tiveram notícia, de que a sua Senhora ali se achava, com lágrimas de júbilo em triunfal, e devota procissão, que acompanhava imenso povo, a trouxeram para a sua igreja e a colocaram em uma magnifica capela, onde com muito grande devoção é adorada, e todos os moradores desejam de a servir e de se empregarem nos seus obséquios. No fatal contágio de que tratamos, a invocarão os religiosos daquele convento, e a todos livrou a mãe de Deus, nem o contrário lhes podia suceder em males, que para outros não tinham remédio, tendo da sua parte a que deu remédio ao mundo.[108]

As igrejas eram locais de conexão entre o céu e a terra, na visão dos colonos, similarmente aos conventos, que, no final do século XVII, e, sobretudo, ao longo do XVIII, também foram concebidos como locais propensos à ocorrência de milagres. Um dos locais mais conhecidos, por ter sido palco de diversas realizações milagrosas, foi o convento do desterro da Bahia, onde habitou Madre Victória da Encarnação (1661–1715). Monteiro da Vide (1643–1722), autor da "História da Vida e Morte da Madre Sóror Victória da Encarnação"[109], afirmou que a Madre, com a ajuda de suas "amigas", modo como se referia às almas do purgatório, realizou diversos milagres em vida no desterro.

Outro convento, também visto como local de milagres no Brasil, foi o de Nossa Senhora do Desterro de Olinda. Nele, vivia o irmão Domingos, famoso por realizar milagres. Conta o beneditino Domingos de Loreto Couto (1700–1757), visitador-geral do Bispado de Pernambuco, em "Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco", que o padre era conhecido

---

[108] COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 535-536.

[109] VIDE, Sebastião Monteiro da. **História da vida, e morte da madre sóror Victoria da Encarnação, Religiosa Professa no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia**. Roma: Estamparia de Joam Francisco Chagas, 1720.

por livrar os fiéis dos males da febre, sendo, portanto, o convento do Desterro de Olinda destino de doentes que, esperançosos na fé de Domingos, rumavam até aquele local para serem curados:

> No convento de Nossa Senhora do Desterro de Olinda, de Carmelitas descalços, viveu e morreu santamente o irmão Domingos. A fama de suas virtudes levantou mais ânimos a suas vozes, vendo sua santidade contestada com milagres. Obra o Senhor nos que com piedosa se visitam seu sepulcro muitas maravilhas, e com especialidade, experimentam a eficácia do seu patrocínio os que padecem febres intermitentes.[110]

Outro local de milagres que, aparentemente, tornou-se conhecido, também, por proporcionar milagres de cura, categoria mais recorrente desses feitos desde a idade Média, foram os túmulos, especialmente de determinados padres. Os túmulos eram considerados locais de milagre, pois, tal como as igrejas e conventos, eram lugares de conexão entre o céu e a terra. Vicente de Salvador, na sua "História do Brasil (1500–1626)", conta que uma mulher com fluxo corrente de sangue, após sentar em um túmulo de um padre afamado por seus portentos, teve o sangramento interrompido:

> Pelo sertão nove léguas do rio de São Vicente está a vila de São Paulo, na qual há um mosteiro da Companhia de Jesus, outro do Carmo, e nos tem sinalado sítio para outro de nossa seráfica ordem, que nos pedem, queiramos edificar há muitos anos, com muita instância e promessas, e sem isso era incitamento bastante termos ali sepultado na igreja dos padres da companhia um frade leigo da nossa ordem, castelhano, a quem matou outro castelhano secular, porque o repreendia que não injuriasse. Foi religioso de santa vida e confirmou-o Deus depois de seu martírio com um milagre, e foi que assentando-se uma mulher enferma de fluxo de sangue sobre a sua sepultura, ficou sã.[111]

Foram, pois, três os principais tipos de locais de milagres no Brasil durante o período colonial: as igrejas, seguidas dos conventos e dos túmulos. Espalhados pelo Brasil afora, configuraram os destinos diários de fiéis que se deslocavam para rogarem aos Céus a cura de suas moléstias.

Houve, também, os "momentos milagrosos", como o batismo. Este banho solene era visto de três modos: como o primeiro sacramento, o ritual de entrada no catolicismo, o que garantia parcialmente a entrada da alma nos Céus, visão compartilhada pelos católicos e por um número crescente de índios e negros africanos ao longo dos séculos; como meio de cura, narrativa compartilhada por alguns índios, negros e por muitos cristãos; e, por fim, como prática mortífera, concepção compartilhada por alguns povos indígenas que tiveram contato com os

---

[110] COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 351.

[111] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 89-90.

portugueses. Essas três concepções podem ser percebidas mediante a leitura de parte de uma carta escrita pela pena do padre João de Melo (?–?), no dia treze de setembro de 1560, e enviada ao padre Gonçalo Vaz de Melo (?–?), em Lisboa:

> Da maneira que N. Senhor se ouve com estes se há tão bem com alguns outros, tirando por sua bondade aos gentios por uma hora e outra via de dois abusos, que entre eles há; um dos quais é cuidarem os doentes que com os batizarem morrerão e por esta razão não se ousam batizar; o outro é pelo contrário, como estão mal querem-se batizar não por amor de Deus e de sua glória, senão receberem a saúde corporal. Já agora pela misericórdia do Senhor, assim pelo que vem como pelo maior lume e conhecimento que tem das coisas de Deus, vão conhecendo os enganos do demônio e puri[ficando] suas intenções.[112]

Um bom número de relatos de milagres associados ao batismo teve, como receptores, crianças indígenas e brancas, que ressuscitavam temporariamente para serem batizadas, expirando posteriormente. "[...] Uma criança quase morta, recebeu saúde ao ser batizada"[113], escreveu o irmão Vicente Rodrigues (?–?) aos padres e irmãos de Coimbra, em carta escrita da Bahia, datada de dezessete de maio de 1552. Em seguida, o irmão narra que:

> Visitando um Padre as aldeias do gentio, havia uma criança para morrer, e tanto que desconfiavam o pai e a mãe que vivia, deram ao Padre para dar-lhe saúde. Respondeu que seria batizado e que rogaria a Deus por ele: e contradisse muitos, por parecer-lhe que iria morrer mais rapidamente. Somente com o consentimento de seu pai ele o batizou e, logo daí em diante, se encontrou bem e viveu.[114]

De São Vicente, relatou, certa vez, José de Anchieta ao padre geral Diego Lainez (1512–1565), em carta datada do ano de 1565, outro caso semelhante:

> [...] Aconteceu achar-me presente a uma mulher de parto, a qual deu à luz a uma menina, que de todos foi julgada por morta. E tendo ainda as páreas no ventre pregadas ao umbigo da menina, sentindo nela eu alguns sinais de vida, batizei-a, não sendo ainda bem parida, que em semelhantes casos é necessário apressarmo-nos algumas vezes. Começou depois a menina a bulir pouco a pouco e viver, e ainda estava viva quando de lá vim, ainda que eu mais quisera deixá-la no paraíso: o Senhor que a criou

---

[112] CARTA do P. João de Melo ao P. Gonçalo Vaz de Melo. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 282.

[113] "*Un niño cuasi muerto, recibió salud con ser bautizado*". CARTA do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 305.

[114] "*Visitando un padre las aldeas del gentil, ayo un niño para morir, y tanto que desconfiaban del el padre y la madre de vivir, y dieron al Padre que le diese salud. Respondió que le dejasen baptizar y que rogaría a Dios por él: y contradiciéndole muchos, por les parecer que con eso moriría más presto. Solamente con consentimiento de su padre le baptizo, y luego de aí por delante se halló bien y* vivió". CARTA do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 306.

> e regenerou pelo batismo terá cuidado de sua salvação, seja louvado por todas as suas obras e maravilhas. Depois soube que era falecida e ida a gozar seu Criador.[115]

Outro momento milagroso foram as celebrações das missas, sobretudo a rememoração do sacrifício divino. A fonte milagrosa de Nossa Senhora d'Ajuda, por exemplo, teria irrompido durando uma celebração, de acordo com uma vertente de autores. Essa vertente tem como um de seus expoentes mais antigos o historiador Baltasar Teles (1595–1675), autor da "Crônica da Companhia de Jesus na província de Portugal", de 1645. O autor afirma que a fonte d'Ajuda brotou bem no meio da celebração do sacrifício divino, no momento de rememorar o sofrimento de Cristo, comparando o caso ao de Moisés, quando Deus mandou que batesse com o cajado na pedra, para que escorresse água[116]:

> Logo um dos companheiros do padre Manoel de Nobrega, vendo o tronco de uma árvore ali defronte, muito junto à ermida, bradando ao céu com grandes lágrimas, dizia: "Ó, se a Virgem mãe de Deus aqui nos desse uma fonte de água perene, não molestaríamos a este homem, cuja molesta mais nos cansa, que o trabalho de trazer a água de tão longe. Tende confiança, irmão (lhe respondeu o padre Manoel de Nobrega), que poderosa é a Senhora para fazer maiores milagres". Vão-se dali todos, seguindo ao mesmo padre com muita fé, a dizer missa na capela, que iam fazendo da Senhora d'Ajuda; eis que estando um deles no meio do divino sacrifício (coisa maravilhosa, como se naquele instante batesse Moisés com a vara na pedra do deserto quando Deus lhe mandou, lhe falasse para dar água) arrebata de súbito um grande torno de água no lugar assinalado, no tronco da árvore, junto do altar da Senhora, com espanto e admiração de muitos, ocorreram a ver esta água verdadeiramente milagrosa.[117]

O clímax da celebração, a transubstanciação[118], isto é, quando o pão e o vinho são convertidos em corpo e sangue de Cristo, seria já um milagre. Outros portentos poderiam irromper nas missas em decorrência do principal, como o narrado pelo inaciano Simão de Vasconcelos na "Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Jesus":

> Antes que embora cheguemos à nossa desejada terra de promissão, façamos mais demora e ouviremos outros dois casos maravilhosos, que neste deserto obrou Deus pela virtude deste novo Moisés. Foi a coisa, que fazendo alto os padres, com toda sua

---

[115] CARTA do Ir. José de Anchieta ao Geral P. Diego Laines. In: ANCHIETA, José de. **Cartas**: Correspondência ativa e passiva. São Paulo: Edições Loyola, 1984. p. 232.

[116] BÍBLIA sagrada. Êxodo, 17, 1-7. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em: mar. 2019.

[117] TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesu na província de Portugal [...]**. Lisboa: Paulo Craesbeeck. 1645, parte I, p. 468. Outros autores também remetem o nascimento milagroso da fonte durante a celebração do sacrifício na igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, como o jesuíta Simão de Vasconcelos e o franciscano Antônio de Santa Maria Jaboatão. VASCONCELLOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil [...]**. 2. ed. Lisboa: em casa do Editor A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea, 132-134, Livro II, 1865. p. 149-150; JABOATÃO, António de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico [...]**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858, v. 1. p. 81.

[118] Teoria oposta da "consubstanciação" nos debates teológicos.

> gente em uma campina espaçosa, devia ser em algum dia santo, formando logo uma capela feita de palmas e arvoredo; fizeram nela altar portátil; e disse o padre João de Almeida missa. Eis que ao tempo de levantar a hóstia consagrada, foram vistas de improviso todas aquelas palmas e raminhos de que estava como alcatifada à igreja, levantarem-se sobre os pés, moverem-se, e boliram-se por si mesmas; como que dançavam e faziam festa, e veneravam aquele divino sacramento: com ações tão notáveis, que foram advertidas dos índios, que o jugavam por coisa milagrosa, fora do natural: querendo Deus por esta via ensinar-lhes a reverência, que deve ter toda a criatura na presença de tão alto Senhor, quando ainda as insensíveis o reconhecimento do modo que lhes era possível.[119]

Outro momento de milagre relacionado aos sacramentos foi o da confissão, não sendo tão comum quanto o do batismo e o da eucaristia. Manuel da Nóbrega oferece algumas informações sobre a prática confessional entre os colonos em uma carta escrita da Bahia (Rio Vermelho), ao padre Miguel de Torres (?–?), de Lisboa, em agosto de 1557:

> Com os cristãos fazemos cá pouco, porque aos mais temos cerradas as portas da confissão, e de milagre achamos um que seja capaz da absolvição, como por vezes lá é descrito, e não sinto poder-se a estes dar remédio, senão o que me parece que não se há de pôr: é para nós grande desconsolação.[120]

Na "Vida e morte do Padre José de Anchieta", escrita pelo padre Quirício Caxa, em 1599, por exemplo, é descrito, em determinada parte do livro, um milagre operado posteriormente à confissão. Todavia, não se sabe se este excerto foi escrito por Caxa, pois compõe o suplemento do livro. O relato descreve a história de uma mulher que guardou um pecado por trinta anos:

> Na Capitania desta costa (Bahia) estava uma mulher honrada, doente. Não falava já e os dentes [estavam] tão fechados, que nem com facas os podiam abrir. Havia já muitos dias que parecia endemoninhada. Mandou lá o padre José a este padre e lhe disse à orelha que o diabo lhe fechava a boca e tinha a fala, para a levar ao inferno, por haver trinta anos que não se confessava por vergonha de certo pecado, nomeando-o. O padre lhe deu o recado e logo falou, e se confessou, e sarou da doença e ainda vive.[121]

Por último, em relação ao sacramento da ordenação, escolher ser padre já era considerado, em si, um milagre, significando que Deus havia tocado o coração do postulante. Quando um dos filhos de um senhor virava padre, era de grande satisfação, alegria e prestígio, pois a figura eclesiástica, em especial, a do missionário, principalmente durante os séculos XVI

---

[119] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 68.

[120] CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao P. Miguel de Torres. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 399.

[121] CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura /Cultural Vida, 1957. p. 79-80.

e XVII, foi tida no Brasil como uma das mais estimadas daquele tempo. O próprio Don Duarte da Costa (?–1560), segundo governador do Brasil entre os anos de 1553 e 1558, de acordo com o padre Miguel de Torres, teria dito: " [...] se Nosso Senhor lhe der vontade de ser da Companhia, ele afrouxará muito e aceitará a mercê de Deus, e quando ele não quiser ser, disporá de outra maneira depois que tiver estudado"[122], referindo-se ao possível destino de seu filho, que tinha mais ou menos treze ano naquela época.

Práticas comumente associadas aos eclesiásticos, como a castidade, foram tidas como milagres divinos operados nos corações daqueles que optavam pela contenção, no intuito da purificação corporal e espiritual, pelo menos na perspectiva dos cristãos mais devotos da colônia. Em uma carta enviada de São Vicente, em 1552, destinada ao padre Manuel da Nóbrega, Leonardo Nunes (1509–1554) afirmava: "Nosso Senhor aqui milagrosamente moveu um homem casado (Luís de Góis) e sua mulher, os quais sendo muito devotos, com muitas lágrimas e consolações espirituais, fizeram voto de castidade e hão de entrar em nossa Companhia"[123], uma verdadeira alegria para os eclesiásticos, que se orgulhavam quando nobres abraçavam com tanto fervor as práticas católicas.

Mas não foram somente nas situações mencionadas que os milagres ocorreram. As situações de perigo ou dificuldade também podiam constituir momentos oportunos aos milagres. Nelas, as orações possuíam um papel muito importante – orar, sozinho ou em grupo, ou mesmo escrever as orações em papeis, em momentos de alta periculosidade e tensão, era um hábito consolidado[124]. "[...] a comunicação familiar com Deus que nela se aprende e exercita, é a fonte donde todas elas nascem, e donde tomam lustre e perfeição", escreve Pero Rodrigues na "Vida do Padre José de Anchieta" (1607).[125] E prossegue: "[...] o espírito da oração é o que dá ser à vida religiosa e acende o zelo das almas, e é o fundamento das profecias e milagres, quando Deus é servido de os fazer por algum instrumento digno de sua mão"[126]. As orações foram o fio de comunicação entre as criaturas e o Criador em diversas situações; nos conflitos:

---

[122] "*[...] si Nuestro Señor le diere voluntad de ser de la Compañía, se holgará mucho dello y lo avrá por gran merced de Dios, y cuando no lo quisiere ser, disporá de otra manera del después que tuviere estudiado*". CARTA do P. Miguel de Torres ao P. Diego Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 167.

[123] "*Ha nuestro Señor acá mirablemente movido un hombre casado (Luís de Góis) y su mujer, los cuales siendo muy devotos, con muchas lágrimas y consolación espiritual hicieron voto de castidad, y el de entrar en nuestra Compañía*". CARTA do P. Leonardo Nunes ao P. Manuel da Nóbrega. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 1. p. 342.

[124] A intensidade desta naturalidade abre aos historiadores da religião católica do período colonial campo de pesquisa na pequena escala. É possível fazer uma história dos pequenos milagres cotidianos – e consequentemente dos pequenos problemas cotidianos, investigando locais e momentos de milagres nesta escala.

[125] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 11.

[126] Ibidem.

> Vendo o governador João Fernandes Vieira o grande aperto em que estavam os seus, arremeteu com grande valor, para se meter no meio dos inimigos, dizendo: "Valorosos portugueses, viva a fé de Cristo! A eles, a eles..."
> Nesse tempo levantou o padre Manoel de Morais a imagem de cristo nosso senhor em alto, e aclamou: Senhor Deus, misericórdia! E todos os circunstantes responderam o mesmo, e disse: Irmãos, digamos todos uma Salve Rainha à virgem mãe de Deus. E dizendo todos em alta voz Salve rainha, mãe de misericórdia, se viu logo o favor da mãe de Deus, porque o inimigo se começou a retirar descomposto, e ir pedindo terra a olhos vistos, e os nossos começaram a gritar: "Vitória, vitória";[127]

Nas doenças:

> No sítio, que teve Antônio Pinto Guedes em Juqueri, picou uma cobra a uma cadela sua em uma mão, e bastou aplicar-lhe uma oração escrita pelo Padre Pontes, sem alguma outra medicina, para que sarasse perfeitamente. A mesma virtude, e com a mesma brevidade, experimentou um escravo picado de outra cobra em um pé, a quem aplicou somente a oração;[128]

Ou nas viagens de travessias marítimas:

> Nesta mesma paragem contavam os mesmos índios, e hoje o refere a cada passo o mesmo principal Silvestre Rodriguez, que foram bravamente acometidos de uma baleia terrível, a qual ou por cuidar que era o filho a Canoa, em que os padres iam; ou por andar então assanhada, arremeteu de tal maneira a embarcação, que se viram todos em grande perigo; e neste passo, olhando para o João de Almeida, viram que continuava com sua reza sem medo algum, o qual deixando chegar o monstro marinho, levantou-se de seu lugar e chegou seu corpo, e rosto à cabeça da Baleia, muito perto dela; e logo alcançando-lhe três bênçãos, a mandou embora; o que fez a baleia com tais finais, que diziam os índios que ia festejando.[129]

---

[127] CALADO, Manuel (1648). **O valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade [...]**. São Paulo: Edições Cultura, 1945, parte I, Tom. 2, p. 14.

[128] FONSECA, Manuel da. **Vida do venerável padre Belchior de Pontes**. Lisboa: Na officina de Francisco da Silva, 1752. p. 263.

[129] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 162-163. Ver também: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 2. p. 41; CARTA do Ir. António Blázquez aos Padres e Irmãos de Coimbra In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 58; PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 175 e 197-198; VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 13, 23 e 162-163; CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura /Cultural Vida, 1957. p. 81. Sobre os quarenta mártires do Brasil ou Mártires de Tezacorte, ver: OSSWALD, Maria Cristina: O martírio de Inácio de Azevedo e dos seus trinta e nove companheiros (1570) na hagiografia da Companhia de Jesus entre os séculos XVI e XIX. In: **Cultura**, vol. 27, 2010, p. 163-186; MAURÍCIO, Domingos. **Beatos Inácio de Azevedo e 39 companheiros mártires**. In: Didaskalia, vol. 8, 1978. p. 89-156; LEITE, Serafim: **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1938, v. 2. p 166, 242-266.

Houve na colônia, portanto, locais e situações privilegiadas para a ocorrência de milagres: igrejas, conventos, túmulos, mas também durante as práticas sacramentais e nos momentos adversos. O próximo tópico desdobrará os gêneros de milagres que mais comumente irromperam nesses locais e situações.

2.4 Tipologia dos feitos milagrosos

Alguns irmãos foram "visitados do Senhor com enfermidades, como febres, priores e câmaras, mas aquele que as cura por sua misericórdia, a terra tem poucos remédios para ele"[130], asseverou o inaciano Leonardo do Vale (?–?), em carta de 23 de setembro de 1551. O padre destacou o que todos naquela terra sabiam, que a insegurança em relação à saúde nos trópicos era grande: "[...] é Maria santíssima a verdadeira botica preciosa"[131] e as suas maravilhas "[...] deixam a perder de vista a todas as ciências e prodígios da natureza"[132], afirmou Angelo de Sequeira (?–1776) na sua "Botica preciosa, e tesouro precioso da Lapa", publicado em 1754. As doenças, vistas muitas vezes como resultados dos maus tratos impostos à alma, constituíram uma das principais causas das altas taxas de mortalidade na colônia, o que explica a enorme quantidade de relatos de milagres de cura no período, tornando-o o gênero de portentos mais comum no Brasil do período colonial. [133]

---

[130] "*[...] visitados del Señor con enfermedades, como fiebres, priores*[130] *y cámaras, más él que da las cura por su misericordia, que el la tierra pocas medicinas ay para ello [...]*". CARTA do P. Leonardo do Vale, por comissão do P. Luís da grã, ao P. Diego Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 453.

[131] SEQUEIRA, Angelo de. **Botica preciosa, e tesouro precioso da Lapa**. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1754. p. 5.

[132] Ibidem, 1754. p. 3.

[133] Milagres de cura do século XVI: CARTA do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 305; CARTA do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 306; CARTA dos meninos órfãos [Escrita pelo P. Francisco Pires] ao P. Pero Doménech. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 383; CARTA do Ir. Pero Correa [Ao P. Brás Lourenço]. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, vol. II, p. 66; CARTA do Ir. José de Anchieta ao P. Inácio de Loyola. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 110; CARTA trimestral de maio a agosto de 1556, pelo Ir. José de Anchieta. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 307; CARTA do Ir. José de Anchieta [Ao provincial de Portugal]. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 316; CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao P. Miguel de Torres e Padres e Irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 63-64; CARTA do Padre João de Melo ao P. Gonçalo Vaz de Melo. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 281-282. CARTA do P. Rui Pereira aos Padres e Irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 293 e 295; CARTA do P. António Blázquez ao P. Diego

O segundo gênero mais comum de milagres na colônia foi o de "salvação". O caso a seguir, registrado pela pena do padre Francisco Pires (?–?), em carta enviada ao padre Pero Doménech (?–?) no ano de 1552, ilustra a crença na interferência divina em situações de risco, comuns no quotidiano missionário. O rio referenciado no excerto, o Matoim, localizado na Bahia, conhecido na época pelo perigo das suas águas, engoliu muitos aventureiros que ousaram atravessa-lo.

> E outro dia nós partimos, onde não eram as festas e os vinhos, que passávamos um rio muito grande, de maneira que nosso Senhor fizesse milagre conosco, de tanto como éramos, não nos acontecer perigo, segundo dele nos contam. Para nosso pouco conhecimento, ajudou nosso Senhor, porque passamos algumas vezes com algumas varas de jangada, que juntamos e amarramos com as cordas dos canteiros que levávamos para dormir, e assim passamos pela foz de um rio que entra no mar, que mais era mar, que rio, ao presente muito perigoso, segundo nos contaram depois, que aconteciam muitos desastres.[134]

Superar situações como essa, demasiado arriscadas, recorrentemente foram concebidas como obras divinas. Os milagres suscitados nas guerras também foram comuns. Frei Vicente de Salvador, na sua inacabada "História do Brasil (1500-1627)", narra um caso desse gênero:

> Sossegadas as coisas da guerra, escolheu o governador sítio acomodado ao edifício de uma nova cidade, a qual mandou fortalecer com quatro castelos, e a barra ou entrada do rio com dois, chamou a cidade de S. Sebastião, não só por ser nome de seu rei, senão por agradecimento dos benefícios recebidos do santo, pois a vitória passada se ganhou dia de São Sebastião; e em este dia, dois anos antes, partiu Estácio de Sá de São Vicente para o Rio de Janeiro, e começou a guerra invocando o seu favor, o qual

Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 404; CARTA do P. Leonardo do Vale, por comissão do P. Luís da grã, ao P. Diego Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 453; CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura /Cultural Vida, 1957. p. 57, 77 e 79-80. Milagres de cura durante o século XVII: VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 12, 37, 45, 173 e 176; RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 39-43; SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 89-90 e 96-97; Milagres de cura do século XVIII: SEQUEIRA, Angelo de. **Pedra Iman da novena da milagrosíssima Senhora da Lapa**. Porto: Oficina Episcopal do Capitão Manoel Pedroso Coimbra, 1753, p. 33-34; FONSECA, Manuel da. **Vida do venerável padre Belchior de Pontes**. Lisboa: Na officina de Francisco da Silva, 1752. p. 4-5, 262-265. COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 293-294, 318-319 e 351, 535-536.

[134] "*Y outro día nos partimos, donde no uvo com sus fiestas y vinos quien nos passasse un río muy grande, de manera que nuestro Señor hizo miraglo com nosotros, de tanto como éramos no nos acontezer peligro, según dél nos contaron. A nuestro poco saber ayudó nuestro Señor, porque pasamos la gente por duas veces con unos palos de jangada, que ajuntamos y atamos con las cuerdas de los lechos que llevábamos para dormir, y así pasamos la boca de un río que entra en el mar, que más era mar que río, al presente muy peligroso, según nos contaron después que acontecían muchos* desastres". CARTA do P. Francisco Pires ao P. Pero Doménech: In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 380-381.

> reconheceram bem os portugueses, assim na batalha naval das canoas, como em outras ocasiões de perigo.[135]

Nos séculos XVI e XVII as referências a milagres de salvação estavam relacionadas, recorrentemente, ao avanço, manutenção e defesa da religiosidade cristã e da coroa portuguesa no novo mundo, e os personagens principais eram principalmente os missionários. Entretanto, no século XVIII ocorre uma mudança. Elementos do quotidiano passam a constituir o cenário dos relatos de milagre de salvação e os missionários saem de cena, evidenciando a mudança dos infortúnios que atormentaram os homens de um e outro tempo. Rocha Pita, por exemplo, novamente na sua "História da América Portugueza", narrou um milagre de salvação realizado por Nossa Senhora da Piedade, que intercedeu pelos seus fiéis, livrando do incêndio uma fábrica de pólvora localizada próxima à praia de Camboa:

> O Vice-Rei[136], que em todas as suas empresas tem por foreira a fortuna, a experimentou mais feudatária em um caso, de que poderá resultar precipício, tanto maior, quanto mais irreparável. Prendeu o fogo na casa, em que se fabrica a pólvora, edifica no campo eminente às praias, que chamam da Cambôa[137], e subindo ao teto já em grande lavareda, noticiado deste incêndio o Vice-Rei, foi a destruí-lo com tanto desprezo do dano próprio, por evitar o alheio, e livrar a oficina do Rei, que sabendo se achavam nela muitos barris de pólvora já feita, e outros dois materiais, de que se compõem, entrou na casa, mandou extinguir a origem da chama, e fez subir ao teto do edifício gente com cântaros de água, e outros instrumentos com que triunfou do

[135] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 189-190. Milagres de salvação do século XVI: CARTA do Ir. Diogo Jácome aos Padres e Irmãos de Coimbra: In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 244; CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 269; CARTA dos meninos órfãos [Escrita pelo P. Francisco Pires] ao P. Pero Domenech. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 380-381; CARTA do Ir. António Rodrigues aos padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 480; CARTA do P. Brás Lourenço aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 41; CARTA do Ir. António Blázquez aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 58; CARTA do Ir. Pero Correia [ao P. Brás Lourenço]. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2, p. 69; CARTA do P. Rui Pereira aos Padres e Irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3. p. 329-330. Milagres de salvação do século XVII: VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 13, 23, 96-97, 154-155, 162-163; SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 186 e 536. GUERREIRO, Bartolomeu. **Gloriosa Coroa d'esforços religiosos da Companhia de Jesu mortos polla fé catholica nas Conquistas dos reynos da Coroa de Portugal. Composta pelo P. Bartholomeu Guerreiro da mesma Companhia**. Lisboa, Antonio Alvarez, impressor del Rey nosso Sñor, 1642. p. 306, 337-338. Milagres do século XVIII: SEQUEIRA, Angelo de. **Pedra Iman da novena da milagrosíssima Senhora da Lapa**. Porto: Oficina Episcopal do Capitão Manoel Pedroso Coimbra, 1753. p. 29-30. COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 317-318, 326 e 350-351.

[136] Nesta época, o Vice-Rei do Brasil era Vasco Fernandes César de Meneses, o Conde de Sabugosa.

[137] Atualmente localizada em Porto de Galinhas, Pernambuco.

> incêndio, e do perigo. [...] Este prodígio, que mais propriamente podemos chamar de milagre, se atribuiu à Virgem mãe de Deus [...].[138]

Os livros que narravam as aventuras heroicas das missões jesuíticas e os casos de martírios nessas situações, produzidos, sobretudo, para impulsionarem causas religiosas, perderam força em finais do século XVII. Concomitantemente, ocorreu uma banalização da descrições de casos de milagres em escala quotidiana, que não possuíam como personagens principais os missionários, provavelmente em razão da saturação das histórias épicas dos padres jesuítas. Além disso, como foi dito, no século XVIII, as dificuldades do processo de cristianização e colonização do Novo Mundo eram menores, comparado aos tempos precedentes: as rotas marítimas já eram mais familiares, as relações culturais estavam mais consolidadas e não havia mais o perigo de uma invasão externa. Estes foram, possivelmente, os principais fatores responsáveis pelo surgimento de uma nova categoria de milagres, relacionados aos problemas quotidianos da vida na colônia e distantes do tom épico e heroico de outrora.

Um livro fruto do novo cenário é a "História da Vida e Morte da Madre Sóror Victória da Encarnação", publicado em Roma no ano de 1720 pelo então arcebispo da Bahia, cargo máximo da igreja no Brasil, Sebastião Monteiro da Vide. Nele, são narradas algumas histórias de milagres de pequena monta que não foram intermediados por missionários:

> Perderam as nossas a chave da cozinha, e por mais diligência que fizeram, não foi possível achá-las; recorreram à Madre Victoria para as remediar, pois não tinham outra chave para de madrugada irem preparar na cozinha o que era necessário; ela lhe disse, que se recolhessem, e que de madrugada voltassem, porque ela pediria às suas Amigas lhe deparassem: assim o fizeram, e voltando à hora sobredita, bateram-lhe à porta, abriu ela, e lhes deu a chave; perguntada aonde a achara? *Respondeu que sobre a cama, porque aí lhe haviam posto suas amigas*. (grifo do autor).[139]

Mais à frente, outros portentos do mesmo gênero são descritos no livro do arcebispo, como o achado, por milagre, de uma galinha e um frango de duas escravas do convento do desterro, que haviam fugido, percalço comum num cotidiano rural, mas bastante prejudicial devido à escassez alimentar:

---

[138] PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 654.

[139] VIDE, Sebastião Monteiro da. **História da vida, e morte da madre sóror Victoria da Encarnação, Religiosa Professa no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia**. Roma: Estamparia de Joam Francisco Chagas, 1720. p. 70.

> O mesmo lhe sucedeu em fazer aparecer uma galinha de uma escrava, e um frango a outra, depois já de cansadas em buscar as ditas aves, e em se valendo da Madre Victoria, logo apareceram. Desta prontidão com que as Almas Santas faziam o que lhes pedia, bem se colige a grande familiaridade que com elas tinham, e que sempre andava delas acompanhadas.[140]

A recorrente falta de lenha para cozinhar também foi um problema no convento, resolvido milagrosamente:

> Indo uma madrugada para a cozinha, lhe disseram as servas que não havia lenha para o fogo; ao que ela respondeu, *Que Deus proveria e que em se abrindo a clausura, achariam a porta alguma lenha*: correspondendo o sucesso à promessa, porque em chegando ao dito lugar, acharam dois feixes, e carregando ela um, e uma das mossas outro, os levaram para a cozinha com intensão de os pagar, porém por mais diligência, que se fizeram, senão pode saber quem era o dono da milagrosa lenha, com que o supremo Provizor de tudo o criado houve por bem remediar a falta a esta caritativa Provizora do convento (grifo do autor).[141]

Dois anos depois, o frei Agostinho de Santa Maria (1642–1728) publicou o seu "Santuario Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]"[142], livro consagrado, oferecido e dedicado a Sebastião Monteiro da Vide. Nele é possível detectar traços da renovada devoção na colônia setecentista, como a perda de centralidade dos mártires e varões nos enredos da literatura jesuítica: a devoção aos inacianos com fama de santidade continuou, no entanto, as histórias dos milagres em situações comezinhas que não os envolvia passaram a ter maior destaque.

A ambição do frei Agostinho de Santa Maria em descrever e, ao mesmo tempo, mapear os locais de milagres operados pela Virgem, na Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande, Maranhão e Grão Pará, exibe esse novo estilo. Dificuldades cotidianas, como o momento do parto, entram em cena com mais frequência:

> Um prodigioso e galante milagre refere o mesmo padre Frei Miguel de S. Francisco, em que ele é muito abonada testemunha e digno de fazermos memória dele, e foi desta maneira, como ele se refere. Diz que indo algumas vezes a casa de uma irmã casada, (e verdadeira filha de seus virtuosos pais), o tomara por padrinho e medianeiro um escravo, que havia também sido de seus pais, o qual se chamava Sebastião, para que seus senhores lhe cessem licença para ir com sua mulher à Nossa Senhora da Piedade, a fazer-lhe uma romaria e a varrer-lhe a sua igreja, para que lhe abriga a sua mulher, (esta era a frase pronta, com que aquele escravo falava na sua petição de licença) para ir satisfazer a sua devoção à Senhora da Piedade, na qual perseverou muitos dias. E havendo vinte e três anos que era casado com uma moça sem nunca ter filhos, e sendo

---

[140] Ibidem, p. 72.

[141] VIDE, Sebastião Monteiro da. **História da vida, e morte da madre sóror Victoria da Encarnação, Religiosa Professa no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia**. Roma: Estamparia de Joam Francisco Chagas, 1720. p. 102.

[142] MARIA, Agostinho de Santa. **Santuario Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]**. Tomo Nono e Décimo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1722.

> já a mulher de bastante idade; causa porque a sua petição lhe servia ao Padre Frei Miguel de rizo e a seus senhores. Mas como persevera nela, e o padre sabia as grandes maravilhas que a Senhora obrava, fez que se deste ao Preto a licença que pedia. Foi o Preto Sebastião, com efeito, com a pretinha sua mulher visitar a Senhora da Piedade, e a varrer-lhe a sua igreja, e recolhendo-se a sua casa, em termo de um ano lhe pariu a mulher não só aquela vez, senão outras, e diz que ainda ao presente neste ano de 1713 era vivo um crioulo de nove anos do segundo ou terceiro parto. Que assim despacha a Senhora da Piedade às petições, que com viva fé lhe fazem; porque a ninguém excluem esta piedosíssima Senhora dos seus favores e benefícios.[143]

Outra categoria de portento foram os "milagres de castigo". Esses irromperam em momentos específicos, sobretudo quando os católicos estavam em apuros, como nas batalhas de expulsão dos franceses e holandeses do Brasil, configurando, ao mesmo tempo, um milagre para os aliados e uma penalidade para seus inimigos e algozes. Um excerto contendo um milagre de castigo presente no livro de Vicente de Salvador, já citado, conta que uma cruz de pau alta se torceu milagrosamente para indicar o caminho errado aos inimigos dos católicos portugueses que os perseguiam, morrendo, posteriormente, vários deles à flechadas.[144] Por estarem normalmente relacionados aos momentos de guerras, os milagres de castigo não foram tão comuns quanto os milagres de cura e salvação.

Na "História da América Portugueza", publicado por Rocha Pita, em 1730, vem relatado outro milagre de castigo:

> Da Arrochela (ninho de hereges, de que naquele tempo estavam apoderados os calvinistas e outros sectários, valhacouto dos seus insultos, e porto em que recolhiam as suas presas) saíra uma armada, não com tenção de piratear nos mares do Brasil, mas de invadir e saquear a Cidade da Bahia. Tinha tomado na costa de África a fortaleza de Arguim, em cujos despojos acharam o simulacro do glorioso Santo Antônio, ilustre português e ilustríssimo Santo, ao qual dando muitos golpes, lançaram ao mar, dizendo-lhe por ludíbrio, que os guiasse à Bahia; mas Deus, que é admirável nos seus Santos e vingador das suas injúrias, os castigou de sorte com uma tempestade, que derrotados e perdidos por várias partes os seus navios, aportou a sua capitania destroçada, e rota à província de Sergipe, onde não escapando da prisão os que tinham escapado do naufrágio, foram remetidos à Bahia para serem castigados. Porém, vindo por terra daquela província, conduzidos por muitos soldados e outros caminhantes, que se juntaram à companhia (para que tivesse mais testemunhas o milagre), acharam na praia de Itapuã, quatro léguas da cidade, com os golpes do herético e sacrílego ferro a imagem do santo, que tinham lançado ao mar, muitos graus antes de chegarem à altura da Bahia, quando lhe disseram por zombaria, que os guiasse a ela. Estava o milagroso simulacro em pé, como esperando para os conduzir à cidade, em execução do que lhe tinham pedido: que os despachos de petições insolentes são castigos; como experimentaram aqueles hereges, pois foram sentenciados à morte pelo roubo e pelo sacrilégio; e a imagem do santo com os próprios sinais abertos, e permanentes, colocada no seu convento da Bahia, onde por

[143] MARIA, Agostinho de Santa. **Santuario Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]**. Tomo Nono e Décimo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1722, Tom. X, Liv. I, p. 44.
[144] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 527.

> ordem Real lhe faz todos os anos o nobilíssimo Senado da Câmara, festa com Procissão solene, como a Padroeira.[145]

Nas primeiras décadas de colonização, os gentios da terra promoveram severos ataques aos portugueses, que, de acordo com Antônio de Santa Maria Jaboatão, no "Novo orbe seráfico brasílico", foram ajudados por Deus nas batalhas, castigando os índios com grande mortandade:

> Passados alguns anos, depois daquela grande e milagrosa vitória, alcançada do Gentio, se tornou este a inquietar, com repetidos estragos, que com eles e os passados veio a ficar a vila quase despovoada, e foi necessário ir a ela no ano de 1560 o governador Mem de Sá, com um socorro de naus e gente, e fazendo algumas entradas pelo interior do sertão ao gentio, e castigados muitos deles, se tornou a vila a povoar e a crescer em moradores a Capitania.[146]

Adiante no seu livro, Jaboatão afirma que "passada esta tribulação, e vindo o gentio a compor-se, movido pela milagrosa vitória, que deste alcançaram os nossos nos ilhéus, que ali fica referida, se tornaram a ir refazendo as povoações do Morro e Cayrú, pela terra firme, entrando a povoá-la novamente várias famílias [...]"[147], indicando novamente a ajuda de Deus.[148]

Por último, há uma categoria de feitos milagrosos que foi descrita durante os três séculos do período colonial: aquela que envolvia a demonstração da onipotência e onipresença divina,

---

[145] PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 197-198.

[146] JABOATÃO, Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico, ou Chronica dos Frades Menores da Providencia do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, 1859-1862, v. 1. p. 91.

[147] Ibidem, p. 95

[148] Milagres de castigo do século XVI: CARTA do Dr. Pero Borges a D. João III, Rei de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 1. p. 175; CARTA do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 1. p. 303; CARTA do P. Juan de Azpilcueta Navarro aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 2. p. 6-7; CARTA do Ir. José de Anchieta ao P. Inácio de Loyola. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 2. p. 209; CARTA do Ir. José de Anchieta ao P. Diogo Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 3. p. 455; CARTA do P. Leonardo do Vale, por comissão do Luís da Grã, aos padres e irmãos de S. Roque. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 3. p. 473. Milagres de castigo do século XVII: VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658, p. 35; JESUS, Frei Raphael de. **Castrioto lusitano, ou, Historia da guerra entre o Brazil e a Hollanda, durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes: obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistarão a independencia nacional**. Paris: J. P. Aillaud, 1844, p. 165. Milagres de castigo do século XVIII: PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 197-198.

e o seu domínio sobre as criaturas. São milagres sem um compromisso direto com a resolução de um problema terreno, pessoal, como uma cura, ou coletivo, como a supremacia numa batalha. Deste modo, não são clamados, nem agraciam sujeito algum, podendo envolver ou não intercessores. Entre os exemplos desta categoria de milagres está, por exemplo, a história das pegadas de São Thomé, impressas em algumas localidades do litoral nordestino, um típico "milagre de enunciação"[149]. Outros exemplos são os relatos em que José de Anchieta, estando na igreja de Nossa Senhora em Porto seguro, levitou durante a missa, na presença de testemunhas,[150] ou o que a maré não molhou o local de meditação e passagem do jesuíta em uma praia que frequentava.[151] Durante os seiscentos, registra Pero Rodrigues (1542–1628), na "Vida do Padre José de Anchieta", um milagre desse tipo:

> Disse-me também o padre José (diz este mesmo Padre), quereis que vos diga, Gaspar, nesta terra dizem que eu faço milagres, e que chamo os pássaros, e que veem a mim; e foi que vindo eu em um navio, voava sobre ele um pássaro destes do mar: Então estendi o braço e o pássaro pousou nele, fazei de conta como se houvera de assentar em outra parte. Também dizem que me viram levantado no ar posto em oração, e não me lembra que saída me deu a isto; mas não negou o estar levantado. Até aqui são palavras do Padre Gaspar de Sá Peres.[152]

O andar sobre as águas, milagre inaugurado por Jesus Cristo, segundo os livros de Mateus, Marcos e João,[153] foi muitas vezes replicado, por São Raimundo Nonato (1204–1240), por exemplo, santo das parteiras e obstetras. No Brasil, o agraciado com tal capacidade foi o jesuíta João Lobato (?–?), referenciado nos escritos dos inacianos. Curioso notar que a versão de São Raimundo estava fresca na memória dos fiéis de 1658, ano da publicação da vida de

---

[149] CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 117; CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao Dr. Martín de Azpilcueta Navarro. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 138; INFORMAÇÕES das terras do Brasil do P. Manuel da Nóbrega. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 153-154; CARTA dos meninos órfãos [escrita pelo P. Francisco Pires] Ao P. Pero Doménech. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 388. CARTA do Padre Francisco Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 397. CARTA do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 411 e 412.

[150] CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura /Cultural Vida, 1957. p. 77.

[151] Ibidem. p. 81.

[152] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 44.

[153] BÍBLIA sagrada. **Mateus** 14:22-33; **Marcos** 6:45-52 e **João** 6:16-21. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/acf. Acesso em: mar. 2019.

Vasconcelos, pois, em 1657, São Raimundo foi canonizado. Vasconcelos associou o milagre de Lobato ao realizado pelo santo:

> De um São Raimundo lemos que, levado de particular impulso do divino Espírito, passara a pé enxuto sobre as águas do mar: o mesmo sucedeu também ao padre Lobato, quando indo caminho, se aposentou em certa ilha com seus índios, e levado de seu grande espírito de oração (que pelo grande reboliço daquela gente, não podia ter tão perfeitamente como queria), passou a pé enxuto, um braço de mar sobre as águas, a outras ilhas; onde foi depois achado em oração, com espanto e admiração de todos os índios.[154]

Outro caso relatou o frei Agostinho de Santa Maria (1642–1728), no "Santuario Mariano, e História das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]":

> Neste tempo, estando todos os presentes, de repente se abriram as portas e se lhe manifestou a Senhora colocada no seu mesmo nicho e trono, sem aparecer, nem se ver quem pudesse abrir as portas. Ficaram todos muito alegres e consolados à vista desta grande maravilha, e o ilustríssimo Bispo, sabendo do milagre, por meio de pessoas fidedignas, não tratou mais da mudança, nem se atreveu a contrastar e violentar a vontade da Senhora, que era não se apartar daquele lugar, em que o seu devoto capelão a havia colocado, inspirado por Deus. E assim, desistindo desta sua pretensão, dedicou a Casa e recolhimento à gloriosa Santa Thereza.[155]

Um dos principais exemplos de milagre de enunciação, de demonstração da grandeza do Criador, não foi realizado na colônia, mas em Santarém, Portugal, no ano de 1266, durante o reinado do Rei D. Afonso III (1210–1279). A história deste milagre foi muito conhecida no mundo ibero-americano – Rafael Bluteal (1638–1734) incluiu-o em uma das entradas de seu "Vocabulario portuguez & latino", de 1716, ao contrário de Antônio de Moraes Silva (1755–1824):

> O santo milagre de Santarém: Nesta Vila ano de 1266 – reinando em Portugal o Rei D. Afonso III – certa mulher do povo, desejosa de se congraçar com seu marido, do qual se via desfavorecida, consultando com uma judia os meios para este efeito, prometeu-lhe a judia o sucesso, se lhe entregasse uma partícula consagrada. Vai se a mulher à igreja de Santo Estevão, e fingindo que comungava, pode esconder e atar a sacrossanta partícula em uma ponta da toalha, que trazia na cabeça, e indo já para a entregar à judia, eis que no caminho da parte onde ia a partícula, começaram a cair gotas de sangue de sorte, que reparava muita gente, imaginando que a mulher ia ferida. Advertiu a mulher o reparo, e caindo em si, se voltou para casa e fechou em uma arca aquele celestial tesouro. Lá pelo alto da noite acordou o marido, e vendo resplandecer a casa com uma luz maravilhosa, ficou atônito, e praticando com a mulher, soube dela o que tinha passado. Foi dar o caso ao Prior da igreja, consultou-se o caso e se ordenou uma solene procissão, na qual consagrou a sagrada partícula, e se restituiu à própria

[154] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 154.
[155] MARIA, Agostinho de Santa. **Santuario Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]**. Tomo Nono e Décimo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1723, Tom. X, Liv. III. p. 156.

> igreja de Santo Estevão. Alguma parte do sangue, que se pode achar fora da toalha e particular, se embebeu em um bolo de cera, de que se fez um modo de custódia, em que estão se recolhendo aquele milagroso depósito. Hoje se vê em uma maravilhosa ambula de cristal, cujo prodigioso feitio mostra ser obra dos anjos, pois não é possível, nem com a especulação de peritos artífices, descobrir por onde se pudesse meter a santa relíquia. Esta se vê do tamanho de uma partícula ordinária, ao parecer mais grossa, com algumas nodoas, que parecem sangue, umas mais pretas que outras, o restante branco, declinante e pálido. A figura da ambula, em que se divisa, é piramidal, e no assento de breve circuito se enxergam umas nódoas, com gotas de sangue da mesma cor das que se vem na partícula.[156]

Em síntese, um levantamento dos milagres descritos em narrativas do período colonial indica que os milagres de cura foram os mais comuns, seguidos dos de salvação. O milagre em escala cotidiana, referente aos pequenos problemas do dia a dia, não possuindo missionários como personagens centrais, aparecem em maior monta no século XVIII. A grande maioria dos relatos, portanto, apresenta uma ligação entre problemas de uma determinada época e os tipos de graças alcançadas mediante o milagre. Uns poucos relatos exibiam os milagres de castigo e os portentos de enunciação, que irrompem sem serem rogados, cujo propósito é reafirmar a onipotência e onipresença de Deus e seu domínio sobre a criatura.

2.5 Os intercessores

Os intercessores representaram "pontes" entre o Céu e a terra, intermediadores entre a criatura e o Criador, um elemento que amenizava a angústia dos fiéis, que se encontram separados do Pai. É verdade que uma parte considerável dos relatos de milagres não possuíam intermediadores, mas, diante de um problema, independente da sua gravidade, era comum recorrer aos padroeiros. Houve, no Brasil colonial, certas categorias gerais de intercessores referenciados nos documentos. O mais comum deles eram os santos e santas clássicos do cristianismo, que serviram de inspiração para nomear muitas das primeiras vilas, cidades e capitanias da colônia, como São Vicente, São Paulo, São Luiz, São Sebastião, São Cristóvão,

---

[156] BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...]. Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, v. 5 (K-N), 1716, p. 482-483. Milagres de enunciação do século XVI: CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura/Cultural Vida, 1957. p. 77 e 81. Milagres de enunciação do século XVII: VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 68, 69, 154 e 168. RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 12, 18, 38 e 44. Milagres de enunciação do século XVIII: PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 59-61, 63, 197-198, 283; COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 65-66.

diversas Nossas Senhoras, entre outras. O culto Mariano foi amplamente abraçado nos três primeiros séculos de colonização, diversificando-se muito no século XVIII. N. S. da Conceição teve a aparição mais difundida, enquanto N. S. da Graça foi a pioneira, mas muitas outras ganharam proeminência ao longo do tempo.[157]

São Thomé, associado ao mito indígena de Zumé ou Sumé, foi um santo cultuado desde os primórdios da colonização, de acordo com a edição de 1514 do panfleto "A Nova Gazeta da Terra do Brasil e sua origem mais provável". Escrita por um alemão não identificado, financiado pelos banqueiros Fugger, no tempo de Carlos V (1500–1558), a narrativa conta que:

> [...] Na mesma costa ou terra [do Brasil] há ainda memória de São Thomé. Quiseram também mostrar aos Portugueses as pegadas no interior do país. Mostram, igualmente, a cruz que há na terra a dentro. E quando falam de São Thomé, dizem que ele é o Deus pequeno. Pois há outro Deus que é maior. E bem crível que tenham lembranças de São Thomé, pois é sabido que realmente está por trás de Malaca na costa de Siramatl no golfo de Ceylão. Na terra dão frequentemente aos seus filhos o nome de Thomé.[158]

São Sebastião foi também um santo muito cultuado na colônia, em especial nos tempos de guerra contra os franceses calvinistas. Estácio de Sá, um devoto desse santo, fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em homenagem ao mártir e a Dom Sebastião (1554–1578), Rei de Portugal entre 1557 e 1578. Desde a época das batalhas contra os hereges, todo ano a cidade rememorava as lutas de expulsão dos franceses, lutas que contaram com a benção de São Sebastião: "Pelo que, ainda em memória da vitória das canoas, se faz todos os anos naquela baía defronte da cidade, no dia do glorioso São Sebastião, uma escaramuça de canoas com grande grito dos índios, que as remam e se combatem, coisa muito para ver"[159].

Muitos outros santos e santas canonizados ou reconhecidos pela comunidade católica, foram cultuados na colônia, eles e suas muitas relíquias, que tanto agradavam ao colono. Inácio de Azevedo (1526–1570) e seus trinta e nove companheiros transladavam relíquias santas antes de serem martirizados em alto mar, no ano de 1570, dentre elas, um santo lenho, ou seja, uma lasca da cruz de Jesus Cristo e uma das cabeças das afamadas Onze mil virgens. Destruídas

---

[157] "A Virgem Maria, de fato, acompanhou todas as etapas da vida humana. Já desde o período da gestação, as mães podiam contar com N. S. do Ó, não faltando no momento de dar à luz aos filhos a proteção de N. S. do Bom parto. E chegando ao término da existência, N. Senhora da Boa morte estava sempre ao lado dos moribundos, para em seguida, como N. S. da Glória, conduzi-los à felicidade eterna". AZZI, Riolando. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 223. Ver capítulo referente a teologia do culto mariano, entre as páginas 215-243. Ver também: MEGALE, Nilza Botelho. **Cento e doze invocações da Virgem Maria no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

[158] SCHULLER, Rodolpho R (trad.). **A Nova Gazeta da Terra do Brasil (Newen Zeytung auss Presillg Landt) e sua origem mais provável**. In: Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, vol. XXXIII, 1915. p. 118.

[159] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 190.

pelos corsários franceses durante a travessia dos padres no atlântico, salvaram-se apenas aquelas que estavam aos cuidados de Diogo Mendes (?–?) e Francisco Lopes (?–?). Os ossos dos mártires foram depositados na Igreja da Madre de Deus em Lisboa.[160]

A devoção às Onze mil virgens na América foi popularizada, sobretudo, após os traslados das suas cabeças para as diversas localidades do Brasil, empreendidos ao longo do século XVI, fazendo com que a história de Santa Úrsula, a principal das virgens, e suas companheiras, fossem rememoradas em festas anuais. Recomendados pelo terceiro bispo de Salvador, D. Antônio Barreiros (?–1600), da ordem de Cister, após consagrar as virgens como padroeiras das terras do Brasil, o interesse por elas cresceu constantemente. Em 1575, a cidade de Salvador ganhou duas cabeças, dois anos depois, foi a vez de São Vicente, e outras ainda chegariam, reconhecidas ou não pela igreja, em diversas partes do território colonial.[161]

A relação entre o material e o divino, característico das relíquias, quase provocou uma guerra entre jesuítas e índios depois do assassinato do padre Francisco Pinto (1552–1608) pelos Tapuias do Ceará, no dia onze de janeiro de 1608 – um mártir, na visão dos Jesuítas. Em 1615, foi delegado ao padre Manuel Gomes (?–?) resgatar os restos mortais do padre, tanto por dignidade de enterro, quanto para alimentar a ideia de martírio, mediante a preservação dos ossos, transformados em relíquias. Na visão dos Tapuias, Manuel Gomes, batizado de *Amanaira* ou "Senhor da chuva", tornou-se entidade reguladora das tempestades após o matarem, o que explica o apreço pelos restos mortais do padre.[162]

Alguns elementos naturais, como certas fontes milagrosas, além de local de milagres, foram considerados também, a partir do mesmo princípio que as relíquias, objetos sacralizados. A fonte de Nossa Senhora d'Ajuda, de Porto Seguro, é um exemplo. Outra fonte que pode ser citada como exemplo é a que corria através de uma das rochas em que estava carimbada com a pegada de São Thomé, como indicou Simão de Vasconcelos (1597–1671) na "Crônica da Companhia de Jesus no Brasil". Em um excerto, Vasconcelos discute a razão da fonte ser considerada milagrosa:

> Aqui, para maior confirmação do sobredito, obrou a divina Potência uma circunstância, que parece traz muito de sobrenatural. É esta uma fonte perene de água doce, que brota de outro penedo junto ao das pegadas, poucos passos andados, em a raiz do próprio montem por onde é tradição que desceu o Santo. A esta fonte chama o vulgo fonte de São Thomé milagrosa; e a razão é varia. Uns dizem que é milagrosa, porque nasce milagrosamente da pedra vida, qual lá a de Moisés no deserto. Outros, porque milagrosamente nascera ao toque de um pé de santo, cuja pegada ali se vira,

[160] CYMBALISTA, Renato: **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 140.
[161] Ibidem, p. 140-148.
[162] Ibidem, p. 174-176.

> qual lá a do pé do cordeiro de São Clemente: *De sub cujus pedes fons vivus emanat*. E daqui querem se derive o nome Toqué Toqué. Outros, porque milagrosamente se conserva sempre em um mesmo teor de suas águas, quer de verão, quer de inverno, sem que redunde por mais chuvas que haja, e sem que deixe de estar cheia, por mais calmas que abrasem a terra. Outros, finalmente, porque cura milagrosamente com suas águas a todo o gênero de enfermidades.[163]

A última categoria de intercessores era composta pelas almas do purgatório, cultuadas no Brasil de maneira mais expressiva somente após a publicação de duas obras: as "Constituições primeiras do arcebispado da Bahia", de 1707, e a "Vida e morte da madre Victoria da Encarnação", de 1720, escritas pelo arcebispo da Bahia Sebastião Monteiro da Vide (1643–1722). O culto às almas já era difundido pelos bispados portugueses desde o final do século XVI, sob autorização do Concílio de Trento, mas foi sobretudo através de Vide que ele se propagou no Brasil. Nas "Constituições", há dois momentos em que o culto das almas é estimulado: o primeiro, na sessão 834, em que Sebastião Monteiro da Vide afirma:

> É coisa santa, louvável e pia o socorro de sufrágios pelas almas dos defuntos, para que mais cedo se vejam livres das penas temporais, que no purgatório padecem em satisfação de seus pecados, e os que já gozam de Deus se lhes acrescente a glória acidental. Portanto, exortamos muito a todos os nossos súditos, que em seus testamentos e últimas vontades se lembrem não só de mandarem dizer missas, e fazer os ofícios costumados, mas além disso os mais, que cada um puder, conforme sua devoção e possibilidade.[164]

Em outra sessão, a de n.º 869, Sebastião Monteiro da Vide retorna ao tema:

> E posto que da devoção e piedade de nossos súditos podemos confiar, que sem esta nossa lembrança, a terão de instituírem em suas igrejas, confrarias, em que sirvam a Deus e honrem a seus santos, nós, contudo, para mais os animar, lhes rogamos e encomendamos muito, que tratem desta devoção das confrarias e de servirem e venerarem nelas aos santos; principalmente a do Santíssimo Sacramento e do nome de Jesus, à de Nossa Senhora e das almas do purgatório, quanto for possível, e a capacidade dos fregueses o permitir, porque estas confrarias é bem as haja em todas as igrejas.[165]

O arcebispo viria a publicar, treze anos mais tarde, a vida de Victória da Encarnação (1661–1715), inserindo, pela primeira vez, em uma publicação do período colonial, as almas do purgatório como um dos elementos centrais da fé cristã. As "amigas" da Madre, modo como ela se referia às almas, concediam favores em troca de benefícios:

---

[163] VASCONCELLOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil [...]**. 2. ed. Lisboa: em casa do Editor A. J. Fernandes Lopes, rua Aurea, 132-134, Livro II, 1865. p. 104.

[164] VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide [...]**. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1719, p. 312-313.

[165] Ibidem, p. 327.

> Perdeu uma religiosa a chave da sua cela, e cansada já de busca-la, mandou com toda a confiança dizer à Madre Vitoria, que pedisse as suas amigas lhe deparassem a sua chave. Chovia muito quando se lhe deu o recado, e respondeu quando se lhe deu o recado, e respondeu a dita Madre: "Pois com esta chuva ei de mandar molhar as minhas Amigas, e meterem-se pela lama? Deixem passar a chuva": E daí a pouco chamou pela criada, e lhe deu a chave cheia de lama (pela qual conheço que inadvertidamente tinha caído, na cerca (dizendo-lhe: "Tomai a chave e ide rezar pelas minhas Amigas: coitadinhas, bem lhe custou irem busca-la pela chuva". Do sobredito ficaram todas admiradas, porque era noite escura e muito chuvosa, e sem dar outros passos mais do que entrar na sua casinha, deu logo a chave.[166]

A "vida" de Madre Vitoria não circulou muito no seu tempo, tornando-se mais conhecida depois de sua inclusão no "Novo orbe seráfico brasílico" do frei Antonio de Santa Maria Jaboatão (1695–1779). Relata o franciscano que:

> Sendo a primeira, o não termos presunção de o fazer nem com melhor retórica, nem mais apurado discurso e também porque dos tais livrinhos se acham já hoje muito poucos; e como pequenos avulsos, se podem perder e acabar-se com eles à sua memória, e nesta crônica, como de maior corpo, e em lugar próprio, poderá ter mais larga duração e chegar à notícia de todos.[167]

A crença na possibilidade de negociar favores com as almas, em troca de orações ou pagamentos de missas que diminuíssem suas estadias no purgatório, apesar de não ter sido tão corriqueira, existiu e aumentou consideravelmente ao longo do século XVIII.

Portanto, as categorias de intercessores cultuados no catolicismo, transportadas para o Novo Mundo, foram: os santos, assim como suas relíquias e elementos naturais sacros, e as almas do purgatório. Entre a primeira categoria, estavam os santos canonizados e aqueles legitimados apenas pelo povo. Esse foi o caso de alguns mártires e varões que habitaram no Brasil. Por terem sido tão recorrentemente citados como intermediadores de milagres na produção escrita colonial, serão estudados, à parte, no próximo capítulo.

---

[166] VIDE, Sebastião Monteiro da. **História da vida, e morte da madre sóror Victoria da Encarnação, Religiosa Professa no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia**. Roma: Estamparia de Joam Francisco Chagas, 1720. p. 71-72. Outros milagres relacionados às almas são mencionados nas páginas 71-72.

[167] JABOATÃO, Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico, ou Chronica dos Frades Menores da Providencia do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, 1859-1862, v. 3, parte II, p. 684-746.

3 OS MÁRTIRES E OS VARÕES INSIGNES

3.1 Os milagres dos mártires

Inspiradas no grande martírio descrito nos evangelhos canônicos[168], as histórias daqueles que, milagrosamente, doaram de forma paciente e corajosa suas vidas a Cristo, resistindo à tentação da apostasia durante as torturas ou difundindo a fé no Cordeiro de Deus, ajudaram a orientar as ações dos cristãos por séculos. O discípulo de Jesus e protomártir Estevão (?–33/40), um dos sete primeiros diáconos da igreja, apedrejado até a morte pelos judeus[169], seria apenas o primeiro de muitos da história da Igreja católica, mortos por defender a fé em Cristo; o que constituía, com efeito, obra divina, pois apenas através do poder do Filho do Homem o martírio poderia ser pacientemente sustentado até o fim, redimindo todos os pecados dos martirizados e garantindo a elevação de suas almas aos Céus.[170] Por esses motivos, os mártires foram considerados, hierarquicamente, a categoria mais importante entre os santos, atrás apenas dos doze apóstolos e dos profetas[171], sendo rememorados, anualmente, em datas litúrgicas no dia de suas mortes.

A beleza dos emocionantes e impactantes enredos épicos de sofrimento, presentes na bíblia e no martirólogo, cativou e inspirou muitos homens e mulheres na antiguidade e na idade média, elevando, a cada século, o número de mártires reconhecidos pelos fiéis. No final do medievo e início do período moderno, no entanto, o cristianismo estava amplamente difundido na Europa, fazendo com que houvesse uma diminuição drástica do número de mártires reconhecidos.[172] Com exceção da península ibérica, invadida pelos mouros[173], as mortes pela fé em Cristo como no tempo das perseguições, tornaram-se cada vez menos frequentes no período moderno, concomitantemente à difusão escrita das histórias clássicas dos santos mártires. A chegada dos portugueses ao novo mundo, no entanto, constituiu uma nova fase da história das mortes em defesa da fé cristã, suscitando novas histórias de sacrifícios:

---

[168] A morte de Jesus Cristo está presente nos quatro evangelhos canônicos: **Mateus** 27: 33-44; **Marcos** 15: 22-32; **Lucas** 23: 33-43; **João** 19: 17-30.

[169] BÍBLIA sagrada. Atos dos apóstolos: 7 e 8. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/acf. Acesso em: mar. 2019.

[170] WOODWARD, Kenneth L. **A fábrica de santos**. São Paulo: Siciliano, 1992. p. 60.

[171] FARMER, David Hugh. ***The Oxford Dictionary of Saints***. New York: Oxford University, 1987; MOTT, Luiz. Santos e santas o Brasil colonial. **Varia História**. Belo Horizonte: Departamento de História; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Universidade Federal de Minas Gerais, n. 13, jun., 1994. p. 46.

[172] WOODWARD, op. cit., p. 68.

[173] CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 46.

> É verdade que Portugal era um cantinho ou um canteirinho da Europa. [...] Nesse cantinho, quis o Céu depositar a fé que dali se havia de derivar a todas essas vastíssimas terras, introduzida com tanto valor, cultivado com tanto trabalho, regada com tanto sangue, recolhida com tantos suores, e metida, finalmente, nos clérigos da Igreja, debaixo das chaves de Pedro, com tanta glória.[174]

No Brasil, muitos cristãos pereceram em nome da fé, bem como diversos santos clássicos martirizados foram objetos de culto e devoção. O milagre do martírio, por vezes, também foi acompanhado de outros portentos, o que não foi tão comum no Brasil. Quando comparadas às histórias de milagres operados por mártires nos séculos precedentes no Velho Mundo, as narrativas ambientadas no Brasil são poucas e infinitamente mais pobres; mesmo entre os intercessores, os mártires não foram as principais figuras requisitadas quando os milagres eram rogados pelos fiéis no Brasil. Provavelmente, a explosão das ideias reformistas do cristianismo e a centralidade do processo de canonização na santa Sé, que priorizava as virtudes aos milagres, contribuiu para este efeito. No entanto, é possível encontrar, sobretudo nos dois primeiros séculos de colonização, alguns relatos de martírios, seguido de milagres, histórias que tiveram como personagens centrais até mesmo índios.[175]

Pero Rodrigues (1542–1628), por exemplo, na "Vida do Padre José de Anchieta", conta que a negativa de uma índia cristã e casada em entregar a sua castidade aos Tamoios, durante a invasão da capitania de São Vicente, custou-lhe uma vida de martírios, aos quais resistiu pacientemente. Logo depois, ocorreu o surpreendente milagre. A índia mártir da castidade chegou até mesmo a ser homenageada em uma missa, contrariando o direito canônico e o regimento do santo ofício, que proibia celebrações especiais a cristãos recém convertidos sem a autorização da Santa Sé:

> No tempo em que andava acesa a guerra do gentio tamoio contra os moradores da capitania de São Vicente, viviam nela duas irmãs casadas, uma na vila e a outra fora. Sucedeu vir a de fora ajudar a sua irmã a fazer uns rolos de cera e com isto fez também duas velas mais grossas. Disse-lhe a irmã que lhe não gastasse a cera. Respondeu ela: "faço-as assim, para dar ao padre José, para me dizer missa com elas quando eu for santa". Deu as velas ao padre e foi-se para casa. De ai a dias deram os tamoios pelas fazendas dos Portugueses. Levaram diversas pessoas e entre elas esta mulher, a qual foi entregue a um gentio principal, com o qual ela em nenhum modo quis consentir, bradando: "sou cristã e sou casada". O bárbaro, dando-se por afrontado pela resistência que lhe fez, a matou publicamente com estranha crueldade. No mesmo dia e manhã que esta santa mulher assim morreu, disse o padre José missa com as mesmas velas que ela lhe dera do comum de uma mártir, nomeando-a por seu nome, havendo

[174] VIEIRA, Antônio. Sermão de Santo Antônio. In: **Sermões do P. Antonio Vieira da Companhia de Jesu**. Lisboa: na officina de Miguel Deslandes, parte II, 1682 p. 137.
[175] CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 110.

> de São Vicente ao lugar em que ela padeceu, distancia de mais de setenta léguas. Acertou o Padre Manoel da Nobrega de ouvir esta missa e perguntou ao Padre José, em público, que mártir era aquela de quem dissera missa, respondeu que era foã, que em tal hora entrou no céu, mártir pela castidade. E de ai a dias vieram alguns homens, que com ela foram cativos e cada um deles por si, contou esta morte da mesma maneira que o padre dissera de antes. Este caso tocou por vezes o padre José e o relataram como aqui vai o padre Vicente Rodrigues e o irmão João de Sousa, no ano de 1568, que se acharam na casa de São Vicente. [176]

A história supracitada também foi descrita, com maior riqueza detalhes, por D. Domingos Loreto Couto, em "Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco", exceto a parte do milagre da enunciação, isto é, o momento em que a índia martirizada em defesa da castidade se comunicou com Anchieta[177]. Os milagres de enunciação constituíram os portentos mais comuns nos relatos de martírios no Brasil, caracterizados pela interferência divina no intuito de confirmar, sustentar e divulgar a fé católica, não sendo, como mencionado anteriormente, rogado pelos fiéis, diferentemente dos milagres de cura e salvação.

No ano do Senhor de 1556, foi a vez de D. Pedro Fernandes Sardinha (1496–1556), primeiro bispo do Brasil, ser martirizado pelos gentios. Desembarcado em Salvador no dia 25 de fevereiro de 1555, o bispo foi morto e devorado em ritual antropofágico pelas mãos dos índios Caetés, na capitania de Pernambuco, às margens do rio Coruripe. O local regado de sangue, serviu de prova para a confirmação de sua morte santa, de acordo com frei Vicente de Salvador, em "História do Brasil (1500–1627)":

> Somente direi o que ouvi das pessoas que caminham desta Bahia, para Pernambuco, e passam junto ao lugar donde o bispo foi morto (porque por ali é o caminho), que nunca mais se cobriu de erva, estando todo o mais campo coberto dela e de mato, como que está o seu sangue chamando a Deus da terra contra quem o derramou. E assim o ouviu Deus, que depois se foi desta Bahia dar guerra àquele gentio, e se tomou dele vingança, como a adiante veremos.[178]

Na "Crônica da Companhia de Jesus no Brasil", publicado em 1663, o inaciano Simão de Vasconcelos (1597–1671) narrou o mesmo caso, com algumas informações adicionais sobre o local infértil do martírio do bispo D. Pedro Fernandes Sardinha:

> O lugar onde foi morto este virtuoso prelado é tradição comum que nunca mais viu em si formosura, ou ornato algum natural; porque vestindo-se antes de erva e de arvoredo, ficou daí em diante estéril, escalvado e seco, quais outros montes de Gelboé,

[176] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p 36.
[177] COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 466-467.
[178] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 156-157.

> pela maldição de David, e morrerem neles os insignes varões de Israel, Saul e Jonathas.[179]

O martírio literal, ou seja, consumado pela morte do defensor da fé católica, não constituiu o único modelo existente na cristandade. Desde o final da antiguidade, houve uma flexibilização da ideia de martírio, que englobou os virtuosos da paciência, que resistiam às prolongadas doenças, provações, trabalhos e opressões, aproximando outras categorias de santos aos mártires.[180] No Brasil, esta expansão conceitual também existiu – mais entre os missionários jesuítas e relativamente pouco entre os leigos –, mas foram consideradas inferiores hierarquicamente aos martírios tradicionais.[181] O capitão e administrador Jorge de Albuquerque Coelho (1539–1596), por exemplo, após combater e sobreviver à guerra contra os índios, em Pernambuco, a um naufrágio no ano de 1565, à captura pelos franceses e às aventuras na África, foi concebido como mártir, o que mostra a relação e o compromisso das elites seculares do império português com a cristandade. Pela sua inquebrável piedade, também foram-lhe atribuído milagres.[182]

Outro leigo da elite que morreu martirizado foi o militar português Estácio de Sá (1520–1567). O capitão-mor da armada de reconquista de São Sebastião do Rio de Janeiro das mãos gaulesas foi flechado no rosto na batalha de Uruçu-mirim em vinte de janeiro de 1567, expirando um mês depois, em vinte de fevereiro, por conta do grave ferimento. Morto com sinais de virtude, o martírio foi confirmado por Deus:

> Sobrinho foi do governador Mem de Sá, mas foi herdeiro de seu valor e cristandade, e sofredor de todos os trabalhos; e na pureza, inteireza de vida, e de seu ofício exatíssimo, de quem refere o padre José de Anchieta, que sendo depois transladados seus ossos, experimentara um servo de Deus de nossa companhia (atrevo-me a cuidar por conjecturas, que foi o mesmo padre José), que saía dele um cheiro suave, como sinal que gozava sua alma de felicidade da glória. Fizeram-lhe exéquias tristes militares, com pranto e sentimento de todos.[183]

Foi, no entanto, no ano de 1570, que ocorreu uma das histórias de martírio mais conhecidas no Brasil. Empenhados no trabalho missionário no Novo Mundo, quarenta jovens inacianos, com idades entre vinte e trinta anos, sendo 32 portugueses e oito espanhóis, entre

---

[179] VASCONCELOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu no Brasil**. Lisboa: em casa do editor A. J. Fernandes Lopes, Livro II, 1865. p. 125.
[180] CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 34.
[181] Ibidem, p. 96.
[182] MADEIRA, Angélica. **Livro dos naufrágios**: ensaio sobre a história trágico-marítima. Brasília: UnB, 2005. p. 134-141; CYMBALISTA, *op. Cit.*, p. 65.
[183] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672, Livro II, p. 118.

eles, dois sacerdotes, um diácono, quatorze irmãos e 23 estudantes, foram martirizados no dia quinze de julho por corsários franceses. Estando a pouca distância de Tazacorte, nas Ilhas Canárias, os religiosos foram interceptados por um navio inimigo, comandado pelo calvinista Jacques Sourie (?–?), sendo ameaçados e praguejados com enorme alarido. Fizeram oração e prepararam-se para o martírio, empunhando o beato Inácio de Azevedo de Ataíde Abreu e Malafáia (1526–1570) uma réplica da Madonna de San Luca, retrato de Nossa Senhora que, originalmente, acreditou-se ter sido pintado por São Lucas e concluída por anjos. Todos foram brutalmente mortos e jogados ao mar, uns ainda com vida.

Na "*Relación del martyrio de los quarenta martyres de la Compañia de Jesus [...]*", escrita por Antônio Cabral (?–?), em 1744, o autor conta algumas histórias do evento ocorrido quase duzentos anos antes.[184] Após ser morto e jogado ao mar, o beato Inácio de Azevedo continuou segurando a Madonna de San Luca e, em seguida, seu braço direito depositou o quadro nas mãos de um católico de outra embarcação, que a levou para a atual catedral e igreja do colégio dos jesuítas de Salvador. A prova do milagre poderia ser vista nas beiradas do retrato, que possuía marcas de sangue nos formatos dos dedos de Inácio de Azevedo.[185] Outros relatos, como o de Rocha Pita, em "História da América portuguesa", afirmam que "[...] teve visão a gloriosa Madre Santa Teresa de Jesus (1515–1582) em Espanha, onde florescia em milagres"[186]. Tidos, posteriormente, como padroeiros do Brasil, foi aberto um processo investigativo da causa dos mártires, apoiada sobretudo pelo padre Antônio Vieira.[187]

Mas não foram apenas os padres da Companhia de Jesus que foram martirizados por defenderem a fé em cristo. No ano de 1583[188], o castelhano Frei Diogo de Guiso (?–?), descrito

---

[184] CABRAL, Antonio S. J. **Relación del martyrio de los quarenta martyres de la Compañia de Jesus. Vida del venerable martyr p. Ignacio Acevedo, su superior martyrizados por los hereges Calvinistas, enodio de la santa fè catholica. Sacada de los processos originales hechos para su p. Antonio Cabral**. Madrid: em la imprenta y libreria de Manuel Fernandez, 1744.

[185] OSSWALD, Maria Cristina: O martírio de Inácio de Azevedo e dos seus trinta e nove companheiros (1570) na hagiografia da Companhia de Jesus entre os séculos XVI e XIX. In: **Cultura**, vol. 27, 2010, p. 163-186. Ver também: MAURÍCIO, Domingos. Beatos Inácio de Azevedo e 39 companheiros mártires. In: **Didaskalia**, v. 8, p. 89-156, 1978; LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1938, v. 2. p. 166; CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 70; MOTT, Luiz. Santos e santas o Brasil colonial. **Varia História**. Belo Horizonte: Departamento de História; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Universidade Federal de Minas Gerais, n. 13, jun., 1994, p. 45.

[186] PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730. p. 175.

[187] VIEIRA, Antônio. **Cartas do Padre Antonio Vieira**. Lisboa: J. M. C. Seabra & T. Q, 1855. p. 204 e 206; VIEIRA, Antônio **Cartas do P. Antonio Vieira da Companhia de Jesu**. Lisboa: Officina da Congregação do Oratorio, 1735, p. 203, 221, 225 e 242. No entanto, foi apenas no dia 11 de maio de 1854 que o Papa Pio IX beatificou os quarenta mártires do Brasil, instituindo a festa litúrgica no dia dezessete de julho.

[188] LIMA, Murilo Cesar de. **Breve história da igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Restauro, 2001. p. 41.

como homem virtuoso de vida santa, foi transformado num mártir católico da ordem seráfica. Seu túmulo promoveu milagres, de acordo com Vicente de salvador. Ouça-se o frei:

> Pelo sertão nove léguas do rio de São Vicente está a vila de São Paulo, em a qual há um mosteiro da Companhia de Jesus, outro do Carmo, e nos tem assinalado sítio para outro de nossa Seráfica Ordem, que nos pedem, queiramos edificar há muitos anos com muita instância e promessas. E sem isso era incitamento bastante termos ali sepultado na igreja dos padres da companhia um frade leigo da nossa ordem, castelhano, a quem matou outro castelhano secular, porque o repreendia que não injuriasse. Foi religioso de santa vida e confirmou-o Deus depois de seu martírio com um milagre, e foi que, assentando-se uma mulher enferma de fluxo de sangue sobre a sua sepultura, ficou sã.[189]

O frei Apolinário da Conceição (1692–?), no seu "Primazia seráfica na regiam da América", publicado em 1773, fornece mais detalhes sobre o caso, especificando as virtudes do frei Diogo de Guiso, homem de vida exemplar, e o milagre recebido pela mulher da vila de São Paulo:

> Era um destes três religiosos chamado Fr. Diogo, leigo de profissão, varão de conhecidas virtudes, muito exemplar em todas as suas ações, adornado de santa simplicidade, caridade ardente e conversação do Céu. Costumava sair também algumas vezes daquele santo domicílio e vir à povoação de São Paulo a tirar esmola para si e seus companheiros. Andando um dia nesta diligência, achou a um soldado, que mais parecia seguir a seita de Lutero, que a lei de Cristo, porque injuriando e blasfemando seu santo nome, se empregava em difamar tudo o que era eclesiástico. Estão aceso no amor divino e do próximo, este apostólico e seráfico religioso, admoestou com amorosas palavras e grande humildade ao blasfemo, advertindo-lhe da parte de Deus, que o não ofendesse, pois ao presente o fazia em tal forma, que até aos circunstantes escandalizava com suas palavras. Estas e outras muito corteses lhe disse; mas o malévolo soldado, fazendo do medicamento veneno, cheio todo de furor infernal, mais se acendeu em seu depravado erro, prometendo dar a morte a quem da eterna desejava livrar; e à vista disto se despediu o Religioso dele, pedindo-lhe perdão. Era o soldado homem facinoroso e conhecido de todos por mau cristão; e bem se prova qual ele seria, porque ao outro dia, esperou que se reconhecesse para a casa de Nossa Senhora este bom Religioso, com a esmola que havia pedido, e saindo-lhe ao encontro ao pé de um regato, que há no caminho, lhe disse muitas injurias. Recebeu-as com alegre semblante; e com os joelhos em terra e as mãos levantadas ao Céu, lhe pedia perdão. Porém, o ministro de Satanás, arrancando de um punhal e dando-lhe repetidas punhaladas, lhe acabou em tão santa forma a vida terrena, e se foi sua bendita alma (ao que parece) receber a coroa do martírio das mãos do mesmo Senhor, por quem em defesa da sua honra entregara a vida. E querendo o mesmo Senhor fazer mais manifesta a glória de seu Servo, permitiu depois, que uma mulher da mesma Vila de S. Paulo, vendo-se sem remédio humano na enfermidade de um fluxo de sangue, buscava já o divino, frequentando os sacramentos e valendo-se da intercessão dos Santos; e tendo não menor fé nos merecimentos de Fr. Diogo, se assentou, não sem muita devoção, em cima de sua sepultura, onde elevada sobre si e tornando como de um acidente, se sentiu súbita e perfeitamente sã. Rendeu de tal benefício as graças ao Senhor, autor supremo de todas, e confessou publicamente o havia conseguido por

[189] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 89-90.

> meio deste bendito mártir, do qual mais se aumentou a devoção e conceito, que sempre dele tiveram as pessoas deste Povo.[190]

O período da guerra de expulsão dos holandeses do litoral do Brasil também foi marcado por alguns casos de martírios. Os dois mais conhecidos, sem dúvida, foram o dos trinta santos mártires de Cunhaú e Uruçu[191], regiões interioranas da capitania do Rio Grande, mortos violentamente por flamengos, tapuias e potiguares. O primeiro massacre ocorreu no dia dezesseis de julho de 1645, na capela de Nossa Senhora das Candeias, localizada no engenho de Cunhaú. Um dia antes, havia chegado no engenho Jacob Rabbi (?–?), um judeu alemão, aliado dos holandeses, que estreitou laços com os gentílicos. No mesmo dia, o holandês fixou editais na porta da igreja, comunicando aos fiéis que após a missa de domingo no dia seguinte, haveria um pronunciamento de ordens em nome do governo holandês, preparando secretamente uma emboscada que derramaria muito sangue católico. No dia seguinte, desconfiados, alguns ficaram na casa do engenho no horário da celebração, mas a maior parte entrou na capela, encostando os bordões que levavam nas paredes do pórtico.

Durante a missa, o pároco septuagenário André de Soveral (1572–1645), ao elevar o corpo e sangue de Cristo aos céus para que Deus consumasse o milagre da transubstanciação, foi surpreendido por índios, que adentraram pelas portas do templo, surpreendendo a todos. André de Soveral, sabedor do que iria acontecer, disse na língua do gentio que todo aquele que lhe tocasse ou relasse nas imagens e parâmetro do altar, adoeceria nas partes de contato. Temerosos, os tapuias deixaram a capela, mas os potiguares não, e acabaram por tirar a vida de todos, restando aos fiéis somente pedirem perdão pelos seus pecados, último remédio que ainda dispunham, pois enquanto as orações saíam de suas gargantas, entravam as espadas. Todavia, Deus não permitiu que passassem sem punições: "Todas aquelas partes de seus corpos, que serviram ao sacrilégio, lhes ficaram pasmadas e insensíveis, e todos em brevíssimo tempo morreram despedaçados de seus próprios dentes", escreveu João Fernandes Vieira (1613–1681) em "Castrioto Lusitano", publicado em 1679.[192] Para que ninguém duvidasse do motivo da

---

[190] CONCEIÇÃO, Frei Apolinário. **Primazia seráfica na regiam da América, novo descobrimento de santos, e veneráveis religiosos da ordem Seráfica, que enobrecem o Novo Mundo com suas virtudes, e acçoes**. Lisboa ocidental: oficina de Antonio de Souza da Silva, 1733. p. 114-116. Ver também: CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 100-101.

[191] Atualmente os municípios de Canguaretama e São Gonçalo do Amarante, respectivamente, pertencentes ao estado do Rio Grande do Norte.

[192] JESUS, Frei Raphael de. **Castrioto lusitano, ou, Historia da guerra entre o Brazil e a Hollanda, durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes:** obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistarão a independencia nacional. Paris: J. P. Aillaud, 1844. p. 165.

penitência, "[...] permitiu Deus, que na dureza das portas da igreja, como em branda cera, ficassem impressas as mãos do sacerdote, buscando com elas arrimo nos últimos momentos da vida"[193]. Mesmo passados alguns meses, "[...] o sangue dos padecentes [parecia] tão vivo e fresco, como se na mesma hora fora derramado"[194].

Pouco mais de dois meses e meio depois, no dia 3 de outubro de 1645, ocorreu o segundo massacre. Chegou à fortaleza da freguesia de Rio Grande, em que o vigário era o padre Ambrósio Francisco Ferro (?–1645), o holandês João Bolastrater (?–?), um dos conselheiros supremos do governo. Imbuído de perversas intenções, ordenou aos brasileiros ali aglutinados, que se direcionassem aos seus sítios, afim de produzirem alimentos para auxiliarem nas reformas da praça local, disponibilizando uma guarda de soldados para os acompanharem no caminho de volta, para evitar que malfeitores em bando os atacassem. Traiçoeiramente, estava preparando uma emboscada.

A três léguas da fortaleza, mal haviam desembarcado no porto de Hiomavaço e colocado seus pés em terra, perceberam os católicos a emboscada para que foram atraídos: mandou o comandante das tropas que se despissem e ajoelhassem. Abruptamente, saíram da mata cerca de duzentos gentios Alarves que, rodeando os cristãos, tentavam os amedrontar; um cenário perfeito para a indução à apostasia em troca da conservação da vida. A proposta foi feita: todos, corajosamente, declararam fidelidade ao catolicismo, preferindo a morte à perda da vida eterna. Logo em seguida, foram martirizados cruelmente pelas mãos dos hereges e dos gentios, em especial o Padre Ambrósio Francisco Ferro.

Após o ocorrido, retiraram-se os soldados para cerca de meia légua de Hiemovaçu, em um local habitado por sessenta famílias pernambucanas. Ali chegando, informaram aos pernambucanos que deveriam deixar suas famílias para, mediante embarcações que os aguardavam no porto de Hiemovaçu, irem até à fortaleza assinarem uma concordata de bem comum entre flamengos e lusitanos. Assim que chegaram ao porto, os pernambucanos ficaram estarrecidos com o sinistro espetáculo que presenciaram: os gentios ainda escarneciam dos corpos estropiados dos mártires. Em seguida, pregaram as doutrinas de Lutero e Calvino aos recém chegados e repetiu-se a cena anterior: a ameaça dos hereges e as declarações de fidelidade à fé católica dos portugueses.

---

[193] JESUS, Frei Raphael de. **Castrioto lusitano, ou, Historia da guerra entre o Brazil e a Hollanda, durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes:** obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistarão a independencia nacional. Paris: J. P. Aillaud, 1844. p. 165.

[194] Ibidem.

Os hereges, então, movidos pela cólera, coroaram todos com o martírio. Antônio Barracho (?–?) foi amarrado em um poste, teve a língua arrancada e, o coração e as partes colocadas na boca. Matheus Moreira (?–?) foi aberto pelas costas e teve o coração arrancado; antes de morrer, disse: "Louvado seja o santíssimo sacramento!"[195]. A João Martins (?–?), que presenciou a cena, também foi oferecido a vida, em troca de pegar em armas contra sua nação, mas ele se negou a insurgir-se contra sua fé, pátria e Rei, sendo coroado com a palma branca do martírio. Naquela mesma noite, de acordo com Manuel Calado (1584–1654), foi possível ouvir um som surpreendente vindo do céu:

> Sucedeu, pois, que aquela noite que padeceram, se ouviu uma música no céu sobre a fortaleza do Rio grande, e ouvindo-a a mulher de um flamengo chamado Gefman, governador das armas nesse Arrecife, se levantou chamando por algumas mulheres e também por suas escravas, para que ouvissem a música que ia no céu, o qual caso retificou a sobredita. Certo presságio, que foram os Anjos que acompanhavam as almas destes mártires para o céu. [...] Naquela mesma noite houve grande cheiro de incenso na dita cerca, que durou muito tempo e foi patente a todos, sem se saber donde o dito cheiro procedia, senão do céu.[196]

As esposas, filhas e demais parentes dos supliciados, foram impossibilitados de enterrar imediatamente os seus entes queridos, o que só foi autorizado para quinze dias mais tarde, quando já estariam em estado de putrefação, causando mais dor e humilhação a todos:

> Mas o céu, que dos estorvos faz auxílios, e dos desvios estradas, mostrou nesta ocasião que para favorecer a verdade e publicar a vitória de seus servos, permitiu os meios que para a esconder e destruir buscavam seus inimigos; pois os corpos, ainda que divididos, se acharam intactos, não se atrevendo a tocá-los, nem a corrupção nem os bichos, e exalando suave fragrância. Maravilha foi esta que nos católicos causou grande compunção, e nos hereges grande assombro, não se atrevendo a negá-la por ser observada por tanta gente.[197]

"Sobre a sepultura aonde foi enterrado o P. Vigário Ambrósio Francisco Ferro, se achou quinze dias depois da sua morte uma posta de sangue fresca sem corrupção, como se naquela

---

[195] CALADO, Manuel (1648). **O valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade [...]**. São Paulo: Edições Cultura, 1945, parte I, Tom. 2, p. 153. Pelo acontecido, no ano de 2005 foi nomeado "Patrono dos Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística".

[196] Ibidem, p. 154.

[197] JESUS, Frei Raphael de. **Castrioto lusitano, ou, Historia da guerra entre o Brazil e a Hollanda, durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes:** obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistarão a independencia nacional. Paris: J. P. Aillaud, 1844. p. 374-375.

hora fosse derramado, mostras bastantes que o tal brada ao Céu justiça"[198], escreveu o padre Manuel Calado, confirmando a ida da alma do padre vigário para os braços do Senhor.[199]

Passados pouco mais de um século da ocupação portuguesa no novo mundo, o número de martírios e milagres realizados logo após a mortes em defesa da fé católica diminuíram drasticamente. Ao longo do século XVIII, o número de mártires, comparado aos séculos precedentes, em especial o XVI, ainda é menor. É possível, no entanto, encontrar alguns casos. De acordo com o Fr. Apolinário da Conceição:

> Foram estes os veneráveis padres Fr. José de Santa Maria e Fr. Martinho da Conceição, os quais havendo com louvável espírito e ardente caridade, tratado da conversão dos Gentios, indo a conduzir dos matos para o grêmio da igreja aos índios apostatas e outros pagãos, denominados Morés, foram pelas mãos dos mesmos cruelmente martirizados aos vinte de setembro, do ano de 1701.[200]

Como sinal advindo dos Céus, para provar a santa morte dos padres seráficos, coroados pelas mãos de Deus com o martírio:

> [...] depois de passados seis meses, estando expostos ao rigor das feras, se acharam tão incorruptos e de bom semblante, que causavam gozo e consolação nos que os viam, por cujo motivo e outros mais, a rogos de muitas pessoas, pelo eclesiástico e secular, se fez um ato jurídico do caso, como consta das memórias da mesma Província.[201]

Os milagres relacionados aos mártires padecidos no Brasil ocorreram, portanto, sobretudo nos séculos XVI, período inicial da ocupação lusitana, e XVII, durante os conflitos contra os flamengos. Os milagres advindos de martírios irromperam em menor monta no século XVIII, pois o processo de cristianização do novo mundo já havia se estabilizado e as reformas tridentinas, que centralizaram e dificultaram a canonização, tinham avançado no Brasil. Mas os mártires não foram os únicos intermediadores de milagres do Brasil, havia outros, os varões ilustres, por exemplo.

---

[198] CALADO, Manuel (1648). **O valioso Lucideno e o Triunfo da Liberdade na Restauração de Pernambuco**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, 1987, v. 1. p. 279. p. 280.

[199] Para mais informações sobre os mártires de Cunhaú e Uruçu, ver: SILVA, Manuel E. Altenfelder. **Brasileiros heróis da fé**. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2018. p. 47-54. Os mártires foram beatificados pelo Papa João Paulo II no dia 5 de março de 2000 e canonizados em 15 de outubro de 2017 pelo Papa Francisco, sendo instituída a festa litúrgica no dia três de outubro.

[200] CONCEIÇÃO, Frei Apolinário. **Primazia seráfica na regiam da América, novo descobrimento de santos, e veneráveis religiosos da ordem Seráfica, que enobrecem o Novo Mundo com suas virtudes, e acçoes**. Lisboa ocidental: oficina de Antonio de Souza da Silva, 1733. p. 128.

[201] Ibidem.

3.2 Os milagres dos varões insignes

Os varões, isto é, os homens ilustres e célebres, tidos como esforçados heróis do seu tempo, constituíram outra categoria de intermediadores de milagres que habitaram o Brasil. Ligados, sobretudo à Companhia de Jesus, alguns varões começaram a adquirir fama de intercessores de portentos no século XVI, por auxiliarem na difusão da fé católica nas recentes terras conquistadas, fenômeno ocorrido não apenas no Brasil, mas em outros lugares de expansão do cristianismo no início do período moderno. Afirma o irmão Pero Correia (?–?) de São Vicente, em carta datada de dez de março de 1553, ao padre Simão Rodrigues (1510–1579), de Lisboa, que Manuel da Nóbrega (1517–1570), filho do desembargador Baltasar da Nóbrega (?–?) e sobrinho de um chanceler-mor do reino, realizou, assim como outros companheiros inacianos, coisas santas, virtuosas e milagrosas muito evidentíssimas, de acordo com o padre:

> Das coisas grandes e boas, e de muita glória de Deus, que são feitas nesta terra, e as temos escritas, e até Nosso Senhor obra a cada dia, e até o padre Nóbrega fez algumas depois que veio a esta terra de muito aumento, as quais não escrevo com frequência, porque me parece que não devemos escrever de nossos padres coisas santas e virtuosas, mas, sim, milagres que evidenciamos, os quais Deus por eles obra e eles os querem encobrir para mais mérito com Deus.[202]

Vistos entre si próprios como essenciais à expansão do cristianismo aos quatro cantos do mundo, com "[...] sacrifícios e orações de tão santos varões, como são os de nossa Companhia por todo o mundo, as forças do demônio hão de enfraquecer", escreveu o irmão Pero Correia (?–1554), de São Vicente, no dia dezoito de julho de 1554, ao P. Brás Lourenço (1525–1605), residente no Espírito Santo.[203]

Na "Crônica da Companhia de Jesus no Brasil", um milagre e uma previsão relatados foram intercedidos pelo padre Manuel da Nóbrega, enquanto velejava pelo mar ao lado de Tomé de Souza (1503–1579), primeiro governador-geral do Brasil:

---

[202] "*De las cosas grandes y buenas y de mucha gloria de Dios que son hechas en esta tierra y alas tenemos escritas, y aún nuestro Señor obra cada día, y aún el P. Nóbrega hizo algunas después que vino a esta tierra de mucho aumento, las cuales no escribo por menudo, porque me parece que ya no se debía de escribir de nuestros Padres cosas sanctas y virtuosas, sino milagros muy evidenciássemos, los cuales Dios por ellos obra y ellos los quieren encubrir para más mérito con Dios*". CARTA do IR. Pero Correia ao P. Simão Rodrigues. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1. p. 439-440.

[203] *"[...] sacrificios y oraciones de tan santos varones, como son los de nuestra Compañía por todo el mundo, las fuerzas del demonio ña de enflaquecer*". CARTA do Ir. Pero Correia ao P. Brás Lourenço. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2. p. 72.

> Entre outros, sucedeu um caso notável nesta viagem, que ficou impresso na memória do Governador e depois o contava muitas vezes em Portugal, como grande prodígio: foi assim. Veio a descobrir o Padre Nóbrega, que o Governador guardava na viagem e tinha guardado muitos anos havia, a título de devoção, não comer cabeça alguma de peixe ou carne, em honra da cabeça de S. João Batista, cortada por defensão da castidade: e como era resoluto seu zelo, e mais com os maiores, e por esta via parece queria Deus acredita-o já dali, buscou ocasião de o advertir; e foi que, estando um dia com ele à mesa, o vindo a ela um peixe, não quis comer a cabeça dele: então, lhe declarou que aquela devoção, que fazia, vinha a ser espécie de superstição; e era bem que Sua Senhoria a trocasse em outra mais aceita a Deus e ao Santo. O Governador, que tinha já convertido em costume aquela devoção e, por ventura, tinha para si que por ela lhe tinha o Santo feito alguns favores, dissimulava com o Padre: porém ele, que não costumava empreender debalde as cousas, vendo que não bastavam palavras, veio à obra; e revestido de espirito profético, intrepidamente lhe disse: "Mande Vossa Senhoria lançar a linha ao mar e do que pescar, verá claramente a vontade de Deus e essa siga, já que não quer seguir meus conselhos". Lançou-se a linha, com grande alvoroço de muitos, que estavam presentes, e esperavam o fim de promessa tão nova: quando veem todos com seus olhos (prodígio milagroso!) vir presa no anzol uma cabeça de peixe só, e sem corpo, em cumprimento da verdade de Nóbrega. Ficarão pasmados, e sobre todos o Governador; e foi tão grande a força com que sentiu desenganar-se à vista de tão claro sinal do Céu, que mandou logo cozer a cabeça, comeu-a em presença de todos, e repartiu com alguns, como de peixe milagroso. Conciliou o caso, assim, para com o Governador, como para com toda a nau, conceito de santo a Nóbrega; e à volta desta opinião, obrava em bem de suas almas grandes coisas. Não me detenho neste caso em ponderar quem foi o que separou a cabeça àquele peixe? Com que instrumento? Ou com que fim? Porque quando Deus quer fazer milagres, as águas lhe podem servir de cutelo e as mais leves ocasiões de matéria, para prodígios grandes. A ocasião não foi grave, porém, o exemplo que dela resultou, foi gravíssimo, causa do grande conceito do servo de Deus e princípio da melhoria de muitas almas, que depois se renderam à doutrina.[204]

Certa vez, Manuel da Nóbrega "[...] mandou ao padre Vicente Rodrigues, enfermo de um ano e perseverante na doença, em virtude da santa obediência, que se levantasse, e fosse ajudar o próximo. Não foi confiança milagrosa, em que exercitou ato de império sobre acidente tão pertinaz?"[205].

Em outra ocasião, tal como Jesus Cristo e outros varões, realizou um dos milagres mais afamados da história do cristianismo:

> Não foi menos admirável o sucesso com que Deus o livrou do perigo daquela medonha tempestade, quando indo visitar a província em companhia do Governador Mem de Sá, se foi o navio ao fundo e andou ele sobre as águas tempo considerável, não sabendo nadar. Imitou aqui Nóbrega a fé de Pedro sobre o mar: e Cristo com ele o favor de não se afundar nas águas.[206]

"Com outra maravilha guardou segunda vez a vida de seu servo, na ocasião da baleia, monstro assanhado, que o assaltou no mesmo lugar, em companhia do padre Ignácio de

---

[204] VASCONCELOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu no Brasil**. Lisboa: casa do editor A. J. Fernandes Lopes, Livro I, 1865. p. 19-20.
[205] Ibidem, Livro. IV, p. 136.
[206] Ibidem.

Azevedo, Luis da Gama e José de Anchieta"[207], completa Simão de Vasconcelos um pouco mais adiante na sua "Crônica [...]" e "a Nóbrega se atribuiu também o milagre da fonte prodigiosa de Porto Seguro e muitos outros em diversos lugares".[208]

Foi, no entanto, outro inaciano que se tornou o varão mais conhecido por realizar milagres no Brasil quinhentista: o venerável padre José de Anchieta (1534–1597), da Companhia de Jesus. Nascido em San Cristóbal de La Laguna, nas ilhas canárias, no dia dezenove de março do *anno domini* de 1534, filho de João López de Anchieta (?–?), prefeito da cidade e aparentado da família Loyola, com Mência Diaz de Clavijo y Llarena (?–?), pertencente à nobreza canária, José de Anchieta, ao se mudar para Coimbra, aos quatorze anos, para estudar filosofia, ingressou, posteriormente, na Companhia de Jesus. Quando Manuel da Nóbrega solicitou mais missionários para a atividade evangelizadora no Brasil, Simão Rodrigues (1510–1579) ofereceu, entre outros, o nome de Anchieta. Padecente de tuberculose óssea, que lhe causava escoliose, deixou os estudos em Portugal e viajou ao Brasil, aportando na Capitania da Baía de Todos os Santos no dia 13 de julho de 1553, na armada de Dom Duarte da Costa (?–1560), governador-geral do Brasil, juntamente aos outros companheiros inacianos. Passados menos de três meses, dirigiu-se à Capitania de São Vicente em outubro, fundando um colégio, juntamente a outros companheiros, nomeado de São Paulo. Habitou também no Rio de Janeiro e Espírito Santo, realizando missões em diversas localidades.

Em suas exéquias solenes, Quirício Caxa (?–1599) preparou um elogio fúnebre, narrando brevemente os feitos de José de Anchieta ao longo dos quarenta anos que missionou nas terras do Brasil.[209] O texto preparado serviria de base para a composição do primeiro livro sobre o padre, um manuscrito, finalizado no ano de 1598 e nunca impresso no período colonial, inaugurando oito décadas de intensa impressão de obras dedicadas a rememorar os feitos de Anchieta na América. Entre 1598 e 1677, foram publicados 25 textos originais, sendo 22 impressos e três manuscritos, escritos em língua portuguesa, latina, espanhola, francesa, alemã e italiana.[210] Para os parâmetros do século XVII, Anchieta foi um sucesso literário.

Nessas obras, quatro delas redigidas em português, foram narrados diversos feitos milagrosos realizados pelo padre, narrações que atuariam como prova de sua santidade. A

---

[207] VASCONCELOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu no Brasil**. Lisboa: casa do editor A. J. Fernandes Lopes, Livro IV, 1865. p. 136.
[208] Ibidem.
[209] FREITAS, Camila Corrêa e Silva de. **Divulgar a biografia de um santo:** os usos e as aproximações da figura de José de Anchieta no Brasil e na Europa (século XVII). Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em história social do departamento de história da Faculdade de filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), 2016, p. 35.
[210] Ibidem, p. 346-348.

"Breve Relação da Vida e Morte do Padre José de Anchieta", de Quirício Caxa, no entanto, não foi escrita para fins canônicos, apresenta poucos relatos de milagres e, os que são narrados, não foram designados como tal. Em um dos relatos, narra que "uma vez tomou um índio pagão para o curar de uma lepra e, fazendo-o cristão, o sarou da lepra da alma e do corpo"[211]. Em outro relato, também muito breve, descreve Caxa que, certa vez, "com seu barrete, sarou um homem no espírito santo com o pôr na cabeça, estando para morrer"[212]. Mais adiante, o autor relata o milagre da levitação: "oito ou dez homens o viram dizendo missa na Igreja de N. Senhora, da Vila de Porto Seguro, levantando um pedaço do chão"[213]. No suplemento da obra, é ainda relatado um outro milagre de Anchieta: o local onde rezava perto do mar e o caminho de que se servia para lá ir, nunca eram invadidos pela maré.[214]

Em 1607, foi publicado, também em manuscrito, a segunda Vida dedicada à Anchieta[215], escrita pelo padre inaciano Pero Rodrigues (1542–1628), mesmo autor que, dois anos depois, publicaria uma nova versão, a terceira[216], muito semelhante à primeira, em homenagem ao inaciano intercessor. Nesta segunda vida de santo, foram relatados diversos casos de milagre relacionados à Anchieta ainda em vida, entre os quais alguns citados no livro de Caxa, como o milagre em que o padre levitou durante uma missa na igreja de Nossa Senhora, em Porto Seguro[217], o da cura do índio leproso pelo batismo[218] e o caso da maré que não molhava o caminho em que Anchieta percorria na praia[219].

De inédito, narra Pero Rodrigues que Anchieta foi visto muitas vezes levitando em oração:

> Nove pessoas juram em seus testemunhos, terem ouvido a muitas outras, e correr disso pública fama, que o padre José por muitas vezes foi visto levantado do chão por algum espaço, estando em oração. De vista o informa um morador da vila de S. Vicente, por nome Gaspar Lopes, que o viu com seus próprios olhos levantado no tabernáculo do alta, obra de um palmo, antes de levantar a Deus: foi isto na Capela de São Jorge, perto da vila no Engenho, que é de uns senhores muito principais em Flandres, por nome os Erasmos Esquetes. [...] Também na igreja de Nossa Senhora da Escada, em

[211] CAXA, Quirício. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura /Cultural Vida, 1957. p. 57 e 77.
[212] Ibidem, p. 77.
[213] Ibidem.
[214] Ibidem. p. 81.
[215] RODRIGUEZ, Pero. **Vida do Padre Jose de Anchieta da Companhia de Jesu. Quinto Provincial q foy da mesma Companhia no Estado do Brazil**. Escritta pelo Padre Pero Rodriguez da mesma Compa. Theologo, natural d' Évora e sétimo provincial da mesma Província, [1607?].
[216] ROIZ, Pero. **Vida do Padre Joze de Anchieta da Companhia de Jesu. Quinto Provincial que foy da mesma Companhia no Estado do Brazil**. [1609?]. (BNP, microfilme F. 4133).
[217] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p 12.
[218] Ibidem, p. 39.
[219] Ibidem, p. 46-47.

> porto Seguro, foi visto por oito ou dez homens dizendo missa e estar levantado no ar por bom espaço. [...] Semelhante é o que Isabel Nogueira, dona viúva, disse a um Padre deste Colégio da Baía: que estando ela na igreja de Nossa Senhora da Escada, perto desta cidade, com outra mulher, acabando o padre de ouvir missa, o viram posto em oração levantando do ar, e que fazendo elas estrondo para ver se tornava em si, nem isso bastava; do que confusas e edificadas, deram muitas graças a Deus por tão nova maravilha.[220]

Outro caso narrado por Rodrigues fala de um irmão da Companhia de Jesus no Colégio da Bahia, que foi curado por Anchieta, recobrando saúde após ter sofrido uma queimadura:

> Servia um irmão na cozinha neste colégio da Baía e tirando um dia uma tigela grande de peixe do fogo, que estava fervendo, se lhe entornou o caldo sobre as costas da mão direita, que ficou queimada. Acertou de passar o Padre José pela cozinha, viu a mão maltratada e tomando-a com a sua esquerda dissimuladamente, lhe fez o sinal da cruz em à direita, dizendo: "Ora basta, não vos doa mais"; e ele mesmo a chegou ar do fogo com que logo sarou, e o Irmão tornou a continuar com seu ofício.[221]

Houve casos em que a intermediação dos milagres realizados por Deus foi de segunda mão, no caso, após o nome de Anchieta ser citado em oração à Nossa Senhora, por um doente da Companhia:

> Neste mesmo colégio andava o padre Francisco Fernandes, que então era irmão doente de quartãs havia muito tempo. Chegou a festa de nossa Senhora da Escada a 21 de novembro e iam alguns de casa celebrar a festa daqui a duas léguas, em uma igreja do colégio da mesma invocação. Encontrou o padre José, que era Provincial, com o irmão, e perguntou-lhe porque não ia com os mais? Respondeu que por causa das quartãs. Disse-lhe então o Padre: "Ora, ide e não ás torneis a trazer para casa, deixe-as lá". Foi, e deu-lhe lá uma rija febre. Vai-se então à igreja e diante do altar e imagem da gloriosa Virgem, pede que lhe dê remédio, alegando que o padre José lhe mandara [que] não tornasse ao colégio com elas. Ouviu a Senhora, mãe de Deus, a oração de ambos e o irmão tornou para casa com perfeita saúde, sem lhe tornarem mais. [222]

Outro caso curioso diz respeito a um irmão da Companhia, enfermo de fastio, a quem Anchieta perguntou o que gostaria de comer:

> Respondeu que um pequeno lacão. Ouvindo isto o padre mandou-o pedir ao irmão despenseiro, o qual disse que tal cousa não havia em casa. Foi-se então o mesmo padre à dispensa e de um cesto, que estava pendurado com peixe assado, tomou um pedaço e o levou ao doente, o qual comeu e o achou muito bom lacão. Depois, perguntou ao irmão despenseiro, porque lhe não dera a primeira vez o lacão que o padre José lhe mandara dar. Foi-se então o irmão despenseiro à dispensa e trouxe uma posta de peixe, da qual o padre José tomara, o que deu ao enfermo feito em lacão, e era xaréu assado. Louvado seja o Senhor, que faz tais maravilhas por meio de seus servos. [223]

---

[220] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 12.
[221] Ibidem, p. 39.
[222] Ibidem.
[223] Ibidem, p. 40

Anchieta também intercedeu pelos mudos:

> Outro menino de quatro ou cinco anos havia na capitania do Espírito Santo, mudo que nunca falara, por nome Estevão. Sucedeu que se fez uma grande festa na aldeia de São João, a que acudiu muita gente da vila e também o padre José com outros padres. Entre danças e outros jogos, houve também correr o pato. Levantou-se entre dois cavalheiros diferença sobre qual deles o levara. Fizeram juiz do caso o padre José, o qual, olhando para o menino mudo, lhe mandou que dissesse quem ganhara o pato. O menino, cobrando logo a fala, respondeu muito desembaraçadamente, dizendo: "é meu, deem-me, para o levar a minha mãe". Deram-lhe o pato e o levou, e juntamente a fala restituída, de que todo o povo que presente estava, deu muitos louvores a Deus por tão grande maravilha.[224]

E, ainda, pela cura do irmão Gonçalo Luís (?–?), que estava com um inchado debaixo do braço esquerdo:

> Vindo o padre José de São Vicente, para o colégio do Rio de Janeiro, achou ao irmão Gonçalo Luiz muito doente de um inchaço debaixo do braço esquerdo, o qual por mais remédios que lhe punham, não abrandava, antes se encruava mais. Chegando o padre a ele, lhe disse: "Irmão, que é isto? Que vos doe?" E pondo a mão no inchaço, e fazendo o sinal da cruz, de ai a nada arrebentou por si. Veio depois o médico e sabendo o que passará, ficou atônito, e os de casa que o souberam, deram muitas graças ao Senhor. [225]

As câmaras de sangue, assim como os inchaços, eram curadas através das mãos do principal varão missionário do Brasil. João Soares (?–?), morador da vila de São Paulo, padecendo deste mal, recebeu a visita do Padre José, que lhe acalmou, dizendo com tamanha confiança as seguintes palavras:

> "Filho, não vos levanteis mais, que confio em Deus sarareis". E lhe correu a mão pelo corpo, e logo com ajuda de Deus, lhe estancaram as câmaras e se lhe foi o fastio, que também tinha muito grande, e logo comeu e bebeu de um frasco de vinho, que o padre lhe mandara. Ido o Padre da casa do enfermo, chegou o administrador Bartolomeu Simões para o visitar, e perguntando-lhe como estava, respondeu João Soares: "depois que o padre José aqui chegou, cessou a doença e não me levantei mais, como me levantai esta noite passada cento e tantas vezes". Acudiu a isto o administrador: quem podia alcançar isso do Senhor, senão o padre José? [226]

Uma das especialidades de cura do padre, sobretudo entre os doentes que tiveram contato com suas relíquias, eram as dores de cabeça, curadas milagrosamente com um só toque em sua roupeta:

---

[224] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 40.
[225] Ibidem.
[226] Ibidem, p. 41.

> Pela fama da santidade do padre José, confirmada com exemplos quotidianos de sua virtude e obras milagrosas que Deus por ele fazia, muitas pessoas tomavam por devoção valer-se das relíquias de seu vestido, para suas enfermidades, especialmente para dor de cabeça, como algumas pessoas afirmam em seus testemunhos terem ouvido e visto em outras, e ainda experimentado em si mesmas, e uma delas diz que estava com dor muito aguda em uma ilharga, e que entrando o padre José a visitá-la, lhe pediu que deixasse pôr a manga da roupeta da banda onde tinha a dor, com o que em continente, se achou bem e livre da pontada. [227]

Anchieta também ficou conhecido pela sua relação com os pássaros, os quais, segundo se acreditava, obedeciam o religioso. Ouça o depoimento do padre Gaspar de São Pérez (?–?), que testemunhou um desses casos:

> Vi eu com meus olhos, na capitania do Espirito Santo, que pregando na mesma festa em casa o padre José, veio voando um passarinho, como canário, e se lhe assentou sobre o ombro esquerdo, e foi-se enxotando o Padre, mansamente a segunda vez. Disse-me também o Padre José (diz este mesmo Padre) quereis que vos diga, Gaspar, nesta terra dizem que eu faço milagres e que chamo os pássaros, e que se veem a mim; e foi que vindo eu em um navio, voava sobre ele um pássaro destes do mar. Então, estendi o braço e o pássaro pousou nele. Fazei de conta como se houvera de assentar em outra parte. [228]

Os guarás também obedeciam ao padre. Certa vez ele pediu a alguns deles que fizessem sombra para a sua embarcação, que se encontrava numa calmaria e fustigada pelo sol. Eis o ocorrido, segundo o relato do padre Pero Leitão (1519–1573), que presenciou tudo diante do provincial Fernão Cardim (1540–1625):

> Ia o padre um dia numa canoa, atravessando a Baia do Rio de Janeiro para a cidade, e o companheiro que ia assentado de trás do padre, queixava-se da grande calma. Nisto, viu o padre José uns três ou quatro guarás que são umas aves como grandes galinhas de cor vermelha finíssima, postas em uma arvore, e disse-lhes pela língua: "Ide, chamar vossos parentes e vinde-nos aqui fazer sombra". As aves logo estendendo os pescoços, deram um grito, como quem dizia que sim, e se foram voando, e daí a pouco tempo veio um grande bando delas, e ajuntando-se em uma nuvem, foram fazendo sombra à canoa por espaço de obra de uma légua, enquanto a sombra foi necessária. Entrando a viração, o padre lhes disse que bastava, a que elas responderam com uma grande grita, com o que se despediram e se foram. Em ambos estes casos e em outros de pescaria, foi companheiro do padre José o padre P. Leitão, que o jurou em seu testemunho diante do reverendo padre Fernão Cardim, provincial, e outros padres dos quais eu era um deles. [229]

---

[227] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 41.
[228] Ibidem, p. 43-44.
[229] Ibidem, p. 44.

Muitos foram os sinais de santidade do intercessor Anchieta. Certa vez, estava em oração, quando um porteiro, adentrando em seu cubículo, presenciou com espanto uma claridade no lugar. Em outro relato, estando na fortaleza de Bertioga, em uma das barras da ilha de São Vicente, no intuito de doutrinar os índios, pediu para dormir na ermida de Nossa Senhora, localizada a trinta passos da fortaleza. Durante a madrugada, Afonso Gonçalves (?–?), que ajudava o padre com as tarefas do alojamento, foi acordado por sua esposa maravilhada com o que tinha diante dos olhos. Eis o que viram, segundo o relato de Rodrigues:

> Estando por vezes em oração no seu cubículo, entrava o porteiro com algum recado, e era tão grande a claridade, que dentro via que ficava espantado. Um dia (como outros muitos costumava fazer), veio o padre José da casa de São Vicente, à fortaleza de Bertioga, situada em uma das barras da ilha de São Vicente [...]. Neste tempo, pediu o padre ao hospede, que o deixasse ir dormir a uma ermida de Nossa Senhora, que ali está perto da fortaleza obra de trinta passos. [...] Sendo já alta noite e estando todos dormindo, somente a mulher de Afonso Gonçalves estava esperta, a qual o acordou dizendo: "Senhor, acordai e ouvireis uma cousa maravilhosa". Acordou, alevantou-se e abriu uma janela da fortaleza, e viram ambos com seus olhos a ermida por entre as telhas e porta, e por cima dos flechais com seu alpendre, alumiada com um grande resplendor, que os pôs em admiração, e juntamente ouviram uma música tão suave, que o arrebatou a ele e tirou de seu sentido, como o jura era seu testemunho, e querendo descer a baixo para ver donde a música se dava, por lhe parecer que a ouvira de longe, imaginando que seria algum navio que viesse entrando pela barra àquelas horas da noite, querendo descer, como digo, arrepiaram-se lhe os cabelos com temor, achou-se impedido, e lhe pareciam que pegavam e tinham mão neles, e assim não foi a ver o que era. Durou a claridade e música por bom espaço de tempo, do que ambos ficaram por extremo consolados. [230]

No ano de 1672, 65 anos após a publicação do manuscrito redigido pelo padre Pero Rodrigues, veio a público a mais afamada narração das virtudes e dos milagres do venerável padre José de Anchieta. Simão de Vasconcelos (1597–1671), após tantos livros publicados, que divulgaram os feitos da Companhia de Jesus nas terras do Brasil, redigiu um último, relatando a vida missionária do padre, publicado, postumamente, um ano após seu falecimento. O apóstolo do novo mundo ou apóstolo do Brasil, como foi chamado Anchieta em diversas partes da "Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta", foi referenciado como o intermediador de diversos portentos, entre eles, muitos dos citados nas obras mencionadas, mostrando que Simão de Vasconcelos teve contato com aqueles livros.

O milagre da cura do índio leproso mediante o batismo[231] e o milagre da maré, que não molhavam os calcanhares nem o caminho percorrido pelo Apóstolo do Brasil na praia[232], foram

---

[230] RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897, p. 47-48.

[231] VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, Livro VII, 1672. p. 386.

[232] Ibidem, Livro IV, p. 276-278.

citados por Vasconcelos; os milagres da cura da queimadura do irmão que cozinhava um peixe[233], da cura da febre do padre Francisco Fernandes[234], da conversão do peixe em lacão[235], do menino Estevão, o mudo[236], da cura do inchaço debaixo do braço de Gonçalo Luís[237], da interrupção do fluxo contínuo de sangue de João Soares[238], e dos sinais de luz e música vindos do Céu[239], todos citados por Rodrigues, também são mencionados por Simão de Vasconcelos.

A "Vida do Venerável Padre Joseph de Anchieta", no entanto, ainda traz milagres desconhecidos. Um dos mais portentosos ocorreu nas vésperas de uma festa na aldeia de Ibirapuera, quando a bula do jubileu vinda de Roma foi esquecida em São Vicente, localizada a trinta léguas do local do festejo:

> Porém, ele partiu junto à noite e quando chegou na manhã seguinte a hora de publicar a bula, estava com ela na igreja com espanto de todos. Ou fosse que neste breve tempo andasse trinta léguas, que tantas havia de ida e vinda; ou que algum anjo lhe administrou no caminho, qualquer que fosse, não podia ser sem milagre.[240]

Em outra ocasião, Anchieta, diante da carestia e do desespero de seus irmãos, deu provas de sua fé e confiança no amparo de Deus:

> Faltou certo dia provisão no colégio e o irmão Antônio Ribeiro, que tinha cuidado do refeitório dos religiosos, avisou a José que não havia coisa alguma, exceto laranjas e farinha que chamam de guerra, áspera e dura: eram já horas de comer, mandou José cheio de confiança em Deus, que trocasse a campa para o exame de consciência, que na Companhia é costume fazer-se antes da mesa, espaço de um quarto de hora. Pôs-se em oração e passado o quarto, tornou o refeitoreiro a perguntar-lhe que faria: respondeu que tangesse à mesa. Tocou, juntamente os religiosos, sentaram-se à mesa, começou a lição ordinária; e escassamente iam comendo o antepasto de laranjas, quando tocaram a campainha. Acudiu o porteiro e achou um cesto de mantimento cozinhado e consertado, mandado de esmola por um José Adorno Genoves, nobre, muito devoto da Companhia. Tiveram todos boa porção, louvaram a divina providência e tiveram por milagrosa a confiança de José.[241]

Milagre parecido foi realizado no colégio da Companhia de Jesus na capitania de São Vicente, no entanto, em vez da escassez de alimentos em geral, a falta era de azeite, um dos principais ingredientes utilizados na culinária do período colonial:

---

[233] VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672, Livro IV, p. 215.
[234] Ibidem, Livro IV, p. 228-229.
[235] Ibidem, Livro VII, p. 388.
[236] Ibidem, Livro V, p. 334.
[237] VASCONCELLOS, Simão de. Recopilação da vida do P. Joseph Anchieta. In: **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, Livro II, 1672, p. 22-23.
[238] Ibidem, Livro V, p. 340.
[239] Ibidem, Livro III, p. 187-188.
[240] Ibidem, Livro I, p. 47.
[241] Ibidem, Livro III, p. 138.

> Temos outro caso maior: faltava azeite na capitania de S. Vicente e juntamente em nosso Colégio, avisou desta falta o irmão despenseiro. Disse que um barril que havia em casa era acabado, porque proviam dele não só o colégio, mas também as casas sujeitas, igrejas e pobres. Respondeu José: "irmão, nas necessidades, não deixeis de acudir ao vosso barril, que Deus é Pai e fará que não falte azeite". Replicou que já o tinha erguido sobre o torno e que estava seco de todo, e podiam bem usar dele em outro mister. Tornou José: "fazei irmão o que vos tenho dito". Obedeceu o despenseiro e em todas as necessidades ia consultar a seu barril, e sucedia-lhe que qual a fontezinha no rigor do verão falta com água na calma da tarde, mas em passando a noite torna a correr, posto que pobremente, assim o barril, que nos mais tempos estava falto de azeite, em vindo a necessidade dos pobres começava a correr em pequeno destilo, mas bastante para remédio do presente. E foi de maneira que de necessidade em necessidade e de estilo em estilo, durou por dois anos o azeite, que foi o tempo em que durou na terra a falta dele. Entrou navio em que mandavam os Erasmos, senhores de engenho de São Jorge, uma pipa de azeite para os padres de esmola, e cessou logo o mesmo dia o barril do colégio. Correu a fama do milagre e foi julgado o autor dele por outro Eliseu.[242]

Anchieta, através de sua fé, também intercedeu um milagre de multiplicação do azeite na igreja da Virgem da Conceição, localizado em Itanhaém. Vasconcelos comparou o milagre a seguir, com o da multiplicação do Vinho, realizado pelas mãos de Jesus Cristo:

> Achando-se José na igreja da Virgem da Conceição de Itanhaém, cujo devotíssimo era, queixaram-se lhe os mordomos da confraria, que não havia azeite com que alumiar a Senhora, sentiu o devoto seu a falta, mais que a do Colégio, e disse: "irmãos, façam mais diligência", e por ventura que acharam azeite, fizeram-lhe certo os mordomos que tinham chegado a pôr a botija em que estivera boca para baixo e não lançava coisa alguma. Tornou cheio de fé: "ora, não tomem por trabalho segundar a ver", que por ventura cheia de belo azeite até a boca. Proveram as alampadas da Senhora e começaram a pregoar o milagre, cuja voz acudiu o recôncavo com suas vasilhas de azeite a fazer troca com o milagroso, para remédio de suas enfermidades. O converter Cristo a água em vinho foi grande maravilha, mas multiplicar aqui o azeite, parece não foi menor.[243]

Anchieta realizou, também, segundo Vasconcelos, uma previsão e um milagre na povoação de Santos:

> Muitos anos havia que vivia como casado na povoação de Santos um homem, por tal corria em toda a terra, passava já de quarenta anos, sem que pessoa alguma tivesse suspeita de engano algum. Porém, José tinha certeza sobrenatural que era casado em parte muito distante e era viva a mulher primeira. Avisou-o de caso tão seu, pedindo que fosse fazer vida com ela e largasse a ocasião do pecado grandíssimo em que vivia tão arriscado. Obstava fortemente o hábito feito de quarenta anos o amor da presente mulher e, porventura, os filhos e fazenda. "Mas que remédio" — dizia José — a vós mesmo vos haveis de negar para salvar vossa alma". Chegou a admoesta-lo em público, até que por medo ou vontade buscou remédio, deixou casa, mulher, filhos e

[242] VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, Livro III, 1672. p. 139.
[243] Ibidem, Livro III, p. 139-140.

> fazenda, e partiu onde José mandava. Reconheceram todos a notícia do caso por revelação e a execução por milagre.[244]

Vasconcelos relata, ainda, um milagre de Anchieta em que fica patente a alteração do curso natural do tempo:

> Vinha outra vez caminhando na mesma praia a dizer missa em certa festa de Nossa Senhora da Conceição; e como caminhava veloz, e foi-se adiante com seu companheiro, sacerdote também, e alguns seculares, deixando atrás alguns outros, que vinham em um carro à mesma festa. Eis que chegando junto ao lugar em que havia de celebrar a missa, buscando as hóstias, que mandara trazer, achou que ficavam no carro, que segundo o vagar com que vinha, não podiam chegar na horas convenientes. Ficou perplexo o companheiro e envergonhado, porque as não trouxera consigo, cuidava o que faria. Porém José o tirou desta ânsia. Disse: "ide andando até a Villa que já está perto, eu tornarei a busca-las e virei logo"; e foi a ida e volta com tal pressa, que quando olharam para trás, o viram consigo já com as hóstias, dentro em brevíssimo tempo e com evidente milagre, porque o carro distava então duas léguas, que de ida e volta faziam quatro, caminho impossível por via natural.[245]

O venerável padre também matava animais peçonhentos, como cobras, sem pancada alguma, apenas com o toque do seu bordão, como sugeriu Simão de Vasconcelos:

> Na mesma praia disse a Luis Malio: "vede como ides, que haveis de encontrar uma cobra. Olhai não vos morda, que é peçonhenta". A poucos passos deu com ela, preparava-se para matá-la com grande receio, impediu o padre, dizendo-lhe: "deixa-me com ela", e logo chegando, tocou-lhe com o bordão, e ficou morta sem pancada alguma, e reconheceu Malio aqui juntamente milagre e profecia.[246]

Anchieta adivinhava também as angustias dos que sofriam pelo arrependimento dos seus pecados. Certa vez, veio de São Vicente um homem apenas para receber o jubileu, que, no catolicismo, significa a indulgência plenária dos pecados cometidos, concedidos pelo papa em intervalos de tempo regulares. O sacerdote que o confessou, no entanto, disse que não poderia o absolver, pois, as feridas que o pecado lhe tinha aberto na alma ainda estavam frescas. O homem, entretanto, teve a felicidade de encontrar o venerável padre Anchieta, que deu outro encaminhamento à questão:

> Partia-se o homem desconsolado, chamou-o José e lhe disse: "quero-vos confessar, porque as feridas frescas assim se curam", aludindo ao que lhe dissera o sacerdote, sendo impossível sabe-lo por via natural. Ficou o homem maravilhado e como

---

[244] VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, Livro III, 1672. p. 151.
[245] Ibidem, Livro III p. 173.
[246] Ibidem, Livro III p. 174.

> chamado de Deus, pôs-se a seus pés, confessando-se com grande alegria de sua alma. Ganhou o jubileu e pregoou o caso milagroso.[247]

Ainda em São Vicente, um Manoel Alvres Chaves (?–?), enquanto fazia sua refeição preparada pela dona de casa, engoliu algumas agulhas fabricadas pela mulher que, sem perceber, deixou-as cair na comida. Tomado por uma ânsia, virou-se para Anchieta pedindo ajuda, "[...] o qual lançando lhe uma benção, lhe disse somente estas palavras: "escarre e bote fora". Escarrou e lançou fora as agulhas juntas, e o papelinho em que iam, desfeito em pedaços. Tiveram todos o sucesso por milagroso e, como de tal, correu logo a fama".[248]

Nicolao Grilo Gomes, o mesmo que havia presenteado José de Anchieta com um vinho de mel em outra ocasião, estava muito doente da ilharga direita, através da qual era possível enxergar até mesmo suas entranhas. Anchieta fez-lhe, então, uma visita:

> [...] viu-lhe a chaga, mandou-o ter fé, lançou lhe uma benção sobre ela e ficou tão são, que sendo isto de noite, na manhã seguinte se ergueu e andou por seu pé, como se nunca tal doença tivera. Tornou José a vê-lo, dizendo-lhe que desse graças a Deus pela saúde e alguma esmola a Nossa Senhora. Fê-lo assim, mandou logo oferecer à Virgem um ornamento inteiro de cetim carmesim e um lampadário de prata. Foi público o caso e todos os moradores deram graças a Deus por tão grande milagre.[249]

Em outro milagre relacionado à alimentação, o Apóstolo do Novo Mundo transformou um pão queimado em mole e bom, lançando um benção no forno:

> Falava com certas mulheres devotas do Colégio na Vila de São Vicente e enlevadas estas na prática, esqueceram-se do pão que tinham a cozer no forno, e quando acudiram, acharam que estava queimado. Eram pobres, ficaram lastimadas da perda, recorreram ao servo de Deus, como a obrador de milagres, propuseram-lhe seu descuido e o efeito dele tão cruel não houve mister mais. Entrou na casa, onde estava o forno e chegando-se à porta dele, lançou a benção sobre o pão queimado e logo se tornou mole e bom, e como de qualquer outra fornada.[250]

Um dos milagres mais singulares intercedidos por Anchieta teve lugar em Ibirapuera, na Vila de São Vicente, onde a hortelã de um sítio em que o padre pisou cresceu diante dos olhos dos fiéis:

> Este milagre, que de poucos santos se lê, foi celebre em todo São Vicente, confirmaram-no em vários processos muitas testemunhas margem citadas, que foram presentes e o viram. De uma princesa santa chamada Joana, na Vila de Aveiro, se

[247] VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, Livro III, 1672. p. 191.
[248] Ibidem, Livro III, p. 203.
[249] Ibidem, Livro III, p. 204.
[250] Ibidem, Livro III, p. 205-206.

> conta que secaram as flores e árvores à vista de seu corpo defunto. Porém, que florescem, é milagre maior e poucas vezes visto.[251]

Milagre também famoso do varão foi realizado no engenho de um tal Miguel de Azevedo (?–?) que, querendo fazer de uma pedra, mesa de uma oficina, não a conseguia carregar, pois, era demasiada pesada para ser movida:

> Joseph, que tinha ânimo de fazer bem a todos, achando-se presente, foi com ele ao lugar dela e disse: "mande vossa mercê vir a gente, que eu te ajudarei, e espero em Deus, que lhe há de cumprir seu desejo". Veio a gente e pondo o servo do Senhor uma só mão na pedra, começou ela a mover-se com facilidade, e mandou que a fossem levado para o engenho. Fizeram assim, envergonhados das dificuldades primeiras, e espantados da grande virtude de José; mas porque fosse mais claro o milagre, ao entrar da casa, tornou a lájea a parar. Pediram segunda ajuda, tornou a pôr a mão e assentaram-na com a facilidade primeira no lugar desejado, onde serviu e ficou por coluna da maravilha até o dia de hoje, chamando-lhe a pedra de José.[252]

José de Anchieta morreu, com fama de santo, no dia 9 de junho de 1597, em Reritiba, Espírito Santo, sendo sepultado em Vitória, onde seu corpo permaneceu até 1609, ano em que foi transladado para Salvador. Seu culto foi autorizado pelo Papa Urbano VIII (papa entre 1623 e 1644) e logo seus ossos foram espalhados para serem venerados como relíquias sagradas, o que era concebido na época como um sinal de aprovação divina da santidade dos homens virtuosos.[253] Em uma epístola do dia 30 de setembro do ano de 1626, o inaciano Antônio Vieira relatou um curioso milagre presenciado pelo irmão recém falecido Antônio Fernandes. A narrativa tinha como objetivo não somente destacar a santidade da relíquia de Anchieta, mas também o poder sagrado de Antônio Fernandes:

> Outra vez acaso encontrara um dos nossos padres, que mostrava andar enfadado; e sabida a causa, era por ter perdido um dente do santo José de Anchieta, que muito estimava. Consolou-o ele dizendo que o encomendaria a Deus e, detendo-se um pouco sem se mover do lugar, o levantou [o dente de Anchieta] do chão, em parte onde se tinha buscado com muita diligência.[254]

Ainda na mesma carta, Vieira relatou que uma relíquia de Anchieta foi posta na popa de uma nau que ia de Pernambuco para a Bahia, com o intuito de socorrer uma região invadida pelos holandeses. Diz Antônio Vieira que o local onde foi depositada a relíquia permaneceu

---

[251] VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, Livro III, 1672. p. 206.
[252] Ibidem, Livro V, p. 333.
[253] CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 167.
[254] VIEIRA, Antônio. Carta ânua ao Geral da Companhia de Jesus, 30 de setembro de 1626. In: **Cartas do Brasil**. HANSEN, João Adolfo. São Paulo: Hedra, 2003. p. 81.

intacto durante os conflitos, enquanto as outras partes foram atingidas pelos ataques dos inimigos, indicando a sacralidade e autenticidade do objeto.[255]

Izabel de Barros (?–?), que padecia de uma grave doença, também foi agraciada pelo contato com uma relíquia de Anchieta:

> Havia doze anos que padecia Izabel de Barros, moradora na Vila de São Jorge, de uma doença perigosa, porque lançava pela boca quantidade grande de sangue e a volta dele parecia dores de peito e costas, que gravemente a molestavam, sem que achasse melhoria por meio de mesinhas humanas. Mandou pedir aos Padres da Companhia a água da relíquia do venerável padre e bebida ela incontinente, se achou livre das dores de peitos e costas, que atualmente padecia. E logo dando da mesma água a uma filha sua doente de febre e dores de garganta, da mesma maneira ficou são e livre, e ambas devotas de seu benfeitor. Viram o caso milagroso quatro testemunhas contestes.[256]

A mulher de Manoel Coelho (?–?), moradora da vila do Espírito Santo, o filho de Antônio da Fonseca (?–?), com idade de seis anos e a escrava de Francisco Carvalho (?–?), todos muito doentes, beneficiaram-se do mesmo medicamento, indicando a fama dessa receita milagrosa, que incluía os ossos do padre Anchieta, tidos como relíquias sacras:

> Uma mulher de Manoel Coelho na mesma vila do Espírito Santo, padecia de graves dores, que lhe ficaram de um parto. Bebeu um pouco de água benta com um dos ossos e ficou sã na mesma hora. A vista desta maravilha, Antônio da Fonseca, pai da dita mulher, aplicou com fé a mesma água a um filho seu de idade de seis anos, doente de asma, tosse, febre e dores de cabeça, o qual no mesmo tempo em que bebeu, entrou em sono, e acordando, se achou são de todos estes males, sem mais outro remédio. Francisco Carvalho, cunhado do mesmo Antônio da Fonseca, tinha em casa uma escrava posta já em graves aflições e extremo da vida. Pediu a água e com milagre efeito, sarou sem outro medicamento algum. Depõem destes casos o Padre Gaspar Samparés, da Companhia de Jesus, e foi fama notória.[257]

Muitos outros milagres intercedidos pelo venerável varão José de Anchieta, o Apóstolo do Brasil, foram relatados no período, fazendo dele, sem dúvida, o principal intermediador de milagres que atuou no Brasil.[258]

O venerável varão João de Almeida da Companhia de Jesus, seu discípulo, também adquiriu fama de intermediador de milagres. Nascido em 1572, na cidade de Londres, era um dos quatro filhos do varão João Madá (?–?), com uma mulher não identificada por Simão de Vasconcelos, seu principal biógrafo; teve criação católica, vindo para o Brasil muito cedo,

---

[255] CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011. p. 168.

[256] VASCONCELLOS, Simão de. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672, Livro VI, p. 358.

[257] Ibidem, Livro VI, p. 359.

[258] José de Anchieta foi beatificado em 22 de junho de 1980, pelo Papa João Paulo II (1920–2005) e canonizado em 3 de abril de 2014, pelo Papa Francisco.

nomeadamente para a capitania de Pernambuco. Uma vez no Brasil, o varão João de Almeida realizou diversos milagres, relatados por Vasconcelos na "Vida do Padre Joam d'Almeida da Companhia de Jesus". O primeiro deles conta que, após os ataques de alguns gentios contrários, houve uma grande mortandade de meninos inocentes não batizados na vila em que se encontrava João de Almeida, algo extremamente grave para uma comunidade católica. Diante da tragédia, eis como procedeu o padre:

> Os fomentava e juntava consigo, e fazia bulir, e finalmente os ressuscitava; ressuscitados, os batizava, e batizados eles, os tornava a compor sem sentido, sem vida, e mortos como dantes. Coisa maravilhosa por relação dos índios, chegou este caso primeiro que a todos a um Manoel Preto, morador em São Paulo, que nesta jornada os foi esperar ao caminho; e ouviu deles toda a relação por extenso, que depois contou muitas vezes aos padres e se espalhou por toda aquela capitania. Dobrada maravilhosa foi esta; uma foi refletir a vida àqueles inocentes, porque com ela receberam a vida da graça; outra foi restituí-los à morte; porque com ela receberam a vida eterna. bem vai aprendendo o discípulo daquele seu grande mestre José.[259]

Em outras duas ocasiões, sobreviveu o breviário de João de Almeida, de forma milagrosa, tanto ao fogo como à água:

> Foi o segundo caso Maravilhoso, que ateando os índios fogo em parte daquela campina, (costume seu, afim de tomar certa casta de caça, que chamam *Pereâs*) laureando este por toda ela. Queimando tudo, perdoou só a um breviário do padre João de Almeida, que por inadvertência ali lhe ficara: o qual depois sendo buscado, foi achado naquele lugar, sem lesão alguma, sendo que tudo o mais em contorno ficara abrasado. Caso segundo de que ficaram admirados os índios, e segunda lição, que aprendendo o nosso discípulo de seu grande mestre José. Sabem em elemento mais superior, de quem se conta, que caindo-lhe o breviário na água, não se molhou. O primeiro português, além dos índios, que teve notícia destes casos, foi Manoel Preto, morador em São Paulo, de quem acima já falamos.[260]

Mas há mais. João de Almeida desapareceu e reapareceu miraculosamente durante uma parada no litoral paulista, entre São Sebastião e a Vila de Santos:

> E foi assim. Costumava o padre João de Almeida, quando indo caminho, chegava a paragem onde havia de deter-se, retirando-se a lugar secreto, a tratar desembaraçadamente com Deus. Eis que tomando porto em certa ilha, chamada pela língua dos índios *Boiuçù-acanga*, entre a de São Sebastião e a Barra da vila de Santos, depois de jantar, segundo seu pio costume, se retirou ao mato a orar; e foi tão de espaço, que sendo tempo de partir, não aparecia. Mandou o padre companheiro dos índios a busca-lo por uma e outra parte da ilha, e por mais que discorreram tempo notável, não foi achado. Via-se o companheiro em grande aflição, imaginando se por ventura cairia de algum penedo ao mar ou seria acometido de alguma onça. Tratava já de embarcar-se, senão quando de improviso ouve o Índio Silvestre Rodriguez, (que

[259] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 66-67.
[260] Ibidem, p. 68-69.

> estava tendo mão na canoa) a voz do padre, que dizia: "Aqui estou. Aqui estou presente"; e de repente, apareceu ali à vista de todos, vindo por modo invisível, sem ninguém saber donde, tendo todos o caso por maravilhoso, por quanto ainda que era factível buscando na ilha, não o acharem. Era, contudo, impossível aparecer de repente entre tantas pessoas que ali estavam, sem nenhuma ter vista dele, senão depois de o padre se manifestar com suas palavras.[261]

E levitou sobre as águas, tal como Cristo, quando viajava do porto de Santos para o de São Paulo, em uma pequena e frágil canoa, muito mal acomodada:

> Não menos nos persuade que o foi a notável presteza, com que voltou o servo de Deus e outras raras circunstâncias, que teve na volta, que faz para São Paulo; porque não havendo embarcação em que pudessem vir os dois religiosos, mais que uma pequena canoa, tão mal acomodada, que parecia temeridade entregar-se ao mar, em coisa tão frágil. [...] Assim, com a mesma, se entregou aos mares, e esperou chegar ao porto ordenado por ela, como com efeito chegou ao de Santos; e daí a sua querida terra de São Paulo (não sem admiração dos que souberam este caso), porque a canoa nem parecia que andava, senão que voava, sem nunca arribar, nem tomar outro porto algum, como é ordinário. Pasmados em tudo o companheiro, e atribuindo-o a sucesso mais que humano.[262]

Curas são muitas. O caso de Grimaneza, moça gentia da terra, doente de um grande mal não identificado e cega de ambos os olhos, é um dos muitos narrados por Vasconcelos:

> Sucedeu que estando a dita enferma em termos de tanta aflição, entrou na casa onde estava o padre João de Almeida a pé, com sua rede em que dormia as costas dependurada em seu bordão (modo com que costumava andar nas missões, correndo as fazendas dos moradores a confessar, e sacramentar lhes seus escravos); e depois de consolar pela língua, preparar e confessar, segundo seu costume, a enferma e cega pôs lhe a mão sobre a cabeça e disse-lhe assim: "Grimaneza, está contente, que logo há de ter saúde e vista nos olhos". Ó virtude divina! O mesmo foi erguer-se o padre do lugar, que levantando-se Grimaneza sã, e com vistas de ambos os olhos; e com a mesma saúde e vista vive hoje, quando isto escreveu, e bem lembrada de caso tão notável, que todos foi tido por milagroso, e como tal, jurado no processo autêntico já dito desta vila.[263]

Outro caso diz respeito a Esperança Camacha, mulher de um tal Francisco Rodrigues, que enfrentava um parto difícil e já não respondia mais aos medicamentos:

> Chamaram logo ao padre João de Almeida para confessá-la por fim da vida. Chegou o padre, confessou-a, e depois disto, lançou lhe uma benção, e de improviso, recolheu a criança o bracinho que tinha de fora, compôs-se, e nasceu imediatamente sem perigo algum, com espanto de todos, que julgam o caso por milagroso [...].[264]

---

[261] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 162.
[262] Ibidem, p. 168.
[263] Ibidem, p. 173.
[264] Ibidem, p. 174.

Almeida, como se depreende da leitura de Vasconcelos, em nada ficou a dever a Anchieta e Nóbrega, quando se tratava de interceder junto a Deus pelos fiéis; a fama dos seus feitos milagrosos, todavia, ao contrário da suscitada pelos de Anchieta, teve vida mais curta na memória popular e menor impacto sobre os fiéis.

Nóbrega, Anchieta e Almeida, no entanto, não foram os únicos varões que intermediaram milagres nas terras do Brasil. Houve outros. Menos expressivos, sem dúvida, mas que merecem ser mencionados. Um deles é o padre André de Almeida, cuja história de vida se sabe muito pouco, salvo que foi membro da Companhia de Jesus e operou alguns milagres através de suas relíquias, como narrou o mais importante biógrafo dos inacianos, Simão de Vasconcelos:

> Outro varão insigne, dos que concorreram nas sobreditas aldeias com o irmão João de Almeida, foi o venerável padre André de Almeida, de muita saudosa memória em toda esta província. [...] Dele se contam muitos sentimentos de Deus e casos proféticos. Acabo com dizer, que tinha tal conceito de sua santidade o nosso Almeida, sujeito principal desta história, que trazia um dente seu, por relíquia, nestes últimos anos de sua idade; e que com este obrou alguns casos maravilhosos, aplicando-o a alguns doentes. Se foi em virtude de um ou de outro Almeida, nem é fácil de averiguar; mas só sabemos que um Almeida os atribuía ao outro e que o povo os atribuía a ambos. De Almeida à Almeida, pouca diferença vai; e se ambos se equivocavam nos nomes, não é muito não se distinguem nas virtudes.[265]

Outro varão conhecido por interceder milagres foi o padre inaciano João Lobato, que, de acordo com Simão de Vasconcelos, possuía o dom das profecias, da cura, da bilocação e de controlar os elementos naturais:

> Do espírito de sua profecia se contam muitos casos, como também da virtude de mãos com que curava a muitos. Foi visto juntamente em dois lugares. Obedeceram-lhe outras vezes os elementos; e finalmente, foi varão tal, que como santo, se atreveu a demasiada devoção de um amigo seu, a levantar-lhe uma capela debaixo do nome de São João.[266]

Assemelhava-se a Francisco Xavier que, pela graça divina, sabia localizar no meio dos homens aqueles que mais precisavam se confessar dos pecados cometidos:

> Porque se a um São Francisco Xavier comunicou Deus a Graça de conhecer os corações humanos, descobrindo lhe os mais íntimos pensamentos que neles passavam, como quando conheceu o pecado oculto de um João de Eiró, não consentindo que fizesse certa obra, até primeiro se não confessar dele. O mesmo sabemos sucedeu também ao padre Lobato com certo oficial, que trabalhava na sua aldeia, revelando-

[265] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 36 e 37.
[266] Ibidem, p. 45.

> lhe Deus um pecado em que o oficial tinha caído, dizendo-lhe também o padre que não professe mão na sua obra, sem que primeiro se fosse confessar do pecado que em tal parte cometera. Não negou o delinquente sua culpa, mas antes arrependido, se foi logo a confessar dela, confessando também com espanto ao padre Lobato, por descobridor de Corações.[267]

Em certa ocasião, do mesmo modo que São Bento reconstituiu um jarro da ama que o seguia, que havia se quebrado, João Lobato consertou o alguidar despedaçado de uma moça que estava em prantos:

> E se de um São Bento sabemos que com a lástima da ama, que o seguia (que chorava inconsolavelmente a perda de um jarro curioso de barro, que quebrara), tomara o santo em suas mãos os pedaços do jarro e unindo-os milagrosamente, lhe tornara a restituir inteiro. O mesmo também é sabido e celebrado de muitos nesta província, obrou Deus em semelhante caso, por meio do padre João Lobato. Porque lastimado das lágrimas com que uma pobre moça chorava em certa ocasião a perda de um alguidar que quebrara, ajuntou o padre os pedaços uns aos outros, e ligado entre si por virtude divina, lhe entregou à moça o alguidar como de antes estava, sem lesão alguma.[268]

Lobato, tal como Jesus Cristo, São Raimundo, Manuel da Nóbrega e João de Almeida, também andou sobre as águas sem se molhar, segundo relata Vasconcelos:

> De um São Raimundo, lemos que levado de particular impulso do divino espírito passara a fé enxuto sobre as águas do mar. O mesmo sucedeu também ao padre Lobato, quando indo caminho, se aposentou em certa ilha com seus índios, e levado de seu grande espírito de oração (que pelo grande reboliço daquela gente, não podia ter tão perfeitamente como queria), passou a pé enxuto um braço de mar sobre as águas, a outra ilha, onde foi depois achado em oração, com espanto e admiração de todos os índios.[269]

E, coisa mais surpreendente, em certa ocasião, ficou submerso por um espaço considerável de tempo, sem dar qualquer sinal de afogamento:

> E se ao venerável padre José de Anchieta, ornamento singular desta província e de toda a América, fez Deus o favor de o conservar por longo tempo ileso debaixo das águas de um rio, com portento maravilhoso de sua mão, até o restituírem os índios, daí a grande pedaço de terra. O mesmo usou também com o padre Lobato, caindo em um rio arrebatado, e conservando o Deus no fundo de suas águas por muito considerável espaço, sem receber dano algum, até que os índios o tiraram, admirados de tão grande maravilha.[270]

---

[267] VASCONCELOS, Simão de. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658. p. 153.
[268] Ibidem, p. 154.
[269] Ibidem.
[270] Ibidem.

Entre os varões menos conhecidos, citados de maneira dispersa no período colonial, pode-se ainda acrescentar frei Pedro (?–?), acerca de quem nada se sabe, salvo que era muito afamado na região da ermida de Nossa Senhora da Penha. Depois de sua morte, durante a transladação de seus ossos, realizou muitos milagres nos enfermos que tocaram nos seus restos mortais, especialmente os que sofriam de febre, como relatou frei Vicente de Salvador, na sua "História do Brasil (1500–1627)":

> Nesta ermida esteve antigamente por ermitão um frade leigo da nossa ordem, asturiano, chamado frei Pedro, de muita santa vida, como se confirmou em sua morte, a qual conheceu alguns dias antes e se andou despedindo das pessoas devotas, dizendo que, feita a festa de Nossa Senhora, havia de morrer. E assim sucedeu, e o acharam morto de joelhos e com as mãos levantadas como quando orava, e na transladação de seus ossos desta igreja para o nosso convento, fez muitos milagres, e poucos enfermos os tocavam com devoção, que não sarem logo, principalmente de febres, como tudo consta do instrumento de testemunhas que está no arquivo do convento.[271]

O venerável irmão Fr. Antonio de S. Gregório (?–1732), natural do Couto de Capaeiros, que habitou o Convento de Santo Antonio, no Rio de Janeiro, foi outro varão muito afamado pelos milagres realizados através de suas relíquias sagradas. Relata o frei Apolinário da Conceição (1692–1755), no livro "Primazia Seráfica na regiam da América", que "seu corpo ficou depois de morto brando e tratável, do qual cortou o povo, que concorreu às suas exéquias, os cabelos da cabeça; e do hábito, corda, e panos menores, que o cobria, não deixaram nada"[272]. Tais relíquias, posteriormente, produziram inúmeras curas:

> Obrou Deus por este servo obras maravilhosas em vida. E depois de sua morte, com o contato dos pedacinhos de seu hábito, tem alguns doentes cobrado saúde, como consta do processo autêntico de testemunhas, que por parte da Religião se está tirando, de que eu sou o escrivão, e de que poderá aqui dizer muito, senão pedira brevidade a ordem que seguimos.[273]

Igualmente afamado foi o padre Belchior de Pontes (1644–1719), descrito como intercessor de alguns milagres na "Vida do venerável padre Belchior de Pontes", publicado em 1752 pelo padre Manuel da Fonseca. Filho de Pedro Nunes de Pontes (?–?) e de Ignes Domingues Ribeira (?–?), era de linhagem humilde; seu biógrafo relatou alguns milagres que

---

[271] SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918. p. 96-97.

[272] CONCEIÇÃO, Frei Apolinário. **Primazia seráfica na regiam da América, novo descobrimento de santos, e veneráveis religiosos da ordem Seráfica, que enobrecem o Novo Mundo com suas virtudes, e acçoes**. Lisboa ocidental: oficina de Antonio de Souza da Silva, 1733. p. 242.

[273] Ibidem, p. 241.

operou após a morte, como a cura de Leonor de Siqueira (?–?), que sofria com uma picada de cobra:

> Mandou Leonor de Siqueira ao mesmo sítio uma mulher de sua casa e com tão má sorte a despachou, que foi picada no caminho de uma cobra; mas esta desventura remediou o mesmo Antonio Pinto, pondo lhe na ferida o antídoto, que na sua oração estava depositando contra semelhantes venenos, e só com ele ficou inteiramente são.[274]

As relíquias de Pontes também curaram José Correa Leite (?–?), que padecia de um mal crônico, que o atormentava anualmente, durante meses:

> Mas tanto que acertou a trazer consigo uma boceta de tabaco, que foi do uso do padre Belchior de Pontes. Cobrou tal saúde, que são passados já onze anos, sem que tornasse a padecer semelhantes enfermidades, gozando em todo este tempo uma saúde admirável, como se naquela boceta trouxera o antídoto contra todas as enfermidades.[275]

E o contato com seu breviário curou Catharina Blanca (?–?), que sofria de fluxo de sangue e fastio, pois não encontrava mais remédios que aliviassem o seu mal:

> Compadecido dela o reverendo padre Antonio Moniz Mariano, vigário na freguesia de Santo Amaro, lhe mandou um registro que tinha servido no breviário do padre Belchior de Pontes, que ele tem. Mandou-lhe dizer que o beijasse e aplicasse ao ventre, prometendo de ir à cidade beijar a sua sepultura e confessar-se. Fez ela o que lhe mandaram e logo cobrou perfeita saúde; mas faltando à promessa, lhe repetiu o mal, ainda que não com tanta moléstia, como de antes.[276]

No já referido "Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco", escrito pelo padre beneditino Domingos de Loureto Couto, aparece a figura do Padre Paulo Teixeira (?–?), um varão que tinha fama de santo e era apelidado de São Paulo das Províncias do Sul:

> Tem o Senhor obrado em crédito das virtudes heroicas deste seu servo fiel muitos milagres. [...] Certa senhora das principais desta cidade, havia muito tempo que perdera uma joia de diamantes de grande valor e estimação. Pediu ao servo de Deus com fervorosas instâncias, que descobrisse a dita joia e lhe fez certa promessa. Logrou o fervor da sua fé o feliz efeito de que em menos de uma hora apareceu a joia perdida, com circunstâncias tais, que fizeram indubitável ser milagroso o achado.[277]

---

[274] FONSECA, Manuel da. **Vida do venerável padre Belchior de Pontes**. Lisboa: officina de Francisco da Silva, 1752. p. 263.
[275] Ibidem, p. 263-264.
[276] Ibidem.
[277] COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 293.

Couto relata, ainda, que muitos fiéis, vítimas de males os mais variados, beneficiaram-se das relíquias do padre Paulo Teixeira:

> Duas mulheres que padeciam fluxo de sangue, tocando-se com as relíquias do servo de Deus, ficaram inteiramente sãs do seu penoso achaque. Muitas pessoas, que padeciam chagas pútridas, fistulosas, corrosivas e gangrenosas, aplicadas as relíquias, sararam de repente. Outros, que padeciam veementes dores de cabeça e outras rebeldes, e inveteradas enfermidades, sem que para seu alívio bastassem humanos remédios pela intercessão do servo de Deus, e contato das suas relíquias, conseguiram ver-se livres de seus achaques. Tem corrido a voz destas maravilhas por todas as partes e são de cada dia maiores os cursos dos que pedem relíquias das coisas de seu uso, publicando repetidos prodígios. Deus Senhor Nosso seja servido de manifestar tudo para honra e glória sua, bem e edificação dos fiéis.[278]

Outro mencionado por Couto é o Padre varão João Alvares da Encarnação (1634–?), um religioso nascido em 4 de março de 1634, em Tracunhem, freguesia de Santo Antonio, no seio da ilustre família dos Taveiras. Acerca desse varão, circulava, segundo Couto, a seguinte história:

> Sendo o varão de Deus chamado para administrar os sacramentos a um enfermo de perigo e que vivia em distância de seis léguas, chegando as margens de um dos muitos rios que fertilizam a campanha, viu que as águas iam mui rápidas e profundas pela crescente ocasionada das chuvas, e não se atreveu a tentar o vão, em que reconheceu manifesto perigo se resolvesse a passa-lo a pé. Achando-se confuso à margem do rio, reparou que estava passando na ribeira um poldro e chegando-se a ele, o achou de tanta mansidão, que tomou a resolução de montar nele para passar o rio. Entrou pelo rápido e profundo das correntes, arrebataram estas o bruto, e o levaram a um profundo redemoinho que faziam as águas, donde dando algumas voltas, o sorveram, desaparecendo aos olhos dos índios, que o acompanhavam. Voltaram estes para a sua povoação tão tristes, como certos da morte do seu padre, e dando a seus companheiros notícia deste a seu parecer funesto sucesso, saíram todos a vadear o rio para descobrir o corpo. Neta diligência, passaram toda noite e parte do seguinte dia, sem acharem o que procuravam; e quando já determinavam voltar para a sua aldeia, viram não sem grande admiração, que o servo de Deus aparecendo na ribeira contrária, entrou pelas correntes, se submergiu nas águas e caminhando pelo mais profundo, saiu à terra não só com vida livre, senão com os hábitos seco e enxutos, sem sinal de humidade alguma.[279]

Mais adiante, relata Couto o caso do capitão Carlos Ferreira (?–?), que, após levar um tiro no ombro e ser desenganado pelos médicos, foi salvo pela intervenção do padre santo João Alvares da Encarnação:

> O cirurgião lhe dava muitas poucas horas de vida, por não acertar a tomar-lhe o sangue. Tomou o servo de Deus por sua conta a cura da chaga e pondo lhe umas folhas de tabaco, atou o ombro com o lenço de seu uso e se retirou para a sua residência.

[278] COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 293-294.
[279] Ibidem, p. 317-318.

> Sentiu logo grande alívio e que acalmavam suas terríveis dores, deixando livre o movimento do braço, e restituído a suas vigorosas forças. Clamava dizendo estar perfeitamente são e que lhe desatasse a atadura das feridas; e assim se executou, e com admiração de todos, que estavam lastimados da sua fatalidade, se acharam serrados os ossos inteiros, com um sinal leve das cicatrizes.[280]

João Alvares da Encarnação, relata Couto, ainda curou um índio, que perdera a visão em um acidente, com a sua saliva:

> Compadeceu outra vez o varão de Deus dos extremos lastimosos de um rapaz índio, que subindo a uma laranjeira, se lhe cravou pela pupila do olho direito um espinho, o tirou com brandura, e pondo lhe da sua saliva, calmaram no mesmo ponto as dores, que eram vermelhíssimas. Se cerrou a ferida, sem ficar cicatrizes alguma, e só ficou um pequeno sinal vermelho como para rubrica deste milagre.[281]

Na "continuação às memórias de outros varões ilustres em santidade", Domingos de Loureto Couto relata, brevemente, algumas histórias envolvendo o padre Felipe Bourel (?–?), da Companhia de Jesus, outro com laivos de santidade. Pouco se sabe da história de vida desse varão, salvo que era natural da Alemanha e que obrou um milagre raríssimo, ressuscitando um filho de uma índia:

> Entrando na aldeia do Apodi, achou uma índia que, com lágrimas incomparáveis, chorava a morte de um seu filho, que falecera sem batismo e fora enterrado no campo. Lastimado o coração compassivo do servo de Deus deste lastimoso sucesso, e instado do poderoso instinto da caridade, rogou que desenterrassem o corpinho; e sendo assim executado, e trazido a sua presença, o recebeu nos braços, e pondo-se em oração, ressuscitou o menino; e depois de o batizar, o entregou a sua mãe, e foi Deus servido que sobrevivesse alguns dias, resultando deste prodígio glória a majestade divina, grande opinião para o servo do Senhor, e edificação dos fiéis. Este milagre se vê primorosamente retratado em um quadro que se conserva na igreja da dita aldeia.[282]

Couto cita, ainda, um tal irmão Domingos (?–?), varão pouco conhecido, acerca do qual restaram somente umas poucas informações sobre as suas curas:

> No convento de Nossa Senhora do Desterro de Olinda, de Carmelitas Descalços, viveu e morreu santamente o irmão Domingos. A fama de suas virtudes levantou mais animosa suas vozes, vendo sua santidade contestada com milagre. Obra o Senhor nos que com piedosa se visitam seu sepulcro muitas maravilhas, e com especialidade, experimentam a eficácia do seu patrocínio os que padecem febres intermitentes.[283]

---

[280] COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904. p. 318.
[281] Ibidem.
[282] Ibidem, p. 350-351.
[283] Ibidem, p. 351.

Esses e outros varões insignes missionários foram figuras que suscitaram grande devoção popular no período colonial; suas histórias de vida, suas virtudes e os milagres que intermediaram, relatados na produção escrita do período, perpetuaram-se na memória dos colonos e colaboraram para criar, ao longo de três séculos, um clima propício para a religiosidade católica no novo mundo português. Diferentemente daqueles milagres intermediados pelos mártires, os milagres intermediados pelos varões missionários não foram majoritariamente milagres de enunciação, mas também de cura e de salvação. Todavia, tal como ocorrera com os mártires no século anterior, no decorrer no século XVIII, os varões missionários, pertencentes, sobretudo, à Companhia de Jesus, deixaram de ser os principais intermediadores requisitados nos momentos de dificuldade, com exceção de José de Anchieta, que manteve sua fama e uma quantidade considerável de fiéis devotos. O clima contrário aos jesuítas, característico de meados do século XVIII, somado ao avanço das reformas tridentinas e à expansão do racionalismo e do cientificismo, explica parcialmente a diminuição das histórias de milagres intercedidos pelos varões relatados na literatura impressa da época. O lugar, porém, não ficou vazio. Com a saída de cena dos mártires e dos varões jesuítas, entraram no palco das devoções indivíduos menos conhecidos, pertencentes a outras ordens religiosas, que passaram a dividir espaço com os santos e santas clássicos do catolicismo apostólico romano, sempre muito requisitados pelos fiéis, e especialmente com Nossa Senhora e suas muitas aparições.

CONCLUSÃO

O catolicismo, como pudemos ver, fez parte da vida cotidiana dos colonos do Novo Mundo português, em especial o milagre, descrito recorrentemente nas narrativas impressas do período. O território foi cristianizado e a crença na possibilidade da interferência portentosa de um só Deus no mundo terreno foi concebida como possível pelos mais diversos povos que habitaram o Brasil. Orar, na esperança de obter um milagre, tornou-se tão comum naquele período que, para tentar resolver percalços simples do cotidiano, como encontrar objetos de valor perdidos, ou resolver problemas de maior monta, como vencer uma batalha contra os hereges, os católicos não hesitavam em rogar aos Céus através dos intercessores.

O milagre, como procuramos demonstrar, expressava um evento extraordinário e inexplicável pelas leis naturais, e seus principais divulgadores eram os homens da igreja, homens que, pela posição social que ocupavam, tinham legitimidade e meios para propagá-los. Através de missas, cartas, crônicas, tratados, sermões, dicionários, livros moralizantes, vidas de santos, dentre outros escritos, os padres, na certeza de que isso reforçava e confirmava a fé no Deus católico, trataram de divulgar os milagres. Os leigos também deixaram os seus testemunhos de milagres, mas, diferentemente dos padres, utilizaram a via oral e as tábuas votivas, pinturas feitas em pequenos quadros de madeira, expostas nas igrejas em agradecimento às graças alcançadas.

O autor dos milagres, de acordo com a teologia católica defendida pelos padres e por muitos fiéis, era sempre Deus. No entanto, uma parte dos católicos atribuía tal poder aos intercessores, o que era condenado pela igreja e, recorrentemente, reprovado na produção escrita do período, defensora de que só o Criador possuía a capacidade de interferir no mundo terreno e alterar, momentaneamente, suas leis. O milagre era imprevisível para os homens, mas estava nos planos de Deus e era sempre esperado, pois muito frequente no dia a dia dos fiéis. De acordo com Antônio Vieira, extrapolava o tempo natural dos acontecimentos, mas não transformava a matéria em algo totalmente diferente: o milagre consistia numa mudança temporal, não material.

Qualquer ser vivo poderia receber portentos, mas, se fossem humanos, isso dependeria do nível da comunhão individual com os valores cristãos: quanto mais próximo da moral católica, maior era, também, a chance de ser agraciado com um milagre. Do mesmo modo, quanto menos respeitoso aos valores católicos era o fiel, maior era, também, a chance de ele receber um castigo divino. Os agraciados aparecem pouco nas narrativas, sendo muitas vezes referido somente o seu gênero e os grupos sociais a que pertenciam. Os agraciados mais

frequentes, descritos nas fontes analisadas, foram os padres, especialmente os missionários com fama de intercessores, seguidos dos índios, negros africanos e dos animais. No século XVIII, porém, apesar dessa divisão persistir, houve uma maior flexibilização dos agraciados, já que o catolicismo estava relativamente estabelecido no Brasil e os mártires missionários tinham ficado para trás.

Os milagres relatados ocorreram em maior quantidade nas igrejas, conventos e túmulos, e quase sempre durante as missas ou nos momentos de grande perigo. O mapeamento detalhado desses locais e situações privilegiadas para a ocorrência de milagres permitiram demonstrar que, de certo modo, havia um lugar e uma hora corretos para se obter um favor de Deus, um milagre.

Os tipos mais comuns de milagres foram os de "cura", que agraciavam os sofredores de males do corpo, os de "salvação", que tiravam os fiéis de situações perigosas, os "milagres de castigo", que constituíam milagre para os católicos e castigo para os contrários, e os milagres que agrupamos sob o rótulo de "milagres de enunciação", irrompidos para afirmar a grandiosidade divina, indicar a santidade de alguém ou transmitir alguma mensagem dos Céus.

Já no tocante aos intercessores, os santos e santas oficialmente canonizados pela igreja, como as diversas Nossas Senhoras, São Sebastião, Santo Antônio, São Thomé, entre outros, foram os mais frequentes; as relíquias dos santos, como pedaços de ossos, panos, barretes, diários, cartas ou até mesmo elementos naturais, como fontes e árvores tocadas por um santo, vieram, logo a seguir, as almas do purgatório, que ganharam destaque especialmente durante o século XVIII, quando ocupavam um lugar mais modesto.

Os mártires e varões missionários, indivíduos que defenderam o projeto católico no Brasil, tiveram os seus milagres descritos recorrentemente na literatura impressa, sobretudo a produzida no século XVII. Na do século XVIII, no entanto, foram gradualmente perdendo fama, concomitantemente ao aumento do reconhecimento de outros personagens, tornando o grupo dos intercessores mais diversificado e as narrativas de milagres menos carregadas de tons épicos e gestos heroicos. Aos mártires foram associados, em maior monta, os milagres de "enunciação", e aos varões missionários, uma gama mais diversa de portentos.

Em linhas gerais, os elementos relacionados ao milagre não variaram muito ao longo dos três séculos que percorremos. Mesmo em meados do século XVIII, durante o fortalecimento das tendências antirreligiosas, que ganharam relativa adesão em Portugal e na colônia, especialmente entre uma elite letrada, a crença nos portentos adaptou-se e manteve número significativo de crentes católicos. Os colonos, usufruindo dos tímidos avanços científicos trazidos do Velho Mundo, não deixaram de orar aos intercessores padroeiros quando possuíam

algum problema aparentemente irresolúvel, presente desde os primórdios da colonização. O milagre, portanto, foi o principal recurso buscado pelos colonos frente aos muitos e variados problemas de uma sociedade em formação.

REFERÊNCIAS

A. DOCUMENTOS

ANCHIETA, José de. Informações do Brasil e de suas Capitanias. In: MACHADO, A. de Alcântara. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

BÍBLIA sagrada. Disponível em: https://www.bibliaonline.com.br/acf. Acesso em: mar. 2019.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico [...]. Coimbra: no Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa: na officina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1712 - 1721. 8 vols.

CABRAL, Antonio S. J. ***Relación del martyrio de los quarenta martyres de la Compañia de Jesus. Vida del venerable martyr p. Ignacio Acevedo, su superior martyrizados por los hereges Calvinistas, enodio de la santa fè catholica. Sacada de los processos originales hechos para su p. Antonio Cabral***. Madrid: em la imprenta y libreria de Manuel Fernandez, 1744.

CALADO, Manuel (1648). **O valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade [...]**. São Paulo: Edições Cultura, 1945, parte I, Tom. 2.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. 2. ed. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

CARTA do Dr. Pero Borges a D. João III, Rei de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1.

CARTA do Ir. António Blázquez aos Padres e Irmãos de Coimbra In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2.

CARTA do Ir. António Rodrigues aos padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1.

CARTA do Ir. José de Anchieta ao P. Diogo Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 3.

CARTA do Ir. Diogo Jácome aos Padres e Irmãos de Coimbra: In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1.

CARTA do Ir. José de Anchieta [Ao provincial de Portugal]. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2.

CARTA do Ir. José de Anchieta ao Geral P. Diego Laines. In: ANCHIETA, José de. **Cartas**: Correspondência ativa e passiva. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

CARTA do Ir. José de Anchieta ao P. Inácio de Loyola. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2.

CARTA do Ir. Pero Correia ao P. Brás Lourenço. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2.

CARTA do IR. Pero Correia ao P. Simão Rodrigues. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1.

CARTA do Ir. Vicente Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1.

CARTA do Irmão Vicente Rodrigues por comissão do governador do Brasil Tomé de Souza ao padre Simão Rodrigues. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1.

CARTA do P. António Blázquez ao P. Diego Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3.

CARTA do P. Brás Lourenço aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2.

CARTA do P. João de Melo ao P. Gonçalo Vaz de Melo. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3.

CARTA do P. Juan de Azpilcueta Navarro aos padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2.

CARTA do P. Leonardo do Vale, por comissão do P. Luís da grã, ao P. Diego Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3.

CARTA do P. Leonardo Nunes ao P. Manuel da Nóbrega. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956. v. 1.

CARTA do P. Manuel da Nóbrega a Tomé de Sousa, antigo governador do Brasil. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3.

CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao P. Miguel de Torres e Padres e Irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3.

CARTA do P. Manuel da Nóbrega ao P. Simão Rodrigues, de Lisboa. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, vols. 1 e 3.

CARTA do P. Miguel de Torres ao P. Diego Laynes. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3.

CARTA do P. Rui Pereira aos Padres e Irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3.

CARTA do Padre Ambrósio Pires aos Padres e irmãos de Coimbra. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2.

CARTA do Padre João de Melo ao P. Gonçalo Vaz de Melo. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 3.

CARTA do padre José de Anchieta ao padre geral Diogo Lainez. In: VIOTTI, Hélio Abranches. **Cartas**: correspondência ativa e passiva. São Paulo: edições Loyola, 1984.

CARTA dos meninos órfãos [Escrita pelo P. Francisco Pires] ao P. Pero Doménech. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 1.

CARTA trimestral de maio a agosto de 1556, pelo Ir. José de Anchieta. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v. 2.

CAXA, Quirício. **Milagres de enunciação do século XVI**: Vida e morte do Padre José de Anchieta. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura/Cultural Vida, 1957.

_____. **Vida e morte do Padre José de Anchieta**. Introdução e aparato crítico de Joaquim Ribeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Geral de Educação e Cultura /Cultural Vida, 1957.

CONCEIÇÃO, Frei Apolinário. **Primazia seráfica na regiam da América, novo descobrimento de santos, e veneráveis religiosos da ordem Seráfica, que enobrecem o Novo Mundo com suas virtudes, e acçoes**. Lisboa ocidental: na oficina de Antonio de Souza da Silva, 1733.

COUTO, D. Domingos do Loreto. **Desagravos do Brasil e glórias do Pernambuco**. Rio de Janeiro: Oficina Typographica da Biblioteca Nacional, 1904.

FONSECA, Manuel da. **Vida do venerável padre Belchior de Pontes**. Lisboa: Na officina de Francisco da Silva, 1752.

GUERREIRO, Bartolomeu. **Gloriosa Coroa d'esforços religiosos da Companhia de Jesu mortos polla fé catholica nas Conquistas dos reynos da Coroa de Portugal. Composta pelo P. Bartholomeu Guerreiro da mesma Companhia**. Lisboa, Antonio Alvarez, impressor del Rey nosso Sñor, 1642.

HISTÓRIA do mui nobre Vespasiano, Imperado de Roma (1496). Organizado por José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2010.

INFORMAÇÕES das terras do Brasil do P. Manuel da Nóbrega. In: LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, v.1.

JABOATÃO, Antonio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasílico, ou Chronica dos Frades Menores da Providencia do Brasil**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense de Maximiliano Gomes Ribeiro, 1859-1862, 3 vols.

JESUS, Frei Raphael de. **Castrioto lusitano, ou, Historia da guerra entre o Brazil e a Hollanda, durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes:** obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Vieira, e dos valorosos capitães que com elle conquistarão a independencia nacional. Paris: J. P. Aillaud, 1844.

MACHADO, José Barbosa. **Dicionário dos primeiros livros impressos em Língua Portuguesa**. Braga: Createspace, 2015, 3 v.

MARIA, Agostinho de Santa. **Santuario Mariano, e Historia das Imagens milagrosas de Nossa Senhora [...]**. Tomo Nono e Décimo. Lisboa: Oficina de Antonio Pedrozo Galram, 1707-1723.

MATOS, Gregório de. Ao padre Lourenço Ribeiro, homem pardo que foi vigário da freguesia do Passé. In: **Poemas escolhidos de Gregório de Matos**. Seleção e prefácio de José Miguel Wisnik. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. Teresa. In: **Obra poética**. 4. ed. Rio de janeiro: Record, 1999, p. 613-628.

MENDONÇA, Heitor Furtado de. **Primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil:** denunciações da Bahia, 1591 – 1593. Introdução de Capistrano de Abreu, São Paulo: Paulo Prado, 1925.

MENEZES, D. Francisco Xavier de. **Oração fúnebre nas exéquias do reverendíssimo padre Antônio Vieira**. Lisboa ocidental: Na oficina de Joseph Antônio da Sylva, 1730.

NAVARRO, Azpilcueta *et al*. **Cartas avulsas: 1550-1568**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PARISIENSIS, Guilhermus (1497). **Evangelhos e epístolas com suas exposições em romance**. Organizado por José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2010.

PEREIRA, Nuno Marques. **Compendio Narrativo do Peregrino da America, Em que se Tratam Varios Discursos espirituais, e moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brasil**. Offerecido a Nossa Senhora Da Victoria, Imperatriz do Ceo, Rainha do Mundo, e Senhora da Piedade, Mãy de Deos. Lisboa: Officina de Antonio Vicente da Silva, 1760.

PITA, Sebastião da Rocha. **História da América Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o ano de mil e setecentos e vinte e quatro [...].** Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Silva, Impressor da Academia Real, 1730.

ROCHA, Manuel Ribeiro (1758). **Etíope resgatado, empenhado, sustentado, corrigido, instruído e libertado**. Organizado por Jean Marcel Carvalho França e Ricardo Alexandre Ferreira. São Paulo: Unesp, 2017.

RODRIGUES, Pero. Vida do padre José de Anchieta. In: **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, v. 19, 1897. p. 39.

_____. **Vida do padre Joze de Anchieta da Companhia de Jesu**. Quinto Provincial que foy da mesma Companhia no Estado do Brazil. Escritta pello padre Pero Rodriguez da mesma Comp. Theologo, natural d' Évora e sétimo Provincial da mesma Provincia, 1607, manuscrito.

ROIZ, Pero. **Vida do Padre Joze de Anchieta da Companhia de Jesu. Quinto Provincial que foy da mesma Companhia no Estado do Brazil**. [1609?]. (BNP, microfilme F. 4133).

SALVADOR, Vicente de. **História do Brasil (1500-1627)**. São Paulo; Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1918.

SAXÓNIA, Ludolfo de (1495). **Vita Christi**. Organizado por José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2013, 3 vols.

SCHULLER, Rodolpho R (trad.). **A Nova Gazeta da Terra do Brasil (Newen Zeytung auss Presillg Landt) e sua origem mais provável**. In: Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, vol. XXXIII, 1915.

SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza [...]**. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789, 2 vols.

SEQUEIRA, Ângelo de. **Botica Preciosa, e Thesouro Precioso da Lapa, Em que como em Botica, e Thesouro se achão todos os remedios para o corpo, para a alma, e para a vida [...]**. Lisboa: Na Offic. de Miguel Rodrigues, 1754.

_____. **Pedra Iman da novena da milagrosíssima Senhora da Lapa**. Porto: Oficina Episcopal do Capitão Manoel Pedroso Coimbra, 1753.

SOARES, Francisco. **Coisas notáveis do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1966.

TELES, Baltasar. **Chronica da Companhia de Iesu na província de Portugal [...]**. Lisboa: Paulo Craesbeeck, parte I, 1645.

TESTAMENTO de Úrsula da Silveira. **Livro de Óbitos Freguesia do Sacramento** – Bispado do Rio de Janeiro. Imagem 10, 10 jul. 1701. Disponível em: https://familysearch.org. Acesso em: nov. 2019.

VASCONCELLOS, Simão de. **Chrônica da Companhia de Jesu no Brasil**. Lisboa: em casa do editor A. J. Fernandes Lopes, 1865.

_____. Livro primeiro da recopilação da vida do P. Joseph Anchieta da Companhia de Jesu. In: **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...].** Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672.

_____. Recopilação da vida do P. Joseph Anchieta. In: **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, Livro II, 1672.

_____. **Vida do Veneravel Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Iesu [...]**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1672.

_____. **Vida do P. Joam D' Almeida da Companhia de Iesu, Na Provincia do Brazil**. Lisboa: Officina Craesbeeckiana, 1658.

VERCIAL, Clemente Sánchez de (1488). **Sacramental**. Organizado por José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, 2010.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide [...]**. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva, impressor de Sua Magestade, 1719.

_____. **História da vida, e morte da madre sóror Victoria da Encarnação, Religiosa Professa no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia**. Roma: Estamparia de Joam Francisco Chagas, 1720.

VIEIRA, Antônio. Carta ânua ao Geral da Companhia de Jesus, 30 de setembro de 1626. In: HANSEN, João Adolfo. **Cartas do Brasil**. São Paulo: Hedra, 2003.

_____. Sermão do Santíssimo Sacramento. Pregado na igreja de Santa Engrácia em 1645. In: **Sermões I**. São Paulo: edições Loyola, 2008.

_____. Sermão de Santo Antônio. In: **Sermões do P. Antonio Vieira da Companhia de Jesu**. Lisboa: na officina de Miguel Deslandes, parte II, 1682 p. 137.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa (1798). **Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram**: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. 2ª ed. Revista, correcta e copiosamente adicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo. – Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865, 2 vols.

B. ESTUDOS

ABREU, Jean Luiz Neves. As tábuas votivas e a religiosidade popular nas minas do século XVIII. **História social**, Campinas, n. 11, p. 193-210, 2005.

_____. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII. **Revista brasileira de história**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 197-214, 2005.

ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira**. 2001. Disponível em: http://dicionariompb.com.br/padre-lourenco-ribeiro/dados-artisticos. Acesso em: nov. 2019.

AZZI, Rilando. **O episcopado do Brasil frente ao catolicismo popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. **O catolicismo popular no Brasil, Aspectos históricos**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

AZZI, Rilando; HOORNAERT, Eduardo; BRENO BROD, Klaus Van Der. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo. Primeira Época. Petrópolis: Vozes, 1983.

CASTRO, Marcia de Moura. **Ex-votos mineiros**: as tábuas votivas no ciclo do ouro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.

COUSIN, Bernard. ***Le miracle et le quotidien:*** *lese x-voto provençaux, images d'une société*. Aix-em-provence: Sociétés, Mentalités, Cultures, 1983.

CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras**: os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro – séculos XVI e XVII. São Paulo: Alameda, 2011.

DELOOZ, Pierre. *Towards a sociological study of canonized sainthood in the Catholic Church*. In: S. E. Wilson. **Saints and their cults**: studies in religious sociology, folklore and history. Cambridge, Londres, Nova York, Melbourne: Cambridge University Press, 1985.

FALCON, Francisco José Calazans; RODRIGUES, Claudia. **A época pombalina no mundo luso-brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

FARMER, David Hugh. ***The Oxford Dictionary of Saints***. New York: Oxford University, 1987.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

FEITLER, Bruno; SOUZA, Everton Sales. **A Igreja no Brasil**: normas e práticas durante a vigência das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. São Paulo: Unifesp, 2011.

FRAGOSO, João. **E as plantations viraram fumaça:** nobreza principal da terra, Antigo Regime e escravidão mercantil. História [online], v. 34, n. 2, p. 58-107, 2015.

HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-colônia 1550-1800**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Formação do Catolicismo Brasileiro 1550-1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **História da igreja no Brasil – Primeira época**. Petrópolis: Vozes, 1983.

LEITE, Serafim. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956, 3 v.

_____. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia,1938, 10 v.

LIMA, Murilo Cesar de. **Breve história da igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

MADEIRA, Angélica. **Livro dos naufrágios**: ensaio sobre a história trágico-marítima. Brasília: UnB, 2005.

MASSIMI, Marina. **Palavras, almas e corpos no Brasil colonial**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MAURÍCIO, Domingos. Beatos Inácio de Azevedo e 39 companheiros mártires. In: **Didaskalia**, v.8, p. 89-156, 1978.

MEGALE, Nilza Botelho. **Cento e doze invocações da Virgem Maria no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Santos do povo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MENDES, Paula Almeida. “Vidas”, “histórias”, “crónicas”, “tratados”: sobre a escrita e a edição de hagiografias e de biografias devotas em Portugal (séculos XVI-XVII). In: **Lusitania Sacra**, v. 28. p. 173-215, 2013.

MOTT, Luiz. Santos e santas o Brasil colonial. **Varia História**. Belo Horizonte: Departamento de História; Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Universidade Federal de Minas Gerais, n. 13, jun., 1994.

OSSWALD, Maria Cristina: O martírio de Inácio de Azevedo e dos seus trinta e nove companheiros (1570) na hagiografia da Companhia de Jesus entre os séculos XVI e XIX. In: **Cultura**, vol. 27, 2010, p. 163-186

PAIM, Antonio. **História do liberalismo brasileiro**. São Paulo: Mandarim, 1998.

PÉCORA, A. **Teatro do sacramento**: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994.

PRIORE, Mary del. **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. São Paulo: Ática, 1997.

RODRIGUES, Adair Carlos. **Poder eclesiástico e inquisição no século XVIII luso-brasileiro**: agentes, carreiras e mecanismos de promoção social. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. Santos e devotos no império ultramarino português. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 29, nov., 2009.

SANTOS, Fabrício Lyrio. ***Te deum laudamus***: a expulsão dos jesuítas da Bahia (1758–1763). Salvador, BA: Sagga, 2019.

SANTOS, Zulmira C. A literatura "hagiográfica" no Brasil do tempo do Padre Antônio Vieira: da Crônica da companhia de Jesus do estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do novo mundo (1663) às biografias devotas de Vasconcelos. In: **Românica**. N.º 17, 2008, p. 151-166.

_____. Em busca do paraíso perdido: a Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil de Simão de Vasconcellos, S.J. In: José Adriano de Freitas Carvalho (dir.), **Quando os frades faziam história, de Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcellos**. Porto, 2001, p. 145-178.

SCHMITT, Jean Claude. *La fabrique des saints*. **Annales,** *ESC*, v. 39, n. 2, p. 286-300, 1984.

SEMEÃO, Lucas de Almeida. A igreja e a fonte de Nossa Senhora d'Ajuda de Porto Seguro (1551-1761). In: Antônio Gasparetto e Ana Paula Dutra (Orgs.). **História**: espaço fecundo para diálogos 2. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020, p. 221-232.

FREITAS, Camila Corrêa e Silva de. **Divulgar a biografia de um santo:** os usos e as aproximações da figura de José de Anchieta no Brasil e na Europa (século XVII). Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em história social do departamento de história da Faculdade de filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.

SILVA, Manuel E. Altenfelder. **Brasileiros heróis da fé**. São Caetano do Sul: Santa Cruz, 2018.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura letrada e cultura oral no Rio de Janeiro dos vice-reis**. São Paulo: Unesp, 2013.

SOUZA, Laura de Mello e Souza. **O diabo e a terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. Os ex-votos mineiros. **Norma e conflito**: Aspectos da história de Minas no século XVIII. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

VAIFAS, Ronaldo. **Jerusalém colonial**: judeus portugueses no Brasil holandês. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

VAUCHEZ, André. Santidade. In: GIL, Fernando. **Enciclopédia Einaudi**. Versão portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. **As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)**. São Paulo: Alameda, 2017.

VIOTTI, Hélio Abranches. **A causa de beatificação do Vem. Padre José de Anchieta**. Rio de Janeiro: Mensageiro do coração de Jesus, 1953.

VOVELLE, Michel. Os ex-votos do território marselhês. In: **imagens e imaginário na história**. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a idade média até o século XX. São Paulo: Ática, 1989.

WOODWARD, Kenneth L. **A fábrica de santos**. São Paulo: Siciliano, 1992.

ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. **A construção de uma ordem colonial nas margens americanas do império português**: discussões sobre o bem comum na disputa de moradores e jesuítas pela administração dos índios (XVI-XVIII). Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.